

**APRESENTAÇÃO DA SÉRIE
LIDERANÇAS E DIRIGENTES DE ORGANIZAÇÕES NÃO SINDICAIS DE TRABALHADORES
RURAIS**

Nesta série estão as entrevistas com lideranças e dirigentes de diversos movimentos de trabalhadores rurais. São lideranças de base e também dirigentes regionais, estaduais ou locais.

Entrevistas disponíveis até o momento:

- Adelar Pizetta
- Ademar Bogo
- Alexina Crespo
- Alexsandro Batista dos Santos
- Antonia Melo
- Cícero Pereira Neto
- Edson (da Associação de Novo Horizonte)
- Elenar José Ferreira
- Élio Cabral
- Elizabeth Teixeira
- Estácio Moura de Oliveira (Domingos de Oliveira)
- Fernando Barjona de Moura
- Francisco Chiavon (Chicão) e Elenar José Ferreira
- Francisco Julião
- Geraldo Carlos Machado
- Gerson Teixeira
- Gilberto Azevedo
- Gilberto Portes
- Gilmar Mauro
- Jaime Amorim
- Janice Duarte
- Joana D'arc de Lima Corrêa
- João Bastos e Evanildes
- João Paulo Rodrigues
- João Pedro Stédile (várias entrevistas)
- João Silva
- Jorge Porfírio
- José Batista
- José Brum
- Levi de Itaboraí
- Lúcia Marina dos Santos

NÚCLEO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA SOBRE
MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO CAMPO
CPDA/UFRRJ

- Luis de Marapicu
- Luiz Zarref
- Manoel Martins
- Marcos Terena
- Maria Auxilidora Vieira dos Santos
- Maria das Neves dos Santos
- Maria de Fátima Lima Bandeira, Maria Oneide da Costa Lima, Elizabeth Teixeira, Santina Gracielle e Maria Pinheiro Pereira
- Maria da Penha, Eliete, Elisabete de Souza, Bete Almeida do Vale, Querubina, Maria Soares e Dilma
- Maria Gorete de Sousa
- Maria José França Barbosa
- Maria Lúcia da Cruz Pessanha
- Moisés (Associação de lavradores de Duque de Caxias)
- Pedro Renaux Duarte

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Adelar João Pizetta

DADOS BIOGRÁFICOS: Integrante da coordenação pedagógica da ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes e dirigente do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Beatriz Pasqualino e Maíra Kubík Mano

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Revista Sem Terra*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Na ENFF o conhecimento liberta consciências”

DATA: 30/12/2010

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.apz	06 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agronegócio
América Latina
Classe trabalhadora
Educação
ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes
Formação de lideranças
Formação política
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Pedagogia da alternância
Reforma agrária
São Paulo
Socialismo
Via Campesina

SUMÁRIO:

Apresenta as conquistas da ENFF como escola que trabalha a emancipação da classe trabalhadora; analisa o papel da ENFF no processo de formação de lideranças dentro dos movimentos sociais do Brasil e da América Latina; discorre sobre a ajuda da ENFF na luta por reforma agrária; trata das diferenças entre a ENFF e outras universidades/escolas, principalmente em seu processo organizativo e político-educacional; discorre sobre as parcerias com universidades com base na pedagogia da alternância; apresenta as reações contra o discurso da classe dominante que tenta evitar que o sem terra estude nas universidades com cursos diferenciados; manifesta como se deu a construção da estrutura física da ENFF; expõe o relacionamento da ENFF com a comunidade do entorno da escola, no município de Guararema, SP; trata das dificuldades financeiras e da rede de apoio da ENFF.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Ademar Bogo

DADOS BIOGRÁFICOS: Catarinense e residente na Bahia, membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. É um dos principais teóricos do MST e formulador do seu projeto sobre cultura.

ENTREVISTADOR (ES): Sérgio de Carvalho

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Jornal Valor*

TÍTULO DA MATÉRIA: “A reforma cultural do MST”

DATA: 09-11/06/2000

LOCAL: Bahia

OBSERVAÇÕES: A entrevista faz parte do caderno “EU-fim de semana” e é a chamada de capa.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ab	05 páginas	Sim	Fotocópia do original

DESCRITORES:

Camponês
Classe trabalhadora
Cooperativismo
Cultura
Educação no campo
Estado
Formação política
Mídia e poder
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Opinião pública
Organização camponesa
Política cultural
Socialismo
Trabalhador rural sem terra
Violência no campo

SUMÁRIO:

Conta a origem do projeto cultural do MST; trata do aspecto mítico e os hábitos do campo para a simbologia do Movimento; apresenta as primeiras medidas do projeto cultural e fala sobre o amadurecimento delas no sentido de trabalhar a consciência do camponês; faz considerações sobre o debate individualismo *versus* cooperativismo; apresenta resposta à crítica de que o MST entra na economia de mercado pela porta dos fundos; fala da consciência socialista dos militantes; trata das dificuldades de trabalhar questões filosóficas e de “gosto” entre os militantes camponeses; analisa o sentido e cuidados que se deve ter com a expressão “revolução cultural”; discorre sobre a desqualificação do Movimento como estratégia do Estado para influir na opinião pública e legitimar a violência e repressão; fala do resgate do valor da “beleza” e da necessidade de se sentir humano entre a classe trabalhadora.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Alexina Crespo

DADOS BIOGRÁFICOS: Liderança das Ligas Camponesas, ex-esposa de Francisco Julião, político e advogado das Ligas Camponesas.

ENTREVISTADOR (ES): não identificado

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Diário de Pernambuco

TÍTULO DA MATÉRIA: “Entrevista/ Alexina Crespo”

DATA: 31/03/2004

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES: impresso do link: www.nordestweb.com/not04_0904/ne_not_20040810c.htm+%22Francisco+Juli%C3%A3%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=155&gl=br&client=firefox-a (Acesso em 18/08/2008)

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: LNST- Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.acr	3 páginas	Sim.	

DESCRITORES:

China

Clodomir Santos de Moraes (Ligas Camponesas)

Cuba

Fidel Castro

Francisco Julião (advogado das Ligas Camponesas/político)

Golpe civil-militar (1964)

Ligas Camponesas

Mao Tsé-Tung

SUMÁRIO:

Inicia a entrevista falando do treinamento que fez em Cuba; comenta sobre as conversas que teve com Fidel Castro e as duas correntes que construíam a luta armada dentro das Ligas Camponesas; comenta o papel institucional, legal, de Francisco Julião nas Ligas; conta sobre treinamento guerrilheiro que participou no Rio, junto com Clodomir Moraes; conta de quando enterraram as armas antes do golpe militar de 1964; fala do desmonte do dispositivo de guerrilha da cidade de Dianópolis/GO; fala da ocasião em que Clodomir foi preso; fala do encontro com Mao Tsé-Tung e da delegação mandada por este para conhecer as Ligas Camponesas.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Alexsandro Batista dos Santos

DADOS BIOGRÁFICOS: Presidente da Associação Regional dos Camponeses e Produtores da Fazendinha do Assentamento Campo Alegre (RJ)

ENTREVISTADOR (ES): Não identificado

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 04/03/1998

LOCAL: Assentamento Campo Alegre, Queimados/Nova Iguaçu, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	Não há			
MP3	Não há			
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.res.abs	05 páginas	Sim	Resumo do áudio feito pelo entrevistador

DESCRITORES:

Acra - Associazione di Cooperazione Rurale in Africa e America Latina

Assentamento Campo Alegre (Nova Iguaçu/Queimados, RJ)

Ceasa/RJ - Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro

Crédito agrícola

Educação

Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

João Bastos (liderança)

Laerte Bastos (liderança)

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Organização da produção

Produção agrícola

Reserva Legal

Saúde

Titulação da terra

SUMÁRIO:

Fala sobre a ausência do Estado e as dificuldades enfrentadas no assentamento; conta como se deu a construção da escola da comunidade; trata da venda de lotes no assentamento; fala sobre a produção e comercialização agrícola em Campo Alegre; discorre sobre a cooperativa e a ONG italiana Acra; analisa a relação com o patrimônio da cooperativa; trata da especificidade do tamanho dos lotes em Campo Alegre; comenta a relação da comunidade com as prefeituras próximas; fala sobre a desistência e permanência dos ocupantes da área; conta como se deu a construção do posto de saúde local; discorre sobre como se dava a produção agrícola em Campo Alegre na época da ocupação e no momento da pesquisa; fala sobre a comercialização da produção; sobre as festividades no local e sobre o crédito agrícola.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Antonia Melo

DADOS BIOGRÁFICOS: Coordenadora do Movimento Xingu Vivo Para Sempre, organização contra a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

ENTREVISTADOR (ES): Não identificado

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Informativos on line da Abong* (Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais).

TÍTULO DA MATÉRIA: “Entrevista com Antonia Melo – Movimento Xingu Vivo Para Sempre”

DATA: 12/05/2010 (data de veiculação)

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.atm	03 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agronegócio
Degradação ambiental
Governo federal
Mídia e poder
Movimento ambientalista
Movimentos sociais
Mulheres
PAC - Programa de Aceleração do Crescimento
Política energética
Povos e comunidades tradicionais
Região amazônica
Terras indígenas
Usina hidrelétrica

SUMÁRIO:

Trata dos impactos ambientais e sociais que serão gerados caso a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte seja efetivada pelo governo federal; fala dos grupos econômicos que se beneficiariam com a construção da Usina; discorre sobre a resistência e mobilização popular em aliança com o Movimento Xingu Vivo Para Sempre e outros movimentos sociais; expõe as perspectivas do Movimento no fortalecimento e expansão das alianças e do papel das mulheres nestas ações.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Cícero Pereira Neto

DADOS BIOGRÁFICOS: Posseiro, líder da ocupação de Corumbiara (RO), foi um dos sem terra condenado pela morte de dois policiais durante confronto na Fazenda Santa Elina (RO), que ficou conhecido como o *Massacre de Corumbiara*.

ENTREVISTADOR (ES): George Alonso

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Folha de São Paulo

TÍTULO DA MATÉRIA: “Líder de Corumbiara ataca MST”

DATA: 24/09/1995

LOCAL: São Paulo

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.cpn	01 página	Sim	Fotocópia da entrevista

DESCRITORES:

Conflito por terra
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Fazenda Santa Elina (Corumbiara, RO)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terra
Rondônia
São Paulo
Violência no campo

SUMÁRIO:

Explica ida para São Paulo; afirma que luta pela terra não é só do MST; critica o MST e diz quem foram os cúmplices pelo massacre em Corumbiara; explica porque saiu do MST; defende as ocupações de terra; opina sobre posicionamento da CUT frente às ocupações; diz que grupo Santa Elina está disposto a ocupar terras.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Edson (da Associação de Novo Horizonte)

DADOS BIOGRÁFICOS: Trabalhador rural assentado no Assentamento Novo Horizonte, Campos dos Goytacazes/RJ.

ENTREVISTADOR(ES): Leonilde Servolo Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa *Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais*, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1998 ou 1999

LOCAL: Campos dos Goytacazes, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: Há participação da esposa do entrevistado.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en.LNST k7.ednh	02 fitas k7/30min	Não	
MP3	MSPP/en.LNST mp3.ednh	01h20min	Sim	Áudio irregular, com falhas. Fitas reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en.LNST Trans.ednh	42 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Anthony Garotinho (prefeito de Campos dos Goytacazes, RJ)
Assentamento Novo Horizonte (Campos dos Goytacazes, RJ)
Assentamento rural
Associação rural
Campos dos Goytacazes (RJ)
Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Procera – Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (Incra)
Reforma agrária
Rio de Janeiro
Sindicalismo rural
Usina Novo Horizonte (RJ)

SUMÁRIO:

Fita 1, Lado A – Fala sobre sua origem: onde nasceu, idade; fala sobre falência da usina onde trabalhava; conta que no período não pensou em reforma agrária, que queria mesmo era ter um emprego; contextualiza o aparecimento da reforma agrária e a participação de sindicatos no processo; esposa fala sobre estrada e situação do plantio no início da reforma agrária; esposa comenta sobre período em que ficaram desempregados – como se sustentaram; conta sobre ajuda da prefeitura nessa época; fala sobre formação da Associação de Novo Horizonte; esposa diz que ideia de como funciona uma associação veio da vivência na Igreja; entrevistado cita nomes de integrantes da Associação; fala sobre participação dos assentados na Associação; opina sobre divisão ocorrida na Associação; fala sobre administração do uso do trator cedido pela prefeitura; diz que não sabe por onde começar para criar uma cooperativa; opina sobre vantagens de ter uma cooperativa; diz que não tem quem oriente na criação de uma cooperativa; conta que integrantes não pagam Associação; faz breve histórico da administração da Associação; comenta sobre atuação do sindicato na região; diz que sindicato e associação não possuem mais força de ação; comenta ausência de infraestrutura no assentamento;

Fita 1, Lado B – Fala sobre relação entre políticos locais e infraestrutura do assentamento; comenta sobre aparecimento da feira de produtos dos assentados; diz que existem períodos em que não há produtividade; conta que o Procera determina o que deve ser cultivado; entrevistado e esposa falam sobre relação com Emater: permissão para produzir produtos, diálogo com demanda dos assentados; (áudio com defeito); comentam sobre condições da escola para as crianças; falam sobre possibilidade de aumentar as aulas e séries que a escola possui; falam sobre infraestrutura que falta no assentamento; entrevistado diz não saber como é a relação da atual Associação com a prefeitura, porque antes a prefeitura era mais presente no assentamento; explica que não tem serviço rodoviário regular; diz que compras são feitas em Campos, que na região só existe um botequim; comentam sobre doações a assentados: cestas básicas, roupas; diz que vai para a feira toda semana; explica que tiveram orientação da Prefeitura e da Emater para aprender a plantar itens além da cana-de-açúcar; comenta que essas instituições deixaram de dar a assistência que deram no início do assentamento; fala que o solo é bom; responde sobre utilização de venenos e adubos; diz que não faz nenhuma técnica de conservação do solo; diz que Emater não dá assistência nesse sentido; reafirma que diálogo

com Emater era melhor antes; diz que políticos só aparecem no período das eleições; explica que não possuem pessoas para eleger vereador; fala sobre divisão política do assentamento; confirma que assentamento vota em Garotinho para prefeitura; diz que partidos não influenciam para escolha de deputados;

Fita 2, Lado A – Fala sobre relacionamento político entre o assentamento e Garotinho; diz que associação não indica candidatos no período eleitoral; explica onde assentados votam no período de eleições; esposa fala como se dão encontros religiosos no assentamento; conta sobre apoio médico dado pela Igreja Adventista; fala sobre igrejas presentes no assentamento; esposa opina sobre melhora nas condições de vida com o assentamento; entrevistado diz possuir outros trabalhos além da terra; fala sobre situação dos jovens assentados; diz que eles se mantêm na terra, morando nos lotes dos pais; falam sobre espaços e momentos de lazer no assentamento; entrevistado opina sobre melhora nas condições de vida com o assentamento; opinam sobre receptividade da população urbana aos assentados; diz que antes eram vistos somente como cortadores de cana; conta que foram filmados pela televisão local; comentam sobre contatos com outros assentamentos e com o MST.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Elenar José Ferreira

DADOS BIOGRÁFICOS: Na ocasião, responsável pelo Setor Nacional de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Regina Bruno, Marcelo Miná Dias e Rosângela Pezza Cintrão (Bibi)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Preparação do curso de formação para técnicos do Programa Ates (Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária/MDA) a ser ministrado pelo CPDA/UFRRJ.

DATA: 04/11/2004

LOCAL: Brasília, DF.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	Não há			
MP3	Não há			
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.ejf	38 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

**Acar - Associação Regional de Cooperação Agrícola para Reforma
Agricultura familiar
Agrovila
Aracruz celulose
Assentamento Baliza (Baliza, GO)
Assentamento Canudos (Goiânia, GO)
Assentamento Itamarati (Ponta Porã, MS)
Assentamento Maísa (Açu/Mossoró, RN)
Assentamento rural
Assistência técnica
Biodiesel
CCA - Central de Cooperativas de Assentamentos
Cimas - Centro Integrado de Manejo da Agrofloresta
Cocamp- Cooperativa Agrícola dos Campos Palmenses (PR)
Coletivo Nacional do Prata
Concrab - Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil
Cooperativismo
Crea (SE) – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura
Crédito agrícola
Crenor – Cooperativas de Crédito Rural
Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Esalq - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
Governo FHC (1995-2002)
Governo Lula (2003-2006)
Incra– Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Latifundiário
Lei do Boi – nº 5.465 (1968)
Monsanto Company
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Novartis Biociências S.A.
Paes – Programa de Acompanhamento das Empresas Sociais
Petrobrás
Polígono das castanheiras (Marabá, PA)
Programa ATEs - Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária (MDA)
Projeto Lumiar (Incra)
Pronera - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
Questão de gênero
Questão de juventude
Roberto Kajayama (acadêmico)
Rosemeire Aparecida Scopinho (acadêmica)
Setor de produção, cooperação e meio ambiente (MST)
Trabalho escravo
Transgênicos
Ufscar - Universidade Federal de São Carlos**

Via Campesina
Votorantim

SUMÁRIO:

O entrevistado discorre sobre as experiências de cooperativismo no MST através das CCAs; aponta suas principais dificuldades e fatores para os insucessos; ressalta as mudanças nas relações de trabalho a partir da entrada de capital nos assentamentos; afirma que é indispensável o apoio do Estado; explica o risco da cooperativa ser vista como “o patrão oculto” pelo camponês; discorre sobre a falta de políticas públicas específicas para cooperativas em assentamentos; explica a reticência do MST em relação às cooperativas de crédito e o sistema Crenor; explica os programas desenvolvidos a partir de frentes de trabalho, primeiramente o Paes; compara as posturas adotadas pelo MST durante o Governo Lula e Governo FHC; explica como é prestada a assistência técnica do Incra e parcerias com professores universitários; discorre sobre o Programa Ambiental em conjunto com a Via Campesina; faz críticas aos transgênicos; caracteriza os Cimas e os programas de formação financiados pelo Pronera; analisa o foco na juventude nestes programas de formação; fala sobre o governo Lula e as políticas de assentamento; caracteriza a relação do MST com os técnicos, seu histórico, tipo de formação universitária e dificuldade para adaptação no assentamento; afirma que há maior abertura do MST para a participação da sociedade civil; discorre sobre como sensibilizar os técnicos para as características culturais do agricultor; critica o “quadrado burro” da tradicional divisão de lotes feita pelo Incra; discute a evasão nos assentamentos; trata a divisão sexual do trabalho no meio rural, em especial nos assentamentos; faz crítica às agrovilas; discorre sobre a maneira ideal de iniciar um assentamento e permitir o empoderamento coletivo; fala do papel dos arquitetos na assessoria deste processo; aponta as teses em relação ao tipo de produção a ser empregado em cada assentamento; analisa a falta de verbas; apresenta ideias para monitoramento das produções e preços de mercado; discorre sobre os centros de pesquisa, seus propósitos e objetivos; enfatiza a distância da ação da Embrapa para a realidade dos assentados; explica a estrutura das coordenações do Movimento; analisa a prática de constituir grandes assentamentos no Governo Lula; analisa as desapropriações de caráter ambiental no governo Lula; discorre sobre os convênios de integração, a entrada de financiamento condicionado nos assentamentos; discute o papel de Petrobras e das políticas do biodiesel; fala sobre a relação do Governo com o agronegócio e a estratégia das multinacionais para atrair o assentado; apresenta a contraproposta do MST à Votorantim nas condições do plantio de *pinus* e eucalipto em assentamentos no Rio Grande do Sul; fala sobre os programas de comercialização e acompanhamento da agroindústria; discorre sobre as dificuldades de adaptar os produtos ao mercado; os entrevistadores discutem com o entrevistado sobre a organização de um curso em parceria com o CPDA, qual seria a melhor metodologia e local para sua realização; ressalta os estranhamentos entre universitários, técnicos e camponeses; fala sobre a melhor maneira de estabelecer um diálogo entre as partes; discorre sobre a neutralidade do CPDA e sobre a postura que deveria adotar na coordenação do curso e aconselha a presença de lideranças camponesas nos cursos; discutem sobre a introdução dos entrevistadores às lideranças do Movimento durante um fórum; também refere-se às vantagens de ter a proporção um homem, uma mulher e um jovem (independente do sexo) nas reuniões; nomeia outros setores do Movimento como o de saúde e educação, dando destaque aos trabalhos de Roseli Caldart e

Edgard Colling no MST; discutem sobre Paulo Freire; o entrevistado conclui falando da importância dos ideólogos para o MST.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Élio Cabral de Souza

DADOS BIOGRÁFICOS: Militante das Ligas Camponesas na Bahia.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Pesquisa sobre “Conflitos no Campo”, coordenada por Leonilde Medeiros.

DATA: 10/03/1983

LOCAL: Não consta

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.ecs	02 Fitas K7 / 60min	Não	Fitas em bom estado físico e sonoro
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.ecs	01h26min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Clodomir Santos de Moraes (liderança das Ligas Camponesas)

Conflito por terra

Congresso Nacional Camponês (I, BH, 1961)

Darcy Ribeiro (acadêmico)

Ditadura militar (1964-1985)

Estado Novo

Francisco Julião (liderança)

Goiânia (GO)

Golpe militar (1964)

Guerrilha rural

Ligas Camponesas

Luis Carlos Prestes (PCB)

Luta armada

Movimento estudantil

Movimento sindical

Movimento social

Paulo Freire (educador)

PCB – Partido Comunista Brasileiro

Revolução cubana

Revolução socialista

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - Fala sobre seu envolvimento com as Ligas Camponesas; conta que em Goiânia (GO) participava do movimento estudantil secundarista e que havia um assédio de diversos partidos políticos; fala sobre as palestras de Francisco Julião; conta como se deu a divulgação da Ligas Camponesas em Goiás; fala sobre o “braço armado” das Ligas Camponesas; afirma que esta seção definia-se como revolucionária, influenciada pela revolução cubana; descreve como eram feitas a compra das armas; conta que foi transferido de Goiás para o Rio Grande do Sul e depois para Bahia; afirma que políticos e pessoas da atualidade foram responsáveis pela coordenação dos dispositivos armados; fala sobre as táticas para camuflar o armamento do Movimento; fala sobre a coleta de remédios e roupas que as Ligas Camponesas promoveram nas cidades; descreve o treinamento guerrilheiro que recebeu no interior da Bahia; relata seu papel na formação educacional dos companheiros; fala sobre o dia-a-dia e as táticas para não levantar suspeitas; narra as vitórias da polícia e as diversas mudanças de local;

Fita 1 lado B - Afirma que havia sete dispositivos armados no Brasil; diz que Julião não visitava os dispositivos e não se envolvia diretamente com o “braço armado”; fala sobre os fatores que levaram ao fim dos dispositivos armados; conta que a maioria dos recrutados eram militantes pequeno-burgueses das cidades e, em sua maioria, estudantes; frisa a influência de Clodomir Moraes como liderança e seu carisma para a realização do recrutamento; narra como, a partir do Congresso Nacional Camponês de 1961, Julião e Clodomir receberam apoio da intelectualidade brasileira e que, desde então, o grupo armado passou a assumir o status de movimento

revolucionário aos moldes cubanos; crítica a organização do movimento e principalmente a figura de Clodomir Moraes; discorre sobre o contato do movimento com o governo cubano;

Fita 2 lado A - Fala sobre as divergências internas, principalmente no que diz respeito às correntes políticas e o apoio ou não à revolução armada; fala sobre as perseguições aos membros das Ligas Camponesas, prisões e desaparecimentos; conta a experiência da formação de alfabetizadores da qual participou baseada no método de Paulo Freire e Darcy Ribeiro; afirma que havia incentivo, durante o Estado Novo, à sindicalização nas cidades; diz que o golpe militar de 1964 foi decisivo para o fim do Movimento e conta como, às vésperas do golpe, as cartilhas de alfabetização já passaram a ser consideradas como atentado à moral e a família.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Elizabeth Teixeira

DADOS BIOGRÁFICOS: Natural de Sapé (PB), esposa do líder camponês João Pedro Teixeira, perseguido e assassinado, líder da Liga Camponesa de Sapé.

ENTREVISTADOR (ES): Alípio Freire e Hamilton Pereira

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Teoria e Debate*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Elizabeth Teixeira – Memória”

DATA: 11-12/1995 e 01/1996 (data da veiculação)

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.etx	09 páginas	Sim	Fotocópia do periódico

DESCRITORES:

Conflito por terra
Conflito trabalhista
Cuba
Ditadura militar (1964-1985)
Governo Collor (1990-1992)
Governo Jango (1961-1964)
João Pedro Stédile (liderança)
Ligas Camponesas
Luiz Inácio Lula da Silva (sindicalista)
MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Paraíba
Pistolagem
PT – Partido dos Trabalhadores
Sindicalismo rural
Trabalhador rural
Violência no campo

SUMÁRIO:

Conta sua origem e infância; fala do namoro e casamento com João Pedro; conta sobre a fundação da Liga Camponesa de Sapé; discorre sobre o assassinato de João Pedro; fala da origem familiar de João Pedro e de sua religião; discorre sobre os filhos do casal; apresenta a organização da Liga de Sapé; analisa a repercussão da morte de João Pedro e do filme “Cabra Marcado Para Morrer”; fala do golpe militar e clandestinidade; comenta o fim da clandestinidade e o reencontro com os filhos; conta sobre a viagem a Cuba em 1963; refere-se a sua candidatura a deputada estadual e filiação ao PSB; trata da presença no Congresso de fundação do MST em Curitiba (PR) no ano de 1985; fala da presença em outros eventos políticos, como encontros em defesa das mulheres em SP, CE e BA; participação na luta estudantil em Fortaleza e nos encontros em defesa dos direitos humanos na Suíça; fala da filiação ao PT, quando esse partido fez 15 anos.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Elizabeth Teixeira

DADOS BIOGRÁFICOS: Natural de Sapé (PB), esposa do líder camponês João Pedro Teixeira, perseguido e assassinado, líder da Liga Camponesa de Sapé.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Visita de Elizabeth Teixeira ao Rio de Janeiro, por ocasião do lançamento do filme *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho. O contato com Elizabeth foi intermediado por Ana Maria Galano.

DATA: 04 e 06/12/1984

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: A entrevista foi editada para publicação, mas o projeto não foi levado adiante. Contudo, o material foi incorporado na publicação "Eu marcharei na tua luta! A vida de Elizabeth Teixeira" (João Pessoa: Editora Universitária UFPB/Manufatura, 1997. v. 1000. 174p) de Neide Miele e outros

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.etx2	04 Fitas K7 / 60min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular: com ruído.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.etx2	03h31min	Sim	Fitas reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.etx2	81 páginas 72 páginas	Sim	Transcrição bruta, (81 págs), revisões à caneta e lápis. Transcrição editada, 72 págs, sendo 02 introdutórias, feita pela entrevistadora

DESCRITORES:

Assistência jurídica
Assistência médica
Clodomir Santos de Moraes (liderança das Ligas Camponesas)
Conflitos no campo
Cooperativismo
Desapropriação de terras
Despejo
Ditadura Militar (1964-1985)
Eduardo Coutinho (cineasta)
Feminismo
Golpe militar (1964)
Governo Jango (1961-1964)
Greve
João Pedro Teixeira (liderança)
Latifúndio
Ligas Camponesas
Luta armada
Luta pela terra
Paraíba
Pequeno proprietário rural
Pistolagem
Sindicalismo rural
Trabalhador assalariado
Trabalhador rural
Ultab - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fita 1 - Conta sua origem familiar, seus estudos e casamento com João Pedro Teixeira; narra a mudança para Pernambuco e a volta para a Paraíba, o contato com a política, a origem das Ligas Camponesas e a situação dos camponeses; discorre sobre sua trajetória na Liga camponesa e o contato com outras organizações políticas; fala sobre a imprensa e sua participação em congressos de trabalhadores.

Fita 2 - Conta sobre a morte de João Pedro Teixeira e a ditadura militar; fala sobre o filme de Eduardo Coutinho (*Cabra Marcado para Morrer*) e a candidatura de Assis Lemos; comenta a Federação Rural, o Movimento Revolucionário, Antonio Dantas e Clodomir Moraes; trata de greves e reforma agrária; fala sobre a organização dos camponeses; narra o atentado sofrido por seu filho; comenta sobre o sindicato rural e o golpe militar de 1964.

Fita 3 - Discorre sobre o período de clandestinidade, o reencontro do filho Abraão com Eduardo Coutinho; fala sobre a diretoria e eleição da Liga; fala sobre o sindicato rural e a organização estadual; discorre sobre despejo, cooperativismo e pequeno proprietário.

Fita 4 - Fala sobre a relação da Liga Camponesa de Sapé (PB) com os pequenos proprietários; conta a reação do governo estadual na fundação da Liga local; fala sobre sua prisão e a prisão de José Teixeira; fala da perseguição aos camponeses; analisa o papel dos diversos níveis do Poder Executivo; discorre acerca do governo João Goulart e a promessa de reforma agrária; avalia o papel das mulheres militantes; descreve seu dia-dia na época da entrevista.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Elizabeth Teixeira

DADOS BIOGRÁFICOS: Trabalhadora rural de Sapé/PB, casada com João Pedro Teixeira, sendo ambos lideranças das Ligas Camponesas na Paraíba.

ENTREVISTADOR(ES): não identificado.

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: não identificado.

DATA: não identificado.

LOCAL: não identificada.

ROTEIRO: () SIM (X) NÃO

OBSERVAÇÕES: Entrevista incompleta, transcrição de trechos selecionados.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7				
MP3				
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en.tras ns.etx3	12 páginas	Sim	Páginas datilografadas.

DESCRITORES:

**Cambão (trabalho gratuito dos foreiros)
Foro (pagamento anual ao grande proprietário de terras)
Golpe Militar (1964)
João Pedro Teixeira (liderança camponesa)
Ligas Camponesas
Margarida Alves (liderança sindical do STR de Alagoa Grande-PB)
Paraíba
Pernambuco
Reforma Agrária
Sindicalismo rural
STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais
Violência no campo**

SUMÁRIO:

No primeiro trecho selecionado a entrevista fala respeito das condições do trabalho dos foreiros, da centralidade da luta pela reforma agrária na trajetória de João Pedro Teixeira enquanto liderança das Ligas Camponesas; no trecho seguinte caracteriza as tensões no campo e fala do papel então desempenhado pela Igreja; fala um pouco do movimento sindical e da grande mobilização dos camponeses ao formarem a Liga Camponesa de Sapé e da solidariedade prestada a ela quando do assassinato de seu marido; fala de como foi sua vida após o assassinato de João Pedro e de outros companheiros do movimento; fala sobre sua vida na cidade de São Rafael, sobre a relação com o sindicato de trabalhadores rurais desta cidade; conta do início de sua relação com João Pedro Teixeira, quando ela morava com o pai, latifundiário da região; narra o início da trajetória de João Pedro como liderança e as relações com os camponeses de Pernambuco; conta da rotina no sítio e do assassinato de companheiros da Liga; em outro trecho fala de um episódio em que foi presa, da presença constante da polícia e de capangas próximo à sua casa e em seguida conta com detalhes uma das tentativas de assassinato de João Pedro; fala da constante violência no campo a mando dos latifundiários; fala do assassinato de Margarida Alves, pelos mesmos mandantes que haviam assassinado João Pedro e que então ameaçavam outra liderança de Sapé.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Estácio Moura de Oliveira, conhecido como Domingos de Oliveira.

DADOS BIOGRÁFICOS: Coordenador do Comamp - Conselho Municipal de Associações de Moradores de Paraty (RJ).

ENTREVISTADOR (ES): Paulo Alentejano

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para a pesquisa "Assentamentos rurais em perspectiva comparada: uma análise das dimensões econômica, social, histórica e ambiental", estudo comparativo de projetos de assentamento rurais localizados no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi coordenada pelos pesquisadores Afrânio Raul Garcia Jr., Leonilde Servolo de Medeiros, Mário Grynszpan e Sérgio Pereira Leite.

DATA: 02/07/2001

LOCAL: Sede da Comamp em Paraty, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE E PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.do	01 Fita K7 / 60min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (com ruído).
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.do	45min	Sim	Lados A e B reunidos em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.do	14 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agroecologia
Agroflorestal
Assentamento Barra Grande (Paraty, RJ)
Assentamento São Roque (Paraty, RJ)
Assentamento Taquari (Paraty, RJ)
Condomínio Laranjeiras (Paraty, RJ)
Comamp - Conselho Municipal de Associações de Moradores de Paraty (RJ).
Especulação imobiliária
Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IEF – Instituto Estadual de Florestas
Orçamento participativo
Parque Estadual dos Três Picos (RJ)
PT- Partido dos Trabalhadores
Taquari (Paraty, RJ)
White Martins S.A

SUMÁRIO:

Apresenta sua história de vida, como nasceu e está estruturado o Comamp; fala da não integração entre as comunidades da região; aborda temas como: demarcação de terras e perfil das comunidades assentadas de Paraty; apresenta as dificuldades para garantir a produção agrícola e como isto levou as comunidades a se inserirem na demanda turística; analisa o impacto da questão ambiental e da criação de parques nestas comunidades; fala de agroecoturismo e da necessidade de capacitar os trabalhadores rurais para uma produção sustentável; fala das condições do solo na região e sobre a consolidação de assentamentos sem PDA; faz críticas à proposta de municipalização dos assentamentos e propõe critérios para isto; comenta a necessidade de integração das comunidades para garantir uma gestão administrativa coerente; afirma que a produção agroecológica no local se faz sem projeto e narra a dificuldade que os produtores encontram para certificar os produtos; aponta a necessidade de qualificação do produtor.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Fernando Barjona de Moura

DADOS BIOGRÁFICOS: Integrante da CPT/RJ (Comissão Pastoral da Terra do Rio de Janeiro), contribuiu nas ocupações de terra no processo de luta na Baixada e Sul fluminense durante a década 1980. Hoje é integrante do setor de Frente de Massas do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Victor de Araújo Novicki

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: A entrevista foi feita para colher dados para a dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/UFRRJ, de autoria de Victor de Araújo Novicki. Título: *O Estado e a luta pela terra no Rio de Janeiro: primeiro governo Brizola (1983 - 1987)*, Ano de Obtenção: 1992.

DATA: 29/11/1990

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.fm	03 Fitas K7 / 60 min	Não	Entrevista incompleta: Trechos foram apagados pelo entrevistador.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.fm	01h54min	Sim	Trechos correspondentes à entrevista reunidos em única faixa de formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.res.fm	05 páginas (resumo) 06 fichas	Sim	Resumo digitado. Fichas manuscritas e à caneta, feitas pelo entrevistador.

DESCRITORES:

Assentamento Boa Esperança (Nova Iguaçu, RJ)
Assentamento Campo Alegre (Nova Iguaçu/Queimados, RJ)
Baixada Fluminense
Camponeses
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Duque de Caxias (RJ)
Nova Aurora (Belfort Roxo, RJ)
Fazenda São Roque (Paraty, RJ)
Fazenda União (Casemiro de Abreu, RJ)
Fetag/RJ - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio de Janeiro
Gelson Apicelo (liderança)
Juventude Socialista (PDT)
Laerte Bastos (liderança)
Luta pela Terra
Miguel Pressburger (advogado)
Ocupação de terra
Paracambi (RJ)
Paraty (RJ)
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PDT- Partido Democrático Trabalhista
Pedra Lisa (Nova Iguaçu, RJ)
Polícia Civil
Polícia militar
PT - Partido dos Trabalhadores
Questão fundiária
Rodovia Rio Santos
STR de Paraty (RJ)
Violência no campo
Vivaldo Barbosa (Secretário de Justiça, governo Brizolla)

SUMÁRIO:

Fala sobre sua participação nas lutas de posseiros no Litoral Sul e na Baixada Fluminense; diz que a partir de 1979 surgiram vários movimentos de ocupação de terra, sobretudo em Caxias; discorre sobre as características da população da Baixada; sobre o surgimento da CPT na região sul fluminense em 1977 sob iniciativa do bispo de Volta Redonda; diz que a CPT surge tentando dar resposta ao processo de especulação imobiliária que se segue à construção da Rio-Santos naquelas regiões; afirma que o sindicato de Paraty não era instrumento de luta e chegou a fazer vários acordos com empresas imobiliárias em detrimento dos posseiros da região e que isso ficou registrado na memória dos trabalhadores; conta que os agentes da CPT começaram a trabalhar por dentro do sindicato e vieram a ocupar cargos secundários na diretoria, o que lhes permitiu, mais adiante, conquistar o sindicato; diz que os conflitos que estavam presentes naquela região eram os conflitos pela posse da terra e depois foram surgindo as lutas de ocupação; avalia que a CPT nunca conseguiu estar presente, por exemplo,

na região dos assalariados; fala sobre ocupações específicas da Baixada e no Sul Fluminense: Xerém, América Fabril; Campo Alegre, Valença, Paracambi (Mutirão Vitória da União); diz que apenas Valença e Paracambi possuíam uma população com perfil mais rural e de camponeses e que as demais tinham população com perfil mais urbano; diz que os ocupantes de Campo Alegre eram os excedentes de Nova Aurora, que era uma ocupação urbana; fala sobre os fatores de escolha das áreas a serem ocupadas; antes de 1964, o PCB deslocou vários militantes para fazer trabalho político no campo e que alguns eram brilhantes agitadores, mas péssimos organizadores; no pós 64 fala sobre a relação com o Estado e a cooptação de lideranças; fala sobre a adaptação das lideranças à vida rural, dificuldades enfrentadas e casos de desistência da terra; diz que em Campo Alegre pastores e lideranças participaram da venda de sítios; narra que as associações foram criadas com o objetivo de conquistar a terra e que desempenhavam um papel mais político que produtivo; discorre sobre a organização do MST no estado do Rio de Janeiro e como se deu a organização e participação dos diversos trabalhadores do campo (meeiro, arrendatários) nas ocupações e no enfrentamento com o Estado; fala sobre a importância de Campo Alegre; sobre a violência na Baixada, principalmente em Campo Alegre; trata da tensão entre CPT e MST; analisa o Governo Moreira Franco e o Governo Brizola; fala sobre a Comissão dos Assentados, criada no final de 1986 e começo de 1987; fala sobre a relação da CPT com o movimento sindical; avalia a relação movimento sindical e MST; aborda a relação do MST com partidos políticos; fala sobre a ocupação da fazenda União, em Casemiro de Abreu; diz que a Juventude Socialista do PDT tinha pessoal muito dedicado, que esteve presente na ocupação da UFRRJ, de Boa Esperança, Paracambi e Pedra Lisa.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Francisco del Chiavon (Chicão) e Elenar José Ferreira

DADOS BIOGRÁFICOS: Elenar José Ferreira e Francisco Del Chiavon, Chicão, eram, na ocasião da entrevista, responsáveis pelo Setor Nacional de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros e Carmen Deere

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Coleta de dados para a pesquisa *Land reform and poverty reduction: lessons from Brazil*, financiada pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e realizada em parceria com Carmen Diana Deere.

DATA: 27/7/2004

LOCAL: Sede do MST, Brasília, DF.

ROTEIRO: (x) SIM () NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE E PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.che	02 Fitas K7 / 60min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular. Há outra entrevista (com diferente entrevistado) gravada na segunda fita.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.che	01h32min	Sim	Trechos correspondentes à entrevista reunidos em única faixa de formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en LNST.trans.che	25 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agricultura familiar
Agroindústria
Agronegócio
Agrovila
Assentamento rural
Assistência técnica
Banco da Terra
Conab – Companhia Nacional de Abastecimento
Cooperativismo
CPAs – Cooperativa dos Produtores Agrícolas
Crédito agrícola
Governo FHC (1995-2002)
Governo Lula (2003-2006)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Latifúndio
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
Monsanto
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
Parmalat
Programa Primeira Terra
Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
Questão de Gênero
Questão de Juventude
Setor de produção, cooperação e meio ambiente (MST)

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - Os entrevistados apresentam suas funções no MST; comparam o governo Lula e Governo FHC; afirmam que há manutenção do modelo agroexportador neste novo governo; defendem que ambos os governos adotaram políticas que favorecem o desemprego nas áreas rurais; definem a reforma agrária do governo Lula como um programa de assentamentos; avaliam que o modelo econômico impossibilita o sucesso do pequeno agricultor; Elenar discorre sobre as mudanças na agricultura familiar no governo Lula, define-as como medidas paliativas e não estruturais; ressalta a importância do governo Lula como comprador de alimentos dos pequenos agricultores que, do contrário, estariam expostos à especulação de mercado; fala sobre a extinção da Conab, a política de estoque dos dois governos e o impacto para o pequeno agricultor; afirma que o fomento ao agronegócio inviabiliza a reforma agrária; discorre sobre o custo socioambiental do subsídio estatal ao agronegócio; afirma que áreas periféricas, pouco férteis e sem interesse para o capital são destinadas à reforma agrária; reflete acerca da correlação de força entre o Estado e os movimentos sociais; afirma que assentamentos localizados em terras boas seriam como ilhas isoladas no centro de

monoculturas e pecuária; exemplifica a estratégia de monopolização do mercado por empresas como Parmalat e Monsanto;

Fita 1 lado B - Teoriza sobre a diferença entre o pensamento agrário, característico do Brasil, e agrícola; frisa a falta de infraestrutura nos assentamentos; afirma ser descrente na realização da reforma agrária via institucional e que seria a luta popular a única alternativa; discorre sobre a falta de uma grande mobilização de massa devido à legitimação do modelo neoliberal; define como central o papel do Estado brasileiro na privatização e internacionalização da economia nacional; defende que o MST atua na elevação de consciência do povo; aponta as dificuldades da pequena agroindústria; destaca o dilema que, naquele momento, enfrentava o MST a partir da saída de FHC: diz que é preciso enfrentar o modelo econômico e a estrutura judiciária, não mais o governo; compara as políticas de crédito fundiário nos governos Lula e FHC; explica a crítica do MST e MPA ao Banco da Terra; fala sobre os prós e contras do mecanismo desapropriatório; define três tipos de latifúndios e seus respectivos proprietários; trata de casos de proprietários que pedem ao MST que ocupe suas terras; fala sobre o Programa Primeira Terra e a juventude rural;

Fita 2 lado A - Importância da dimensão cultural para além da econômica como estratégia de manutenção do jovem no campo; fala da divisão sexual da trabalho entre pequenos agricultores; aponta os problemas das agrovilas e CPAs; ressalta que a posse da terra é vista como elemento libertador pelo camponês; aponta os erros do Incra na distribuição dos lotes e planejamento de infraestrutura dos assentamentos; fala sobre o risco de experiências coletivas; trata da falta do “elemento da criatividade”; apresenta a crítica do MST ao Pronaf A e faz comparação com o Procefa; frisa a desorganização e falhas no sistema de crédito para o assentado; destaca os baixos índices de inadimplência das cooperativas do MST; conclui afirmando que trâmites bancários são excludentes, pois o pequeno agricultor apresenta dificuldades ao lidar com a tecnologia exigida, além de ser mal recebido por conta de sua pouca instrução.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Francisco Julião de Paula

DADOS BIOGRÁFICOS: Nascido em 16/2/1915 em Bom Jardim (PE). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Projetou-se como liderança das Ligas Camponesas e elegeu-se deputado federal pelo PS – Partido Socialista (PE, 1963-1964). Faleceu em 10/7/1999, em Yxcatepec (México).

ENTREVISTADOR (ES): Flávio Pinheiro

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Veja*, nº 527.

TÍTULO DA MATÉRIA: “Nem PTB nem PS. O ex-líder das Ligas Camponesas pensa em um novo partido dos trabalhadores. Sem os equívocos do antigo PTB, mas ainda com Brizola.”

DATA: 11/10/1978.

LOCAL: Residência de Julião em Cuernavaca, México.

OBSERVAÇÕES: Contém texto de apresentação da entrevista.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.jul	04 páginas	Sim	Original e fotocópia do periódico

DESCRITORES:

Abertura política (1979)
Capitalismo
Democracia
Exílio político
Golpe militar (1964)
Leonel de Moura Brizola (PTB)
Ligas Camponesas
Nacionalismo
Pernambuco
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
Revolução Cubana
Socialismo

SUMÁRIO:

Julião fala sobre sua visão de democracia e afirma que as forças que lutam pela abertura política no Brasil devem se unir; expõe sua concepção de violência; fala sobre como ele e as Ligas Camponesas tratavam a questão das invasões de terras e incêndios de canaviais; volta a falar sobre concepções de violência; contextualiza a formação das Ligas Camponesas; fala sobre a radicalização política nos anos anteriores ao golpe de 1964 e a relação deste movimento com a Revolução Cubana; diz que o maior erro dos movimentos progressistas no Brasil, no início dos anos 1960, foi a atomização; explica que se considera antitaduras militares, e não antimilitarista; explica o que pensa sobre a suposta divisão das Forças Armadas que se anunciava no momento da entrevista; diz que sempre trabalhou no campo da legalidade; defende que a reforma agrária ainda deve ser feita e expõe como a pensa; fala que, se voltasse ao Brasil, não ingressaria em um partido socialista, mas em um nacionalista – explica quais seriam as principais diretrizes deste partido e diz que ele seria diferente do PTB; fala sobre seus planos de fundação deste partido nacionalista; explica seus planos de regresso ao Brasil e defende uma anistia ampla e irrestrita; apresenta como está vendo a transição para a democracia no Brasil; diz o que pensa das reformas políticas promovidas pelo governo militar e defende que aquele momento deveria ser de união das forças oposicionistas; fala que a anistia é indispensável para o processo de transição para a democracia, afirma que a Constituinte pode ser um passo seguinte; alerta que todo tipo de extremismo deve ser evitado; fala que as reformas políticas foram conquistas da sociedade e que, por isso, Figueiredo não poderia agir como um ditador qualquer; fala sobre o papel dos sindicatos e centrais sindicais na redemocratização e como devem se organizar os camponeses neste novo momento; por fim, diz que se considera politicamente romântico.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Francisco Julião Arruda de Paula

DADOS BIOGRÁFICOS: Nascido em 16/02/1915 em Bom Jardim (PE). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Projetou-se como liderança das Ligas Camponesas e elegeu-se deputado federal pelo PS – Partido Socialista (PE, 1963-1964). Faleceu em 10/07/1999, em Yxcatepec (México).

ENTREVISTADOR(ES): Aspásia Brasileiro Alcântara de Camargo (doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Paris e professora associada do CPDOC/FGV).

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação, em 1975.

(retirado de: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-biografica/francisco-juliao>).

DATA: 05/11/1977 a 06/12/1977

LOCAL: Yxcatepec (Morelos), México

ROTEIRO: (x) SIM () NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7				
MP3				
TRANSCRIÇÃO	MSPP/e.LNST .trans.jul2	177 páginas	Sim	Cópia encadernada. Ausência da segunda página de transcrição da entrevista.

DESCRITORES:

Agamenon Magalhães (Governador PE)
Antônio Calado (jornalista)
Antônio Melo (padre)
Barreiros (PE)
Cambão (trabalho gratuito dos foreiros ao terratenente)
Cid Sampaio (político)
Código Civil de 1917
Concílio Vaticano II
Congresso Nacional Camponês (BH, I, 1961)
Congresso para Salvação do Nordeste/PE (1955)
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
Constituição brasileira de 1946
Clodomir Santos de Moraes (Ligas Camponesas)
Elizabeth Teixeira (Ligas Camponesas)
Engenho da Galiléia (PE)
Estado Novo (1937-1945)
Estatuto do trabalhador rural
Foro (pagamento anual ao grande proprietário de terras)
Gilberto de Mello Freyre (Sociólogo)
Golpe Militar (1964)
Governo João Goulart (1961-1964)
Governo Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956 – 1961)
Governo Miguel Arraes (PE, 1963-1964)
Governo Vargas (1930-1945)
Governo Vargas (1951-1954)
João Pedro Teixeira (liderança camponesa)
Josué de Castro (escritor/político)
Ligas Camponesas
Paulo Crespo (padre/coordenador da Fetape)
Pernambuco
Revolução Chinesa (1949)
Revolução Cubana
Sudene – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
ULTAB – União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil
Usina Catende (PE)

SUMÁRIO:

Inicia comentando as condições que o fizeram optar pela faculdade de Direito e, na universidade, o contato com as ideias progressistas que o levaram a advogar para os camponeses; narra como percebeu a contradição entre o que determinava o Código Civil, de 1917 e já ultrapassado na época, e o código consuetudinário em vigor no campo; opina sobre porquê de início considerava o Código Civil como instrumento importante para a tomada de consciência pelos camponeses; explica o que é o cambão, regime de trabalho gratuito dos chamados foreiros nas terras dos grandes proprietários, e as diferenças entre o foreiro e o

eiteiro; em seguida fala da necessidade de organização camponesa e, neste sentido, o que foram as suas Cartas aos Camponeses; fala sobre o assassinato de seu primo, Antônio Cícero de Paula, por motivação política; conta das estratégias processuais utilizadas em diálogo com as estratégias de resistência dos camponeses; volta a detalhar o funcionamento do cambão, suas origens feudais e caráter que assume no capitalismo; fala sobre as estratégias comumente utilizadas pelos proprietários de terras contra os camponeses que se recusavam a se submeter ao cambão; explica como se dava a tomada de consciência do camponês ao longo das etapas do processo judicial; relata o início da organização das associações que deram origem às Ligas Camponesas; relata sua atuação enquanto primeiro deputado estadual do Partido Socialista em Pernambuco e a trajetória anterior no Partido Republicano; fala da conjuntura pernambucana no governo de Agamenon Magalhães, suas ligações com Vargas e com os usineiros; opina sobre a importância da atuação de Barbosa de Lima Sobrinho frente ao Instituto do Açúcar e do Alcool e porquê o apoiou na eleição à governador; fala brevemente sobre a relação entre pequenos fornecedores de cana de açúcar com grandes fornecedores e usineiros; retorna ao governo Agamenon, comenta a atuação de Apolônio Sales enquanto secretário de Agricultura e a oposição do sociólogo Gilberto Freyre; sobre as Ligas Camponesas, aprofunda no contexto de redemocratização em 1945 e na entrada do Partido Comunista na legalidade como propícios à organização dos camponeses; conta sobre o surgimento da primeira Liga Camponesa, em 1955, no Engenho da Galiléia, em Vitória do Santo Antão/PE e quando suas principais lideranças, entre eles José Aires dos Prazeres, o procuraram para que advogasse para a associação dos camponeses; discorre sobre as expectativas da burguesia nacional no governo Juscelino Kubitschek com seu programa de desenvolvimento e as projeções deste cenário para o campesinato, a criação da Sudene e a repercussão internacional das Ligas Camponesas; fala sobre as dificuldades de se debater a questão da terra dentro do Partido Comunista à época e de que maneira isso o colocava em risco de vida; cita brevemente como foi a participação do campesinato no 1º de maio em 1956 e o que foi o Congresso de Salvação do Nordeste, realizado pela prefeitura de Recife, em 1955, paralelamente ao primeiro congresso regional de camponeses e pescadores organizado pelas Ligas Camponesas; aprofunda na correlação de forças estabelecida para a campanha de Cid Sampaio para governador de Pernambuco, a quem apoiou e em cujo mandato foi desapropriada a propriedade do Engenho da Galiléia, em seguida, das tentativas deste governo de desestabilizar as Ligas Camponesas e a expulsão de José Aires dos Prazeres do movimento; explica a intenção de se formar um partido agrário nacional e expõe brevemente alguns pontos que constituiriam as teses deste partido; em seguida opina sobre a importância dos advogados para o movimento camponês; fala da importância do trabalho de formação de quadros pela Igreja e aprofunda na história de alguns padres, em especial o Padre Antônio Melo, ligado ao então IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática; aprofunda nos fatores de divergências internas do movimento e as dificuldades relacionadas à aproximação de partidos políticos; ao falar das lideranças intermediárias, ou anônimas, atenta para que muitos eram pastores protestantes e tece uma reflexão sobre isso; ao falar sobre João Pedro Teixeira, fala do movimento na Paraíba, especificamente em Sapé, onde se deu uma das principais ligas; fala da criação de uma federação das ligas camponesas de Pernambuco, em 1963; conta sobre a intenção de se formar um movimento camponês no sertão; cita o momento de dificuldades do movimento após o assassinato de João Pedro Teixeira, período marcado por diversas infiltrações partidárias, sem entrar em detalhes; pontua o contexto das divergências iniciais que foram minando o movimento camponês, explica o reflexo da Revolução Cubana neste processo, fala da autonomia das Ligas Camponesas e tece algumas críticas à maneira que a sindicalização dos trabalhadores rurais se dava naquela época; expõe o contexto de sua segunda candidatura à deputado federal e, após reeleito, os embates ao longo do governo João

Goulart; neste mesmo contexto, fala sobre a tentativa de se criarem dispositivos de guerrilha, um deles em Goiás, levada a cabo por alguns membros das Ligas Camponesas, e coloca sua opinião sobre a luta armada naquele momento; faz uma análise sobre a relação do movimento com o Partido Comunista e, em geral, as dificuldades dos partidos comunistas da América Latina em compreenderem as especificidades do movimento camponês; em seguida, opina sobre a Revolução Chinesa e aponta as diferenças em relação à sociedade brasileira de então; fala sobre o que foi o Congresso Nacional Camponês em Belo Horizonte, o contexto que o antecede, destacando algumas figuras históricas, e a importância enquanto marco para a sindicalização rural; comenta sobre a ULTAB – União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, ligada ao Partido Comunista, e a baixa representatividade deste organismo no Nordeste; fala da atuação das ligas na fundação de muitos sindicatos de trabalhadores rurais no Nordeste; comenta brevemente o perfil de advogado que o movimento necessitava e a importância desta atuação; voltando a falar sobre o Congresso de Belo Horizonte, destaca a importância que desempenhou em levar ao conhecimento público a luta dos camponeses, conferindo a esta um caráter nacional; fala sobre o encontro com João Goulart logo após o congresso de Belo Horizonte, pontuando algumas diferenças entre os Partidos Trabalhistas e o Partido Socialista, ao qual o entrevistado era então filiado; fala brevemente sobre a Frente Parlamentar Nacionalista e a Frente de Mobilização Popular; aprofunda no teor da conversa que teve com Jango; fala sobre a campanha de sindicalização que este governo promovera com o apoio da Igreja, criticando os limites da reforma agrária que Jango estava disposto a realizar; explica o porquê se absteve na votação pelo retorno do presidencialismo, e faz uma avaliação sobre o período em que vigeu o parlamentarismo e sobre o governo João Goulart em geral e, especificamente, a relação deste com o governo pernambucano, na época sob mandato de Miguel Arraes; fala sobre a proximidade dos governos de Pernambuco e Rio Grande do Sul, sob mandato de Leonel Brizola; sobre a atuação da Igreja, fala de sua relação com o Padre Melo e com o Padre Crespo, fala da participação da Igreja e das ligas na fundação dos sindicatos da zona canavieira; comenta dos atritos pelo controle dos sindicatos por parte de membros do partido comunistas, da Igreja ou das ligas; faz uma avaliação sobre o repentino crescimento do Partido Comunista no estado de Pernambuco, falando em especial da trajetória de Gregório Bezerra, liderança do sindicato de Palmares; fala sobre as dificuldades a que as ligas estavam sujeitas enquanto movimento, diferente de um partido político ou da Igreja, caracterizando alguns elementos que indicariam um certo descenso; a partir da narração de episódios específicos, comenta ao grande potencial das ligas para a sensibilização das massas camponesas em geral, maior do que uma capacidade de organização propriamente dita, e a influência da Revolução Cubana e do imperialismo norte americano neste contexto; comenta sua relação pessoal com o cristianismo, a relação entre a religiosidade e o marxismo, e a importância da mística no movimento camponês; fala dos objetivos das ligas, da luta pelo pagamento do salário mínimo aos camponeses, da greve de 1963 em Pernambuco e do Estatuto do Trabalhador Rural; fala sobre um grande conflito havido na cidade de Barreiros, entre trabalhadores da usina e cortadores de cana, identificando-o como resultado da infiltração de grupos radicais nas ligas, grupos foquistas e que incitavam invasões de terras, algo que Julião não defendia; quando do golpe de 1964, comenta sua posição inicial de não pedir asilo, sua tentativa de construir a resistência dentro do país, o período em que ficou na clandestinidade e o momento em que foi preso; conta do asilo político no México e termina a entrevista falando da intenção de retornar ao Brasil tão logo aconteça o efetivo processo de redemocratização.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Francisco Julião Arruda de Paula

DADOS BIOGRÁFICOS: Nascido em 16/02/1915 em Bom Jardim (PE). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Projetou-se como liderança das Ligas Camponesas e elegeu-se deputado federal pelo PS – Partido Socialista (PE, 1963-1964). Faleceu em 10/07/1999, em Yxcatepec (México).

ENTREVISTADOR (ES): Henrique de Souza Filho (Henfil); Nilson Adelino Azevedo

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Não consta

TÍTULO DA MATÉRIA: “Julião: Vim enfrentar meu mito!”

DATA: 1980

LOCAL: Brasil

OBSERVAÇÕES: A entrevista está sem data, pressupõe-se ser de 1980 por Julião estar às vésperas de completar 65 anos.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.jul3	07 páginas	Sim	Cópia da reportagem

DESCRITORES:

Camponês

Ditadura Militar (1964 – 1985)

Dom Hélder Pessoa Câmara (bispo católico)

Emiliano Zapata Salazar (liderança camponesa mexicana)

Exílio político

Francisco Julião Arruda de Paula (advogado das Ligas Camponesas/político)

Getúlio Dornelles Vargas (político brasileiro)

Henrique de Souza Filho (Henfil/jornalista)

Ligas Camponesas

México

Miguel Arraes de Alencar (político brasileiro)

Movimento protestante

Nacionalismo

Pernambuco

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SUMÁRIO:

Lembra entrevista dada anteriormente no México; fala sobre ter o nome “satanizado”; comenta ida e vivência no México; explica porque retorno ao Brasil foi um “ato de violência”; fala sobre ser um homem-mito; comenta pesquisa feita sobre Emiliano Zapata; fala sobre o mito de Zapata; explica porque Zapata cresceu mais na dimensão mitológica do que histórica; diz que gostaria que alguém investigasse o “mito de Julião”; fala sobre última noite no México e regresso ao Brasil; fala sobre terra mexicana que trouxe para o Brasil; diz que trazer um pouco da terra mexicana representava a gratidão que tinha pelo país; afirma que México e Brasil passaram a ser uma mesma pátria para ele; relembra saída para o exílio e ato de beijar a terra antes de embarcar; diz que emoção do retorno lhe tomou pouco a pouco: reencontro com camponeses, canto dos pássaros; diz que semelhanças rurais do México não o deixou sentir tanta a ausência da sua região; fala sobre impacto de retornar a um Rio de Janeiro mais violento com um povo mais triste; comenta chegada em Pernambuco e visita à Galileia; comenta migração do campo para a cidade; fala sobre reencontro com Miguel Arraes; comenta divergências de opiniões entre os dois; diz serem amigos apesar das diferenças nas posições políticas; explica que encontro com Dom Hélder Câmara foi mais emotivo; fala sobre sua admiração ao bispo católico; cita assuntos conversados com Dom Hélder Câmara; diz ter se assustado com o crescimento do protestantismo no Brasil; diferencia atuação da Igreja Católica a das então igrejas protestantes; diz que crescimento da miséria é um caldo de cultura ideal para o tipo de pregação feita pelos protestantes; fala sobre Dom Evaristo Arns; diz que pretende ficar entre o nordeste e São Paulo; fala sobre relação estreita entre essas duas regiões; diz que pretende trabalhar como advogado do povo e aliar esse trabalho a ser também um político do povo; explica sua entrada para o PTB; comenta drama de consciência sobre o segundo governo Vargas; fala sobre carta de suicídio de Getúlio Vargas; faz defesa do nacionalismo no Terceiro Mundo; fala sobre programa de Governo do PTB; diz que não se preocupa em ser candidato político, mas que pretende trabalhar junto ao camponês enquanto advogado; explica que sua preocupação é dar ao camponês uma dimensão humana; fala sobre seu gosto literário; comenta Congresso do PTB que será realizado; explica

que não aderiu propriamente ao PTB, mas que, junto a outros intelectuais e políticos, existe um projeto a ser apresentado ao partido, então em fase de reestruturação; comenta corte histórico no imaginário do brasileiro causado pela Ditadura Militar; reafirma interesse em aproximar o Brasil do México; fala sobre criação de uma Associação Cultural Brasil-México; termina comentando situação vivida que lhe desenvolveu uma aversão enorme a baratas.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Francisco Julião Arruda de Paula

DADOS BIOGRÁFICOS: Nascido em 16/02/1915 em Bom Jardim (PE). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Projetou-se como liderança das Ligas Camponesas e elegeu-se deputado federal pelo PS – Partido Socialista (PE, 1963-1964). Faleceu em 10/07/1999, em Yxcatepec (México).

ENTREVISTADOR (ES): Henrique de Souza Filho (Henfil); Nilson Adelino Azevedo

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Não consta

TÍTULO DA MATÉRIA: “Julião: Vim enfrentar meu mito!”

DATA: 1980

LOCAL: Brasil

OBSERVAÇÕES: A entrevista está sem data, pressupõe-se ser de 1980 por Julião estar às vésperas de completar 65 anos.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.jul3	07 páginas	Sim	Cópia da reportagem

DESCRITORES:

Camponês

Ditadura Militar (1964 – 1985)

Dom Hélder Pessoa Câmara (bispo católico)

Emiliano Zapata Salazar (liderança camponesa mexicana)

Exílio político

Francisco Julião Arruda de Paula (advogado das Ligas Camponesas/político)

Getúlio Dornelles Vargas (político brasileiro)

Henrique de Souza Filho (Henfil/jornalista)

Ligas Camponesas

México

Miguel Arraes de Alencar (político brasileiro)

Movimento protestante

Nacionalismo

Pernambuco

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SUMÁRIO:

Lembra entrevista dada anteriormente no México; fala sobre ter o nome “satanizado”; comenta ida e vivência no México; explica porque retorno ao Brasil foi um “ato de violência”; fala sobre ser um homem-mito; comenta pesquisa feita sobre Emiliano Zapata; fala sobre o mito de Zapata; explica porque Zapata cresceu mais na dimensão mitológica do que histórica; diz que gostaria que alguém investigasse o “mito de Julião”; fala sobre última noite no México e regresso ao Brasil; fala sobre terra mexicana que trouxe para o Brasil; diz que trazer um pouco da terra mexicana representava a gratidão que tinha pelo país; afirma que México e Brasil passaram a ser uma mesma pátria para ele; relembra saída para o exílio e ato de beijar a terra antes de embarcar; diz que emoção do retorno lhe tomou pouco a pouco: reencontro com camponeses, canto dos pássaros; diz que semelhanças rurais do México não o deixou sentir tanta a ausência da sua região; fala sobre impacto de retornar a um Rio de Janeiro mais violento com um povo mais triste; comenta chegada em Pernambuco e visita à Galileia; comenta migração do campo para a cidade; fala sobre reencontro com Miguel Arraes; comenta divergências de opiniões entre os dois; diz serem amigos apesar das diferenças nas posições políticas; explica que encontro com Dom Hélder Câmara foi mais emotivo; fala sobre sua admiração ao bispo católico; cita assuntos conversados com Dom Hélder Câmara; diz ter se assustado com o crescimento do protestantismo no Brasil; diferencia atuação da Igreja Católica a das então igrejas protestantes; diz que crescimento da miséria é um caldo de cultura ideal para o tipo de pregação feita pelos protestantes; fala sobre Dom Evaristo Arns; diz que pretende ficar entre o nordeste e São Paulo; fala sobre relação estreita entre essas duas regiões; diz que pretende trabalhar como advogado do povo e aliar esse trabalho a ser também um político do povo; explica sua entrada para o PTB; comenta drama de consciência sobre o segundo governo Vargas; fala sobre carta de suicídio de Getúlio Vargas; faz defesa do nacionalismo no Terceiro Mundo; fala sobre programa de Governo do PTB; diz que não se preocupa em ser candidato político, mas que pretende trabalhar junto ao camponês enquanto advogado; explica que sua preocupação é dar ao camponês uma dimensão humana; fala sobre seu gosto literário; comenta Congresso do PTB que será realizado; explica

que não aderiu propriamente ao PTB, mas que, junto a outros intelectuais e políticos, existe um projeto a ser apresentado ao partido, então em fase de reestruturação; comenta corte histórico no imaginário do brasileiro causado pela Ditadura Militar; reafirma interesse em aproximar o Brasil do México; fala sobre criação de uma Associação Cultural Brasil-México; termina comentando situação vivida que lhe desenvolveu uma aversão enorme a baratas.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Geraldo Carlos Machado

DADOS BIOGRÁFICOS: Assentado rural em Campo Alegre (RJ), dirigente da Associação dos Pequenos Camponeses Produtores da Regional do Mato Grosso (RJ).

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 02/03/1998

LOCAL: Campo Alegre, Queimados/Nova Iguaçu, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.K7.gem	02 Fitas K7 / 60min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (com chiado).
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.gem	01h18min	Não	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.gem	19 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Assentamento rural
Associativismo
Cooperativismo
Desapropriação de terra
Distribuição de terras
Educação
Educação pública
Governo Brizola (1983-1987)
Governo Moreira Franco (1987-1991)
Igreja Católica
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terra
Organização comunitária
Organização da produção
Pequena produção agrícola
Registro de terras
Rio de Janeiro
Saúde
Saúde pública
Titulação da terra
Transporte coletivo
Uso da terra

SUMÁRIO:

Narra a origem do Assentamento Campo Alegre, RJ; fala sobre a ajuda da Igreja; analisa a assistência no governo Brizola e no governo Moreira Franco; aponta a caducidade do processo de desapropriação do assentamento no governo Moreira Franco e a sua não renovação; comenta a criação da Associação dos Pequenos Camponeses Produtores de Mato Grosso em 1986; explica como se dava o controle da moradia e administração de terras pela associação; conta sobre a fundação da Cooperativa em 1988 e suas atividades; trata do papel de assessores italianos na organização da plantação em 1992; analisa o declínio da cooperativa; discorre a relação com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu e com o prefeito da cidade; aponta a precariedade e realidade da saúde, da educação e do transporte no assentamento; fala do processo de evasão e chegada de moradores no assentamento; apresenta a dificuldade na vida pessoal e no trabalho; fala sobre curso de formação agrícola e discussões e reuniões com outros movimentos organizados como o MST.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gerson Teixeira

DADOS BIOGRÁFICOS: Engenheiro agrônomo, especialista em desenvolvimento agrícola e ex-presidente da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA).

ENTREVISTADOR (ES): Marina Amaral

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista Caros Amigos, nº 18

TÍTULO DA MATÉRIA: “O governo precisa mostrar serviço”

DATA: */09/2003

LOCAL: não identificado.

OBSERVAÇÕES: Acompanha a entrevista um box explicativo sobre o programa Vida Digna no Campo, redigido por Rodolfo Torres.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Acadêmicos/Intelectuais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.Al.cli. gt	2 páginas	Sim.	Fotocópia da revista original.

DESCRITORES:

**Abra – Associação Brasileira de Reforma Agrária
Bancada Ruralista
Constituição Federal (1988)
Desapropriação de terra
Francisco Graziano (presidente Incra)
Função Social da Propriedade Rural
Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002)
Governo Lula (2003-2006)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Partido dos Trabalhadores – PT
Poder Judiciário
Reforma Agrária**

SUMÁRIO:

Fala sobre quais atores estiveram mobilizados na construção do Programa Vida Digna no Campo, base do projeto de reforma agrária do governo Lula; comenta sobre o baixo desempenho deste governo na reforma agrária e atribui algumas causas para tanto, como o baixo orçamento e desaparecimento do INCRA, manutenção do instrumental repressivo aos trabalhadores e do aparato normativo que impede a reforma agrária e agrada a base conservadora do governo; afirma confiar no compromisso histórico do presidente Lula com a reforma agrária, opina sobre a necessidade do governo assumir postura mais ofensiva contra o latifúndio e pontua alguns passos que considera importante neste processo; comenta sobre um conjunto de catorze medidas de elevado alcance pela reforma agrária listadas pelo próprio INCRA ainda naquele ano e que considera importantes de serem resgatadas pelo governo; explica do que se tratam os juros compensatórios sobre o processo de desapropriação, cuja extinção é uma das atitudes que recomenda ao governo Lula e que já havia sido suscitada por Francisco Graziano, quando presidira o INCRA; aponta a necessidade de algumas reformas legais; critica a agenda política da primeira fase do governo Lula; fala brevemente sobre a posição do Judiciário em relação à reforma agrária; termina a entrevista afirmando quais fatores o fazem confiar na realização da reforma agrária massiva e de qualidade ao longo do governo Lula.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gilberto Azevedo

DADOS BIOGRÁFICOS: liderança do assentamento São José da Boa Morte - presidente da cooperativa local, ex presidente da Associação do Assentamento e vereador pelo PSDB.

ENTREVISTADOR(ES): Leonilde Servolo de Medeiros (e uma outra pessoa não identificada)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1998

LOCAL: Assentamento São José da Boa Morte, Cachoeiras de Macacu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/En. LNST.k7.gilb	02 fitas K7/60min	Não	Fitas em bom estado físico e sonoro.
MP3	MSPP/En. LNST.mp3.gilb	01h48min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Assentamento São José da Boa Morte (RJ)
Cachoeiras de Macacu (RJ)
Ceasa/RJ - Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro
Cooperativa agrícola
Cooperativismo
CPT - Comissão Pastoral da Terra
Crédito agrícola
Crédito rural
Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Escoamento da produção
FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador
Fazenda São José da Boa Morte (Cachoeiras de Macacu, RJ)
Fetag/RJ - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio de Janeiro
Igreja Católica
Mídia e poder
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Organização da produção
Partido político
Plano Collor
Projeto Lumiar (Incra)
STR de Cachoeiras de Macacu (RJ)

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - Conta sobre sua origem, em Campos Elíseos, na Baixada Fluminense e relata como se aproximou da vida rural; cita os lugares onde morou antes de ser assentado; fala de seu contato com a reforma agrária e o apoio da Igreja; avalia as disputas entre as lideranças locais da CPT e do sindicato; fala sobre a criação da Associação local e as necessidades do assentamento; cita a criação e as ações da cooperativa local para escoar a produção; discorre sobre princípios de cooperação agrícola; avalia como os assentados organizam produção individual e as dificuldades de garantir a cooperação; fala de “incentivo à indústria rural caseira” e os planos para os cooperados; discorre sobre suas tarefas nas ações do Sindicato, Federação e assentamento; fala sobre sua candidatura a presidência da associação e a expectativa para a renovação dos dirigentes.

Fita 1 lado B – Discorre sobre a concorrência política no assentamento; fala sobre sua formação em cooperativismo e a necessidade de formação dos trabalhadores; comenta as eleições sindicais, da associação e cooperativa; fala sobre a participação dos assentados na associação e cooperativa; refere-se à religião e sua influência na organização dos assentados; cita os números de cooperados e a possibilidade de implantação de projetos no assentamento; comenta como se dá a relação dos assentados com a cooperativa e as diretrizes para atender os cooperados; fala sobre a produção e o mercado; fala da falta da estrutura na Emater para atender à pequena produção.

Fita 2 lado A – Fala sobre a necessidade de assistência técnica; relata as dificuldades econômicas dos assentados, e o caso da enchente no assentamento na época da entrevista; conta como se tornou vereador e as relações políticas no assentamento e na região; comenta sobre uma liderança municipal (Ubirajara Muniz); fala sobre seu constrangimento com a política local, longe dos interesses da coletividade; relata sua familiaridade com o cooperativismo e a relação com a Câmara de Vereadores; fala da articulação com o MST e a Concrab; fala sobre a participação nas manifestações estaduais.

Fita 2 lado B - Continua falando da relação com o MST; relata sua posição na câmara de vereadores e seu papel de divulgador do Assentamento São José da Boa Morte; trata da relação com os agricultores do município; avalia as situações de conflitos e violência na região; avalia a veiculação da luta por terra na mídia; discorre sobre venda de lotes e reforma agrária.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gilberto Portes

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Estadual do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Rio Grandes do Sul. Na época da entrevista era da Secretaria Executiva do Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo. Advogado.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros e Carmen Deere

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Coleta de dados para a pesquisa *Land reform and poverty reduction: lessons from Brazil*, financiada pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e realizada em parceria com Carmen Diana Deere.

DATA: 20/07/2004

LOCAL: Fórum Nacional Pela Reforma Agrária e Justiça no Campo, Brasília, DF.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.gp	01 Fita K7 / 60min	Não	Fita em bom estado físico e sonoro.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.gp	01h01min	Sim	Lados A e B reunidos em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.gp	12 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Abra – Associação Brasileira de Reforma Agrária
Acampamento rural
Agricultura familiar
Agronegócio
Assentamento rural
Banco da Terra
Banco Mundial
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Conic – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil
Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CPMI da Terra – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (2004)
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Estatuto da Terra
Fetraf - Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
Fian – *Foodfirst Information and Action Network*
Governo FHC (1995-2002)
Governo Lula (2003-2006)
Hugo Chávez
Igreja Católica
Igreja Evangélica
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
José Dirceu (PT)
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
Miguel Rossetto (MDA)
Movimento estudantil
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nead – Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento
Neoliberalismo
Ocupação de terra
ONGs – Organizações Não Governamentais
ONU – Organização das Nações Unidas
PEC do Trabalho Escravo – Proposta de Emenda à Constituição (2004)
Plínio de Arruda Sampaio (Abra)
PT – Partido dos Trabalhadores
Roberto Rodrigues (ministro da agricultura)
Rolf Hackbart (presidente Incra)
UDR – União Democrática Ruralista
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fita 1 Lado A - O entrevistado discorre sobre a carência de conhecimento científico na discussão de políticas públicas para o campo brasileiro; aponta a importância do Nead para preencher essa falta e a necessidade de investimento público na capacitação de profissionais da área e realização de parcerias com ONGs e movimentos sociais; compara a relação com os movimentos sociais do Governo Lula aos anteriores; critica a continuidade do modelo neoliberal e fomento ao agronegócio e suas consequências para o camponês; afirma que as políticas do Governo Lula a fim de “fortalecer a economia nacional” através da agroexportação terminou por inviabilizar a reforma agrária e agricultura familiar; afirma que o MST, a partir do Governo Lula, passou a deixar de acreditar na luta via institucional e que apenas “uma coisa forte de baixo da sociedade” forçaria a adoção de medidas favoráveis ao camponês; compara os subsídios destinados ao agronegócio àqueles para pequenos e médios e ressalta a dificuldade na obtenção de crédito e a não renegociação das dívidas destes últimos; afirma que o MDA e o Incra estavam sucateados e que o Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, teria “tapete vermelho no planalto”; fala sobre o desafio de tornar a reforma agrária uma bandeira “simpática” e a importância dos formadores de opinião como estudantes e Igreja neste processo; discorre sobre as perspectivas do Fórum Nacional de Reforma Agrária, que iria ocorrer em 2005; trata do apoio ao MST para a continuidade das ocupações de terra como maneira de exercer pressão direta; discorre sobre o papel da Igreja para o MST; trata dos problemas com líderes evangélicos em acampamentos; fala do progressivo afastamento das CEBs e CPT e a participação do MST na Semana Social da CNBB; afirma que as políticas de reforma agrária do Governo Lula seriam compensatórias; defende que há distância entre o MST e o Estado, pois este se posiciona livremente ao discordar e concordar do governo; cita o apoio à Hugo Chaves e critica a CMPI da Terra; afirma que a presença de um “governo progressista” exerceria pressão favorável no Judiciário, fazendo com que o STF promulgasse pareceres favoráveis à ocupações;

Fita 1 Lado B - narra o embate do MST com o Banco Mundial e explica a crítica ao Painel de Inspeção; fala sobre a proposta de extinção do Banco da Terra feita ao governo Lula; discorre sobre o relatório da Fian Internacional à Comissão de Direitos Humanos da ONU apontando a precariedade nos assentamentos; pontua as contradições com a Contag e a importância da criação da Fetraf; discute o não cumprimento das metas de assentamento para 2003 e 2004; defende que o MST se passava por “pelego” ao evitar ocupações e negociar com o governo; afirma que a UDR preparava reação violenta no caso de ocorrerem ocupações; discute a diferença entre as concepções de camponês e agricultor familiar e destaca a importância do MPA neste debate; explica a campanha pelo limite da propriedade da terra e substituição pela campanha pela Reforma Agrária; destaca a criminalização do MST no Governo FHC; explica a nova estratégia de ocupação do MST a partir do Governo Lula e o apoio à PEC do trabalho escravo.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gilmar Mauro

DADOS BIOGRÁFICOS: Coordenador Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Rogéria Araújo

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Adital*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Trabajadores rurales del MST van a Brasília a pedir la aprobación del Plan Nacional de Reforma Agraria”

DATA: 09/11/2003

LOCAL: Fórum Social Brasileiro em Belo Horizonte, MG.

OBSERVAÇÕES: A entrevista está em espanhol.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.gm	03 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

América Latina
Democracia burguesa
Fome
Governo Lula (2003-2006)
Incrá – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Latifundiário
Meio ambiente
Mídia e poder
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003)
Reforma agrária
Transgênico
Via Campesina
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fala sobre os impactos negativos dos transgênicos e apresenta a opinião do MST quanto a isso; faz um balanço negativo dos 11 meses do governo Lula em relação à reforma agrária e expectativas de discussão do Plano Nacional de Reforma Agrária; critica a burocratização e morosidade do Incra; aponta a importância da integração e unidade dos movimentos sociais do campo na América Latina e destaque para a Via Campesina; fala da violência no campo, problemas que o latifúndio traz e outros problemas como a destruição do meio ambiente, a fome e a miséria; fala da autonomia política do MST frente ao governo Lula; analisa os 20 anos do MST e a forte resistência da sociedade frente a mídia, a democracia burguesa e a cultura política histórica; aponta a organização dos latifundiários.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gilmar Mauro

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da coordenação nacional do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e coordenador da ocupação da Fazenda Chimbó em Matão (SP) em 1999.

ENTREVISTADOR (ES): Fausto Salvadori Filho

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *A Tribuna* (Araraquara, SP)

TÍTULO DA MATÉRIA: “Fazendas de Monocultura entram na mira do MST: Líder Sem Terra diz que vai invadir propriedade que não cumprem a função social”

DATA: 22/12/1999

LOCAL: Sindicato dos Têxteis, Araraquara, SP.

OBSERVAÇÕES: Entrevista veiculada no site: www.estadao.com.br.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.gm2	02 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

**Função social da propriedade rural
Governo FHC (1995-1998)
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social
Legislação ambiental
Legislação trabalhista
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terra
Reforma agrária
São Paulo
Títulos da dívida ativa**

SUMÁRIO:

Conta os motivos da ocupação da Fazenda Chimbó, em Matão, SP; defende a ocupação de terras como sendo a forma de pressionar o governo federal a acelerar o processo de levantamento de terras com dívidas; fala sobre a nova tática do MST que é ocupar, além de terras improdutivas, as endividadas com o Estado; discorre sobre as dificuldades das ocupações em terras improdutivas que são distantes e têm baixa fertilidade; fala que a escolha da Fazenda Chimbó deve-se ao conhecimento sobre a área pelo tempo de atuação na região.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gilmar Mauro

DADOS BIOGRÁFICOS: Coordenador Nacional do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra .

ENTREVISTADOR (ES): Gabriel Brito e Valéria Nader

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Correio da Cidadania*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Gilmar Mauro: ‘MST não será refém do próximo governo’”

DATA: 27/09/2010

LOCAL: Não consta.

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.gm3	06 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Concentração fundiária
Eleições
Gilmar Mauro (dirigente MST)
Governo Lula (2007-2010)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária

SUMÁRIO:

[breve resumo da entrevista desenvolvido pelos redatores]

Diz ser necessário um debate com a sociedade brasileira sobre a reforma agrária: que tipo de uso que ela quer dar ao solo, aos recursos naturais, água, biodiversidade, subsolo e alimento que consome; afirma que vão continuar ocupando terras, porque há gente querendo ser assentada e trabalhar, mas que a discussão vai além do MST; diz que Lula não alcançou os objetivos defendidos pelos movimentos camponeses; explica que o que existe são políticas agrárias e de assentamentos, mas não reforma agrária; afirma a continuidade da concentração fundiária e do modelo de exportação de commodities; comenta que o MST adotou uma política de não apoio a nenhum candidato no primeiro turno das eleições; explica posicionamento do MST: reconstituição política de uma esquerda de fato no país; diz que reforma agrária só é possível diante de um protagonismo das forças populares; diz existir um contexto internacional de enfraquecimento dos setores sociais, perda de força política; opina de que nenhum governo teria condições de fazer uma reforma agrária “profunda e radical” diante da ausência de força social e política organizada; afirma, porém, que estimulam o voto em quem apoia a reforma agrária; explica que não existe diálogo entre MST e Serra; conta que houve despejos violentos durante seu governo estadual articulado com a Rede Globo e os fazendeiros; dá alguns outros exemplos de um processo de dificuldade de diálogo do governo Serra com o movimento social; opina que do ponto de vista do projeto político não há muita diferença entre Serra e Dilma; afirma que MST não deve manter uma postura refém diante do próximo governo, que há uma necessidade de lutar contra a maré e fortalecer a base; defende uma postura de planejar e executar para dar respostas as suas bases com marchas e lutas; diz ser necessário ter também uma teoria condizente com o processo; opina sobre candidatura de Plínio de Arruda Sampaio; diz que a esquerda passa por um momento difícil de fragmentação e de articulação dos seus setores; afirma que a base do MST é *lulista* e explica porque não houve apoio aberto à eleição de Dilma; opina sobre reorganização da esquerda: necessidade de fazer um balanço político do movimento social e sindical, de repensar a classe trabalhadora diante do processo de terceirização, de lidar com as múltiplas verdades dos agrupamentos e setores da esquerda; defende uma nova metodologia para o debate político dentro da esquerda; opina sobre uma eventual vitória de Alckmin em São Paulo; afirma que para o MST seria melhor enfrentar Mercadante do que Alckmin no governo.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Jaime Amorim

DADOS BIOGRÁFICOS: Liderança do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Nordeste. É catarinense, radicado em Pernambuco.

ENTREVISTADOR (ES): Luísa Gockel

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Rets – Revista Eletrônica do Terceiro Setor*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Situação agrária no estado de Pernambuco – Sem justiça”

DATA: 09/02/2006

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.jam	04 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Escavidão
Governo FHC (1999-2002)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Justiça agrária
Latifúndio
Luta pela terra
Mídia e poder
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terra
Reforma agrária
Terra improdutiva
Usineiro
Violência no campo

SUMÁRIO:

Jaime conta a ocupação na Usina Estreliana, em PE, que mantinha uma prática de escavidão e terror; fala da prisão de lideranças do MST, inclusive a sua prisão preventiva; fala sobre os interesses políticos de usineiros e o apoio do Judiciário nestas prisões; denuncia o Poder Judiciário como inimigo da reforma agrária e aliado do latifúndio; trata da criminalização da luta pela terra com forte apoio da mídia; fala do apoio do governo FHC para colocar o MST na ilegalidade; defende o método de reivindicação e pressão do MST.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Jaime Amorim

DADOS BIOGRÁFICOS: Liderança do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Nordeste. É catarinense, radicado em Pernambuco.

ENTREVISTADOR (ES): Juliana de Mari

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Veja*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Apelo às armas – líder dos Sem Terra diz que o Movimento é contra a violência, mas admite uso da luta armada em algumas circunstâncias”

DATA: 07/10/1998

LOCAL: Caruaru, PE.

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.jam2	03 páginas	Sim	Fotocópia do original

DESCRITORES:

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
Partido político
Governo FHC (1995-1998)
Violência no campo
Luta armada
Neoliberalismo
Socialismo
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

SUMÁRIO:

Defende que, em alguns casos, perante a violência imposta pelo governo e latifundiários, a resistência dos Sem Terra deve armada; fala sobre suas referências políticas como Che Guevara e Marighella; trata a questão da luta armada; analisa o governo FHC e a reforma agrária; comenta sobre as dificuldades de implementação da reforma agrária de forma pacífica; fala sobre o modelo de submissão da reforma agrária ao neoliberalismo; analisa a incapacidade do Incra para efetivar a reforma agrária; aponta o que é preciso fazer para resolver os problemas do campo; trata da questão da opinião pública no que concerne à reforma agrária e ao MST; fala sobre os sonhos e perspectivas para o futuro do país baseado num modelo socialista; fala sobre o MST e a relação com partidos políticos.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Janice Duarte

DADOS BIOGRÁFICOS: Morador do assentamento Cachoeira Grande (Magé, RJ) e presidente APPCG - Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande (Magé, RJ).

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para a pesquisa "Assentamentos rurais em perspectiva comparada: uma análise das dimensões econômica, social, histórica e ambiental". Tratou-se de estudo comparativo de projetos de assentamento rurais localizados no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi coordenada pelos pesquisadores Afrânio Raul Garcia Jr., Leonilde Servolo de Medeiros, Mário Grynszpan e Sérgio Pereira Leite.

DATA: 03/05/2001

LOCAL: Assentamento Cachoeira Grande, Magé, RJ

OBSERVAÇÕES: Um segundo entrevistado, não identificado, faz intervenções.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/TEMP O DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.jd	02 Fitas K7 / 60 min	Não	Fitas em bom estado físico e sonoro.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.jd	01h14min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.jd	32 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agricultor familiar
APPCG - Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande (RJ)
Assentamento Cachoeira Grande (Magé, RJ)
Assentamento rural
Assistência técnica
Cachoeira Grande (Magé, RJ)
CAF - Comissão de Assuntos Fundiários (RJ)
Companhia América Fabril
Cooperativismo
Crédito agrícola
Fetag/RJ - Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro
Governo Brizola (1983-1987)
Grilagem
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LBA - Legião Brasileira de Assistência
Ocupação de terra
Pequeno produtor rural
Pistolagem
Posseiro
Processo de desapropriação
Sindicalismo rural
STR de Magé (RJ)

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - O entrevistado fala sobre seu histórico familiar e migração de seu pai para Magé (RJ); conta que foram, inicialmente, trabalhar na América Fabril; fala sobre o acordo da América Fabril com os lavradores acerca das roças que mantinham; conta que todas as compras eram realizadas no armazém da companhia; afirma que escola, atendimento médico e outros serviços também eram garantidos pela América Fabril; avalia que antes se vivia melhor do que na época da entrevista; aponta em que locais encontravam-se as várias unidades da fábrica: conta que as terras da região eram abandonadas e mesmo aquelas supostamente pertencentes à América Fabril seriam, na realidade, griladas; narra a falência da fábrica e chegada do Incra na região; relata a migração de posseiros para a região; fala sobre a diretoria da América Fabril e os motivos que acredita terem contribuído para a falência; narra os conflitos pela posse dos lotes; explica, especificamente, a situação de Cachoeira Grande; fala sobre as ameaças de despejo que sofreu; afirma que no período do governo Brizola foi fundado o STR de Magé;

Fita 1 lado B - fala da APPCG - Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande, da qual foi presidente; trata das perseguições, assassinatos e prisões dos companheiros; afirma que o governador Brizola “era a única salvação dos lavradores” e narra o episódio em que, na véspera dos despejos em Cachoeira Grande, conseguiu dirigir-se ao governador e este interveio a favor dos moradores através da desapropriação das terras; defende que Cachoeira Grande não é um assentamento, já que seriam eles os moradores originais do lugar; fala sobre os

posseiros que migraram depois; discorre acerca da Associação e as conquistas que proporcionou aos lavradores; explica por que a Associação passou a dar crescente prioridade à Cooperativa; critica o governo e a relação dos candidatos da região com o sindicato e antiga associação; fala sobre os projetos em parceria com a LBA;

Fita 2 lado A – fala novamente sobre a cooperativa e as prioridades da diretoria da associação na época da entrevista.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Joana D'arc de Lima Corrêa

DADOS BIOGRÁFICOS: Fundadora da APPCG – Associação dos Pequenos Produtores de Cachoeira Grande (Magé, RJ). Foi 2ª secretária na primeira gestão da Associação, indicada para agente de saúde do assentamento, Secretária da Agricultura de Magé (RJ) e candidata a vereadora. Casada, tinha três filhos. É natural do bairro de Bonsucesso, cidade do Rio de Janeiro (RJ).

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa "Assentamentos rurais em perspectiva comparada: uma análise das dimensões econômica, social, histórica e ambiental", estudo comparativo de projetos de assentamento rurais localizados no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi coordenada pelos pesquisadores Afrânio Raul Garcia Jr., Leonilde Servolo de Medeiros, Mário Grynszpan e Sérgio Pereira Leite.

DATA: 2001

LOCAL: Assentamento Cachoeira Grande, Magé, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: A entrevistada cita, diversas vezes, Delcaci Luciano, também entrevistado para esta pesquisa (planilha MSPP/en.LNST.mp3.del), dirigente do STR de Magé (RJ).

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.lev	01 Fita K7 / 60 min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio com defeito, sem prejuízo do conteúdo. Há outra entrevista, com diferente entrevistado, no mesmo suporte.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.jod	00h52min	Sim	Lados A e B reunidos em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Assentamento rural
Associativismo
CAF – Comissão de Assuntos Fundiários (RJ)
Companhia América Fabril
Conflito por terra
Contribuição sindical
Desapropriação
Governo Brizola (1983-1987)
Governo Brizola (1991-1994)
Grilagem
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Governo Moreira Franco (1987-1991)
Organização comunitária
Organização de base
Poder local
Posse da terra
Procera – Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária
STR de Magé (RJ)

SUMÁRIO:

A entrevistada conta sua trajetória antes de chegar ao assentamento; diz que a mãe sempre trabalhou na terra, em Pernambuco, e veio para o Rio de Janeiro com o mesmo objetivo; conta que saiu da favela para a área rural; fala sobre as condições de vida e infraestrutura do sítio de sua mãe em Magé; conta como chegaram e a falta de infraestrutura; fala sobre seu filho e as dificuldades encontradas na volta à zona urbana; constata que, quando vieram de vez do Rio de Janeiro para a área, tinham certos conhecimentos que proporcionaram a organização da comunidade em busca de melhorias de infraestrutura; lembra que anteriormente não havia nenhum grupo organizado; recorda-se que com ajuda principalmente de seu irmão, fundou uma associação de moradores; fala que foi convidada a se mudar para terras próximas a fim de ocupar uma área vazia que tinha sido grilada pelo antigo dono da fábrica; diz que na região havia muito conflito por terra; comenta sobre o decreto de desapropriação e assentamento das famílias; fala que através da organização conseguiram muitos benefícios junto ao Estado; faz explanação sobre o acesso ao Procera e suas conseqüências; faz comentários sobre algumas lutas históricas e repressões; compara e avalia os governos de Brizola e Moreira Franco; elogia o governo Brizola e suas políticas em relação à questão fundiária e ao assentamento; lembra que, mesmo com a desapropriação, não possuíam o título da terra; comenta que, após mobilização da comunidade, conseguiram Autorização Provisória de Ocupação para todos; discorre sobre o processo de regularização e titulação definitiva das terras; diz que a divisão dos lotes respeitou a organização existente; lembra que no apagar das luzes do governo Brizola foram dados os títulos das terras apenas para uma parte dos trabalhadores; fala que havia grande resistência das pessoas em participar da diretoria da Associação; fala sobre o período em que Delcacil assumiu a Associação e de ações prejudiciais aos projetos encaminhados e à participação do conjunto dos trabalhadores; revela que, ao se candidatar à reeleição, Delcacil

não seguiu a cultura da Associação de respeitar as dificuldades de pagamento dos associados, e tomou posse com apenas 14 votos; discorre sobre o processo de organização de base e deliberações da comunidade; fala sobre a solidariedade entre os moradores; ressalta que, como muitas terras da área eram griladas, o Estado é que decidia quais e quando estas iriam ser ocupadas; destaca que a esmagadora maioria dos assentados não vive exclusivamente da roça; diz que a vida do assentamento está melhor devido ao recebimento do Procefa e Pronaf, os quais ficaram suspensos nos governos de Moreira Franco e Marcelo Alencar; discorre sobre a conjura de poder da Associação e sobre a relação da Associação com os governos locais; fala que foi Secretária de Agricultura e Meio Ambiente do município; descreve a organização para utilização dos bens comuns da comunidade.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Bastos e Dona Evanildes

DADOS BIOGRÁFICOS: Respectivamente, liderança no processo de ocupação e responsável pela organização do Acampamento Campo Alegre na Baixada Fluminense (RJ) e sua companheira.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros e Paulo Roberto Alentejano

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1998

LOCAL: Assentamento Campo Alegre, Nova Iguaçu/Queimados, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: Na parte final da entrevista a companheira do Sr. João Bastos, Sra. Evanildes, passou a responder as questões sozinha, mas ela esteve presente durante toda a entrevista.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.jbev	02 Fitas Micro K7 / 60 min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (desequalizado).
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.jbev	01h27min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.jbev	22 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Acra - Associazione di Cooperazione Rurale in Africa e America Latina

CPT - Comissão Pastoral da Terra

Federação das Associações de Lavradores do Rio de Janeiro

Governo Brizola (1983-1987)

Governo Moreira Franco (1987-1991)

Grilagem

Hélio Luz (delegado)

José Pureza (liderança)

Laerte Bastos (liderança)

Mutirão

PCB - Partido Comunista do Brasil

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

Uanca – União das Cooperativas de Campo Alegre

Vivaldo Barbosa (Secretário de Justiça, governo Brizola, RJ)

SUMÁRIO:

Fala sobre o processo de organização da ocupação de Campo Alegre; trata da relação com o Estado; discorre sobre as lideranças locais; analisa a organização por regionais, as indenizações pagas pelas terras de Campo Alegre e os mutirões; fala sobre o início da organização da luta e ocupação de terras na Baixada Fluminense, bem como das lideranças que participaram do processo; conta sobre as relações políticas da área e a relação com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu; fala de sua relação com Laerte Bastos, suas amizades no governo do estado e seu método de trabalhar com a organização em Campo Alegre; relata a chegada da ONG italiana Acra e a organização da cooperativa; Dona Evanildes fala sobre a construção e mobilização da escola de Campo Alegre e das festas comunitárias organizadas por ela e João Bastos; lembra suas ações e as de João Bastos para garantir o posto de saúde da comunidade; discorre sobre sua família e origem; aponta os conflitos com a cooperativa e a ONG italiana; analisa a atuação dos dirigentes da Associação.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Paulo Rodrigues

DADOS BIOGRÁFICOS: Direção nacional do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Jamile Chequer

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *IbaseNet*

TÍTULO DA MATÉRIA: Sem título

DATA: 25/05/2005 (data de veiculação)

LOCAL: Entrevista realizada por email

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.jpr	04 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Assentamento rural
Democracia
Educação no campo
Farc/ EP - Forças Armadas da Colômbia – Exército do Povo
Governo Lula (2003-2006)
Igreja
Mídia e poder
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
Socialismo
Violência no campo

SUMÁRIO:

Aborda a veiculação, que considera deturpada, da grande mídia sobre o MST; apresenta a linha política do Movimento; trata da relação de proximidade entre o MST e o governo Lula; fala das acusações ao Movimento de ser extremista, socialista, antidemocrático, violento e de ter relações com as Farc; aborda a dinâmica dos assentamentos; discorre sobre o investimento do Movimento em educação; relata a relação do MST com a Igreja; defende a autonomia do Movimento e seu reforço na luta pela reforma agrária.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Paulo Rodrigues

DADOS BIOGRÁFICOS: Direção nacional do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Nicolau Soares

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista Fórum

TÍTULO DA MATÉRIA: “A nova face do MST”

DATA: junho de 2005

LOCAL: Brasília, DF

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.jpro2	05 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Governo Lula (2003 – 2006)
João Paulo Rodrigues (liderança MST)
Luta pela terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Política externa
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária

SUMÁRIO:

[breve resumo da vida do entrevistado]

Fala sobre sua vivência desde novo em um acampamento rural; diz que em 1986 seu pai já era integrante do MST; diz que contato dirigentes do movimento desde cedo permitiu conhecer a bandeira, hinos, palavras de ordem do MST; divide a história do MST em dois momentos: antes e depois de 1997; diz que reações ao massacre de Eldorado dos Carajás trouxe reconhecimento internacional ao movimento; fala sobre novas bandeiras de luta e novas alianças do MST; opina sobre diferenças entre a militância da velha guarda do MST e as lideranças jovens; explica desenvolvimento de setores no MST (educação, comunicação, etc.) e sua importância; fala sobre audiências com representantes de ministérios do Estado e os resultados práticos dessa mobilização; afirma que colocar na pauta de todos os ministérios a reforma agrária é um grande avanço; opina sobre pauta de reunião caso tivesse tido uma audiência com o Ministério da Agricultura; fala sobre conjuntura política do período; diz que não existe um projeto unificado no governo do ponto de vista econômico e social; afirma a falta de diálogo entre os ministérios; opina sobre governo Lula; diz que governo não apostou em uma aliança com o povo e sim dentro do Congresso Nacional; fala sobre autonomia do movimento e a possibilidade de criticar e apoiar o governo em virtude dela; diz que PT optou entre a busca de votos em detrimento da organização da sociedade; compara governo Lula ao governo de Chávez; opina sobre oposição das elites ao governo Lula; opina sobre política externa do governo Lula; afirma que reforma agrária ainda não existe no governo; critica políticas adotadas na área econômica: dependência ao capital internacional, investimento em monoculturas de exportação e a política fiscal; opina sobre rupturas necessárias ao Brasil: diminuição do investimento internacional, diminuição de juros; afirma que reforma agrária não é prioridade do governo, ao contrário do agronegócio; opina sobre questionamentos feitos à verba do governo para a Marcha Nacional do MST: briga ideológica da imprensa para desmoralizar o MST.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): André Carravilla

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Correio Brasiliense*

TÍTULO DA MATÉRIA: “‘Falta coragem’. O líder do MST diz que a marcha deu resultados e critica o governo por não dar prioridade ao social”

DATA: 22/05/2005

LOCAL: Entrevista realizada por email

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste	03 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Governo Lula (2003-2006)

Índices de produtividade agrícola

Luta de classes

Ministério da Fazenda

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Opinião pública

Polícia Militar

Política econômica

Reforma agrária

SUMÁRIO:

Apresenta os objetivos da Marcha do MST, realizada em 2005; fala do canal de comunicação entre o Movimento e a sociedade; aponta o relacionamento com a polícia; fala sobre o propósito de resolver os problemas sociais; apresenta as prioridades governamentais; trata de recursos públicos e de acordos políticos com o governo; discorre sobre a meta de assentamentos; faz reivindicação sobre Orçamento da União; analisa o corte nos gastos sociais e aumento dos juros; discorre sobre as ações políticas do Ministro e Ministério da Fazenda; debate os índices de produtividade da terra; trata do incentivo ao estudo da sociedade; defende a ocupação como mobilização de massa; aponta esperança com o governo Lula.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Roldão Arruda

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *O Estado de São Paulo*

TÍTULO DA MATÉRIA: “‘Risco maior é a barbárie’, diz Stédile. Para líder do MST, clima de instabilidade pode estimular ações desorganizadas; saída é Lula aliar-se a setores populares”

DATA: 26/06/2005

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste2	02 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Governo Lula (2003-2006)

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Política econômica

PFL – Partido da Frente Liberal

Participação popular

Neoliberalismo

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

Direitos sociais

Crise social

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

Reforma política

SUMÁRIO:

Fala sobre o processo de desestabilização do governo Lula; trata a necessidade de mudança na política econômica; fala da pressão da direita junto ao Governo; diz que é imprescindível uma aliança com o povo; analisa o descenso do movimento de massas; fala da aliança do governo com o PMDB.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Larissa Magrisso

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Portal Terra*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Entrevista com João Pedro Stédile, dirigente do MST, nos marcos da realização do III FSM- Fórum Social Mundial, de 23 a 27 de janeiro 2003”

DATA: 15/01/2003

LOCAL: Porto Alegre, RS

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste3	05 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Biotecnologia
Fórum Social Mundial (III, 2003)
Globalização
Luta pela terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMC – Organização Mundial do Comércio
ONU – Organização das Nações Unidas
Transgênicos
Via Campesina

SUMÁRIO:

Stédile considera o Fórum Social Mundial um espaço de debate e trocas de ideias e sonhos; fala sobre a articulação entre MST, movimentos camponeses e outros movimentos sociais; faz um paralelo entre globalização e luta pela terra, entre a globalização do capital financeiro e a globalização da exploração; fala da aproximação com outros movimentos camponeses latinos e do acúmulo de experiências históricas; assinala a constituição da Via Campesina; discorre sobre a relação de solidariedade à luta do povo palestino; lembra da visita, em comitiva, da Via Campesina Internacional por solidariedade ao povo palestino à cidade de Ramallah; denuncia a proibição do governo de Israel à Atalla Hanna, bispo da Igreja Ortodoxa de Belém, de participar do FSM; justifica porque o MST e a Via Campesina afirmam que o comércio internacional dos produtos agrícolas e alimentos não pode se reger pelas regras da OMC e sim pela garantia da soberania alimentar; assume que o movimento é contra a padronização alimentícia; revela o planejamento de grandes mobilizações durante a reunião da OMC em Cancun; opina sobre a necessidade de reorganização dos sistemas internacionais; denuncia a imposição dos EUA sobre os organismos internacionais; considera que os movimentos sociais devem manter autonomia perante os governos, estados, partidos e igrejas; considera que no governo Lula o latifúndio perdeu força; diz que as formas de luta são resultantes do nível de contradição social que se cria na sociedade; assinala que enquanto tiver latifúndios haverá sem terras para ocupar; afirma que a fome é resultado da falta de distribuição da comida; denuncia a pressão que as transnacionais fazem para impor seus produtos, controlar a tecnologia dos transgênicos e da biotecnologia; diz que na luta contra os transgênicos está em jogo a sobrevivência dos pequenos agricultores e camponeses e a soberania alimentar dos povos; cita a Campanha internacional “As Sementes são Patrimônio da Humanidade”, lançada no FSM; considera que no Rio Grande do Sul o monopólio dos meios de comunicação é mais concentrado, e faz campanha contra o governo popular, MST e outros movimentos sociais; avalia que o FSM cumpre papel de debater ideias em uma conjuntura neoliberal e de monopólio dos meios de comunicação.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Não identificado

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Carta Capital*

TÍTULO DA MATÉRIA: “A crise da agricultura brasileira”

DATA: 06/2006

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES: Há um pequeno texto de apresentação.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste4	04 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agricultura Familiar
Agronegócio
Capitalismo dependente
Desemprego
Êxodo rural
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Mercado agrícola
Mercado de alimentos
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003)
Transnacionais

SUMÁRIO:

Stédile assume que a crise na agricultura se manifesta diferentemente nos três níveis de produtores: pequenos, médios e grandes fazendeiros; diz que o agricultor familiar é prejudicado pela falta de mercado e de contenção de preço; os médios e grandes produtores do agronegócio são afetados apenas pela crise de taxa de lucro e são dependentes das transnacionais; considera que tal crise se deve à dependência ao modelo neoliberal; avalia que o pacote agrícola do governo não ajuda em tal crise; vê a necessidade do governo fazer uma política que priorize a organização de toda a produção, baseando-se na pequena e média agricultura; denuncia que, quando há lucros, o agronegócio somente aplica em bens de luxo, enquanto que, havendo prejuízo, cobram de toda a sociedade; diz que o modelo agroexportador se baseia na produção de monoculturas, em enormes extensões de terra, usando agrotóxicos e baixa absorção de mão-de-obra barata, visando somente a exportação; conclui que este modelo gera inevitavelmente destruição da biodiversidade, a expulsão da mão-de-obra do campo e a criminalidade; lembra das manifestações de fazendeiros e de trabalhadores sem terra que coincidiram em período, porém por causas diferentes; denuncia que determinados grandes produtores mudam de ramo com facilidade para obter vantagens do Estado brasileiro; considera que a reforma agrária não atemoriza quem realmente produz; pondera que no modelo neoliberal os fazendeiros têm como estorvo as transnacionais e os bancos, e que não podem tratar os recursos naturais como propriedade somente deles; admite que o modelo agrícola deve ser baseado na pequena e média propriedade; vê a necessidade de se organizar a produção para o mercado interno, que possui uma demanda muito grande, visando o desenvolvimento nacional; defende a necessidade de se adotar técnicas agrícolas sustentáveis e saudáveis.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIográficos: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Não identificado

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Jornal Montblaat*; Ano III; nº113

TÍTULO DA MATÉRIA: “‘Nosso Movimento é Republicano’ sobre o Governo e a Reforma Agrária: ‘Pouco ou nada foi feito’ ”

DATA: 07/10/ 2005 (data de veiculação)

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste5	03 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Assentamento rural
Constituição Federal Brasileira (1988)
Direito à terra
Governo FHC (1999-2002)
Governo Lula (2003-2010)
MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Via Campesina
Violência no campo

RESUMO:

Stédile analisa que os dois problemas fundamentais do Brasil são a pobreza extrema e a desigualdade social, tendo como consequência a concentração exacerbada da terra; revela que o trabalho do MST é a conscientização dos sem terra para lutarem por seus direitos; lembra as leis constitucionais para legitimar as ações dos trabalhadores; afirma que o Movimento é republicano; analisa o Plano Nacional de Reforma Agrária do governo Lula; compreende que o governo deixou muito a desejar na área da reforma agrária; a reversão desta situação só seria possível com a mudança dos índices de produtividade, reformulação do Inca e garantia de cestas básicas mensais; reconhece a existência da violência social, estrutural e física no meio rural brasileiro; reconhece o alto nível de impunidade; revela que o MST e a Via Campesina são a favor do desarmamento, pois tal lei poderia impedir mortes desnecessárias e acidentais; manifesta a postura do MST perante o fim do governo Lula; declara que o atual governo manteve os mesmos níveis de metas e prioridades do governo anterior.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIAGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Roberta Araújo

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Tribuna da Imprensa*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Stédile chama reforma agrária de Lula de vergonha nacional”

DATA: 24/03/2005

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ.

OBSERVAÇÕES: A entrevista foi feita antes do veto de Lula à Lei de Biossegurança. A entrevista foi veiculada no dia 28/03/2005.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste6	04 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agronegócio
Carta da Terra
Cooperativismo
Dorothy Stang (missionária)
Governo Lula (2003-2010)
Mercado interno
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003)
Reforma agrária
Transgênicos
Transnacionais
Unai (MG)
Violência no campo

RESUMO:

Stédile analisa a política de reforma agrária do governo Lula e o Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003); reflete sobre os motivos pelo qual no governo Lula não há uma evolução no processo de reforma agrária; fala sobre o projeto de reforma agrária do MST, contido na Carta da Terra; revela que este projeto não se limita à distribuição de terras, mas também visa uma organização sólida para produção e distribuição dos produtos; vê a necessidade de democratização da educação, além da promoção de assistência técnica; revela a sintonia de discussões e projetos entre MST e Comissão Pastoral da Terra; considera que o modelo agroexportador é a nova faceta do colonizador, sendo altamente custoso ao ambiente e ao social; assinala que os projetos de reforma agrária do MST e do agronegócio são completamente opostos; assinala os motivos dos conflitos sociais no campo; denuncia um caso de homicídio no município de Unai (MG); fala sobre a morte da missionária Dorothy Stang; diz que a questão agrária é um problema da sociedade brasileira que gera conseqüências profundas como desemprego e violência; revela que a Lei de Biossegurança dará liberdade para disseminar sementes transgênicas, controlar a agricultura e cobrar *royalties* dos agricultores; afirma ter esperança de que Lula vete diversos artigos que prejudicam a agricultura familiar; revela que o MST, movimentos ambientalistas e Igreja entrarão com uma ação de inconstitucionalidade da Lei de Biossegurança; compreende que deva haver pesquisas exaustivas e disseminação de informações sobre os malefícios dos transgênicos tanto do ponto de vista da saúde pública, como social e ambiental; analisa que certos países que liberaram os transgênicos, o fizeram por interesse das empresas transnacionais.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Carolina Rangel e Rafael Martí

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Jornal do Sindicato dos Engenheiros*

TÍTULO DA MATÉRIA: “É o povo quem faz a mudança”

DATA: 07/2006

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste7	03 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agricultura familiar
Biotecnologia
Governo Lula (2003-2006)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Índices de produtividade agrícola
Lei de patentes
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
Organização popular
Política agrícola
Transgênicos

SUMÁRIO:

Faz análise de conjuntura do governo Lula; trata do neoliberalismo no Brasil; faz balanço da reforma agrária; fala do favorecimento à agricultura de exportação; discorre sobre a necessidade de investimento em agricultura saudável e barata para o mercado interno; fala das políticas agrícolas no período FHC; analisa a continuação das diretrizes políticas de um governo para outro; analisa a disputa ideológica sobre a biotecnologia; discorre sobre a propriedade privada sobre os seres vivos; avalia o agronegócio atrelado às transnacionais; aponta as mudanças na sociedade brasileira.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Paulo de Tarso Venceslau

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Teoria e Debate*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Os Sem Terra – ‘Se não conseguirmos incorporar os camponeses na luta sindical, que é uma luta econômica, uma luta imediata, imagine incorporá-los na luta estratégica pelo socialismo!’”

DATA: 1º trimestre de 1990

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste8	07 páginas	Sim	Fotocópia do original

DESCRITORES:

Agroindústria
Assentamento rural
Camponês
Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
Cooperação agrícola
CPT - Comissão Pastoral da Terra
CUT - Central Única dos Trabalhadores
Desenvolvimento econômico
Despejo
Ditadura militar (1964-1985)
Governo Sarney (1985-1989)
Igreja
Luta pela terra
Modernização da agricultura
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nova República
Ocupação de terra
Pistolagem
Produção agrícola
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Resistência camponesa
Sindicalismo
Socialismo
Violência no campo
Violência policial

SUMÁRIO:

Trata do surgimento do MST; aponta a tática do movimento em 1985/1986 e sua relação com a Nova República; fala sobre o decreto de Sarney em outubro de 1985 inviabilizando a reforma agrária; comenta os vínculos com a CPT; analisa a expansão do MST para o Norte/Nordeste e apresenta diferenças do movimento em cada região; discorre sobre o relacionamento do MST com a CUT e com o PT; fala do caráter das ocupações no período de 1978 a 1985 e da reação dos fazendeiros; aponta a tática de resistência do movimento; trata do caso de uma ocupação no norte do Espírito Santo e suas consequências; comenta as dificuldades encontradas pelo Movimento; apresenta o funcionamento e política do MST em relação à produção nos assentamentos rurais; dá opinião sobre o papel da agroindústria.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Plínio de Arruda Sampaio (editor da matéria)

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Jornal Correio da Cidadania*

TÍTULO DA MATÉRIA: Sem título

DATA: 27/12/2004

LOCAL: São Paulo, SP

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste9	03 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agricultura familiar
Agronegócio
Assentamento rural
Conjuntura política
Crédito agrícola
Formação política
Governo Lula (2003-2006)
Incrá – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Movimentos sociais
PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003)
Política econômica
Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
Reforma agrária
Transgênico
Transnacionais
Plano de desenvolvimento econômico e social

SUMÁRIO:

Fala sobre o processo de reforma agrária do 1º Governo Lula e afirma estar muito lento; avalia que o Incra atua como bombeiro e que poucas famílias foram assentadas, mas elogia o crédito agrícola e a ampliação do Pronaf; fala sobre os transgênicos e diz que o governo ficou refém das transnacionais; faz uma análise de conjuntura política defendendo que o país vive uma crise histórica, fruto da falta de um projeto nacional de desenvolvimento e que o problema é agravado com a continuidade da política econômica neoliberal.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Vasconcelos Quadros

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Jornal do Brasil*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Ânimos vão se acirrar”

DATA: 05/11/2000 (data de veiculação)

LOCAL: São Paulo, SP

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste10	02 páginas	Sim	Fotocópia do original

DESCRITORES:

Governo FHC (1999-2002)

Departamento de Conflitos Agrários

Polícia Federal

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Raul Jungman Belens Pinto (Ministro MDA)

Agricultura familiar

Luta pela terra

Conflito no campo

SUMARIO:

O entrevistado analisa o modelo agrícola adotado pelo governo FHC; discorre sobre a política do Departamento de Conflitos Agrários da Polícia Federal; opina sobre a atuação do governo em relação aos movimentos sociais; examina a postura do MST frente à repressão do governo e da imprensa; considera que o aumento do número de pobres alimenta o MST; considera que os relatórios de sindicância não possuem nenhum valor legal; explica a contribuição feita pelos trabalhadores quando conquistam a terra; fala o procedimento do Movimento perante as denúncias de irregularidades; diz que há um rompimento no diálogo político com o governo; prevê o aumento das mobilizações no campo; faz breve análise do quadro político-social do Brasil, a médio e longo prazo, em relação aos pobres, movimentos sociais e as políticas governamentais; fala sobre o MST; considera que o ministro Raul Jungman tomou atitudes provocativas e desrespeitosas com o MST; explica que as mobilizações são um direito legítimo dos trabalhadores; afirma que as medidas desapropriatórias do governo FHC só ocorreram por pressão social; critica o modelo de agricultura do governo FHC.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Breno Altman, Jayme Brener e José Arbex Júnior

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Atenção*

TÍTULO DA MATÉRIA: “João Sem Terra”

DATA: 1996

LOCAL: São Paulo, SP

OBSERVAÇÕES: O editorial da revista fala sobre a reforma agrária e o MST. Após a entrevista há uma série de fotos de João Ripper sobre o Massacre de Eldorado dos Carajás (PA) onde 19 camponeses foram assassinados.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste11	07 páginas	Sim	Fotocópia do original

DESCRITORES:

Agroindústria
Assentamento rural
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Cultura e mística
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Eleições presidenciais
Formação política
Igreja
PT – Partido dos Trabalhadores
Luiz Inácio Lula da Silva (PT)

SUMÁRIO:

Explica como se deu o sucesso do Movimento dos Sem Terra; faz críticas ao sindicalismo cutista e aos partidos de esquerda; explica o que é o MST; fala sobre a relação do MST com as prefeituras de esquerda; fala sobre a autonomia dos militantes do MST para lidar com partidos políticos, sindicatos e a Igreja; fala sobre o apoio a Lula nas eleições de 1989 e 1992; fala sobre a tática de resistência do MST; analisa a influência da Igreja no MST; analisa o governo FHC e a reforma agrária; apresenta sua proposta de reforma agrária com desenvolvimento agrícola; discorre sobre o índice de desistência de lotes nos assentamentos; fala sobre seu engajamento político e a luta do MST e sobre sua relação com o PT; apresenta a organização interna do MST; explica como se desenvolve o estímulo ao estudo na organização; fala sobre drogas e álcool, prostituição e lupemsinato; discorre sobre as ações culturais e a mística no MST; fala sobre a relação com as Igrejas evangélicas nos assentamentos.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Sérgio Lirio

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Carta Capital*

TÍTULO DA MATÉRIA: Não identificado

DATA: 23/12/2002

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/En. LNST.cli.ste12	05 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Acampamento rural
Alca - Área de Livre Comércio das Américas
Consciência de classe
Estado e agricultura
Governo Lula (2003-2006)
Latifúndio
Mídia e poder
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
Ocupação de Terra
Organização camponesa
Política agrária
Política agrícola
Política de assentamento rural
PT - Partido dos Trabalhadores
Sistema de comunicação
Terra improdutivo
Transgênico

SUMÁRIO:

Em relação ao governo Lula, diz que ele é mais dialogável e que se deve tomar cuidado com a grande imprensa que distorce a realidade; afirma que o Movimento não deve indicar nomes ao governo, pois isto é função do próprio governo que disputa eleição; afirma que é papel do movimento conscientizar e organizar os pobres do campo; diferencia invasões de ocupação e afirma que esta última ocorrerá enquanto houver latifúndio improdutivo e milhares de sem terra; avalia que a proposta do pacto social é inviável no Brasil, pois os ricos não abrem mão de seus privilégios e não há a busca da viabilização de uma proposta; espera que o PT não cometa o erro estratégico, na área econômica, de aceitar a Alca e as sementes transgênicas; diz que, na área social, o PT deve ter coragem de fazer mudanças; acredita que as 80 mil famílias acampadas e as milhares assentadas devam ser prioridade a curto prazo (por ser mais barato e rápido) e que a médio e longo prazo o governo deve combater o neoliberalismo na agricultura, priorizar a produção interna de alimentos e investir na melhoria das condições de vida dos agricultores.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores

ENTREVISTADOR (ES): Cosette Alves

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Jornal *Folha de S. Paulo*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Saquear mercearias é aberração, diz Stédile”

DATA: 31/05/1998 (data de veiculação)

LOCAL: Sede do MST em São Paulo, SP

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/En. LNST.cli.ste13	02 páginas	Sim	Fotocópia do original

DESCRITORES:

Eleições presidenciais (1998)
Função Social da Terra
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Latifúndio
Luiz Inácio Lula da Silva (candidato a presidente da República)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terras
Reforma agrária
Religião e política
Violência no campo

SUMÁRIO:

Esclarece que o MST é um movimento social e não partidário, apesar de ter caráter político; afirma que o Movimento não saqueia pequenos empresários e nem terras produtivas; explica que o movimento preserva sua base e não desrespeita suas decisões; afirma que a organização massiva inibe a violência e que ela é maior nas regiões onde não existe o movimento e que o MST defende uma causa justa; informa que irá votar em Lula, porém, independentemente de voto, as ocupações irão continuar enquanto houver latifúndios; diz que, se fosse Presidente, não admitiria os protestos dos latifundiários; aponta quais os ganhos conseguidos com as ocupações e pressões; concorda que conter a inflação foi uma coisa boa, porém o peso foi depositado nos pobres e na agricultura; opina como deveria ser um governo alternativo; explica como se dá a direção do MST, como se juntar ao Movimento, sua dinâmica interna, quantidade de acampamentos e famílias e, por último, como entrou no MST; expõe sua posição religiosa.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha, RS, filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para a pesquisa *Land reform and poverty reduction: lessons from Brazil* financiada pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e realizada em parceria com Carmen Diana Deere.

DATA: 28/09/2004

LOCAL: Escritório do MST, São Paulo, SP.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.ste14	01 Fita K7 / 60 min	Não	Fita em bom estado físico e sonoro.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.ste14	00h58min	Sim	Lados A e B reunidos em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.ste14	15 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agronegócio
Agroecologia
Agroindústria
Agrotóxicos
Bancada Ruralista
Biotecnologia
Carta da Terra
Chile
CMS – Coordenação dos Movimentos Sociais
Conab - Companhia Nacional de Abastecimento
Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura
Crédito fundiário
Distribuição de renda
Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Eucalipto
Fetraf - Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar
Governo FHC (1995-2002)
Governo Lula (2003-2006)
Grupo Votorantim
Igreja
Índices de produtividade agrícola
José Gomes da Silva (presidente do Incra)
Latifundiários
Lei de patentes
Ministério da Agricultura
Marcha Nacional pela Reforma Agrária (2003)
Massacre de Corumbiara
Massacre de Eldorado dos Carajás (PA)
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
Mídia e poder
Miguel Rosseto (ministro MDA)
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras
Paulo Freire (educador)
Plínio de Arruda Sampaio (assessor)
PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003)
Poder judiciário
Política agrícola
Preço da terra
Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
Raul Belens Jungmann Pinto (ministro MDA)
Roberto Rodrigues (ministro da agricultura)
STF - Supremo Tribunal Federal

Transgênicos
Via Campesina
Mercosul – Mercado Comum do Sul

SUMÁRIO:

Fala sobre a correlação de forças na luta pela reforma agrária; discorre sobre o governo FHC e o neoliberalismo; fala sobre os meios de comunicação como arma de luta ideológica contra a reforma agrária; analisa as ações do Poder Judiciário nas instâncias da reforma agrária; fala sobre o PNRA de 2003, as articulações e o jogo do governo; trata das formas de pressão, como as Marchas; analisa as autarquias que viabilizam a reforma agrária; discorre sobre propostas de reforma agrária; trata das mudanças na correlação de forças contra a reforma agrária; analisa a relação latifúndio e agronegócio; fala sobre os massacres de Corumbiara e Carajás, ruralistas e políticas de FHC: compara os governos Lula e FHC; avalia o aparato das instituições como Incra e Funai; trata da política econômica e a relação com a demanda por/e dos assentamentos (luz elétrica, assistência técnica); fala sobre a Conab e Ministério da Agricultura; analisa o Pronaf; aponta as discordâncias e consensos na política de assentamento; discorda da avaliação do governo Lula sobre onde estão as terras passíveis de desapropriação; trata da incidência do STF na reforma agrária; analisa a medida provisória sobre a compra de terra; fala sobre a organização de base dos movimentos sociais no período eleitoral; trata da relação entre política agrícola, agronegócio e agricultura familiar; analisa o “populismo sindical”; o papel do crédito fundiário na organização da base dos movimentos sociais; fala da importância da Carta da Terra para o MST; fala sobre as concepções e categorias para tratar o trabalho no campo; discorre sobre a inserção dos assentamentos no mercado; fala sobre agroecologia; biotecnologia, monopólio e ecologismo; aponta para o modelo de agricultura, significado dos agrotóxicos e patentes.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stedile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra](#). Natural de [Lagoa Vermelha](#) (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Luiz Gonzaga Belluzzo, Mino Carta e Sergio Lirio

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista Carta Capital

TÍTULO DA MATÉRIA: “Sociedade em Crise”

DATA: 21/09/2005

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e dirigentes de organizações não sindicais de trabalhadores rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste16	06 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Capital estrangeiro
Concentração de renda
Concentração fundiária
Crise política
Democracia
Direito à educação
Distribuição de renda
Formação política
Governo Lula (2003-2006)
João Pedro Stédile (dirigente MST)
Juventude
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
Organização de base
Política cultural
Política econômica
PT - Partido dos Trabalhadores
Representação política

SUMÁRIO:

Perguntado sobre como avalia a crise que governo e o PT têm enfrentado, analisa o que considera ser uma crise da sociedade em suas dimensões econômicas, sociais e ideológicas; menciona ainda que o governo não se deu conta das dimensões da crise, o que torna a busca por uma saída ainda mais difícil; considera ser necessário uma espécie de mutirão (ou um choque de consciência) entre as várias forças sociais para interpretar a crise e buscar uma saída para ela; comenta a respeito da aliança do PT com setores do capital produtivo brasileiro e avalia a situação da esquerda, argumentando que houve um desvio de prática de toda a esquerda na América Latina; comenta a crise política de representação e diz concordar com as ideias do professor Fábio Konder Comparato sobre a reforma política quando ele fala que ela deve criar instrumentos de democracia direta; acredita que a renovação política do país vai passar pela nova ascensão dos movimentos de massa, os quais ele avalia que vão se precipitar em breve; explica que o MST estava preocupado em entender a crise, avaliando a realidade brasileira, e que para isso tinha se concentrado em debater internamente e com outros movimentos as medidas a serem tomadas, que, segundo sua avaliação, devem ser: 1) estimular debates que possam produzir um novo projeto para o país, resolvendo problemas históricos brasileiros, como o do trabalho, educação, moradia, terra e cultura, 2) investir na formação de militantes, 3) estimular lutas sociais e 4) elevar o nível de consciência e de cultura do povo; avalia a posição dos movimentos sociais diante da crise que se instalou no governo e no PT; comenta sobre a eleição de Lula, avaliando o contexto no qual se deu a sua vitória; menciona o projeto ideológico do MST, dando destaque para o esforço do movimento sem-terra de se aproximar de outros movimentos, especialmente daqueles de juventudes da cidade; fala sobre a atual dimensão do MST, destacando a composição da sua base social, a importância do estudo para aqueles que são militantes do movimento e as dificuldades de organizar um movimento

com dimensão nacional; destaca que há um processo em curso de formação de lideranças jovens no MST; opina que os cinco problemas mais graves para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual são: a democratização dos meios de comunicação, da riqueza, da renda, da terra e da universidade; considera que a questão da democratização dos meios de comunicação é um dos principais problemas do governo Lula; em relação à economia, defende que primeiro é preciso organizar a produção nacional e resolver os problemas do território; em seguida, considera que é necessário distribuir renda para dar poder aquisitivo para a população; menciona ser importante haver um controle do capital financeiro e faz comentários sobre o empréstimo de recursos públicos a empresas multinacionais; por último, prevê para os próximos anos um processo de grande mobilização de massa.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stedile

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Coordenação Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Natural de Lagoa Vermelha (RS), filho de pequenos produtores rurais, é economista, formado pela PUC/RS. Fundador do MST e Via Campesina. Foi membro do diretório nacional do PT – Partido dos Trabalhadores.

ENTREVISTADOR (ES): Valéria Nader

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Correio da Cidadania

TÍTULO DA MATÉRIA: “Modelo agrícola do governo não permite reforma agrária, diz Stédile”

DATA: 2001

LOCAL: Não Consta

OBSERVAÇÕES:

Disponível

em:

<<http://www.correiocidadania.com.br/antigo/ed241/politica.htm>>. Acesso em 02 julho 2014.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e dirigentes de organizações não sindicais de trabalhadores rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.ste17	03 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Abra – Associação Brasileira de Reforma Agrária
Ação coletiva
Agricultura familiar
Agroindústria
CNBB – Confederação nacional dos Bispos do Brasil
Conic – Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil
Cooperativismo
Distribuição de renda
Fórum Social Mundial
Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002)
Grito dos excluídos
Latifúndio
Luta pela Terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Partido político
Política agrária
Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura
Questão agrária
Reforma agrária
Via Campesina

SUMÁRIO:

Cita as diversas formas de luta massiva do MST contra o latifúndio e o governo (marchas, passeatas, acampamentos, cerco aos prédios públicos, abaixo-assinados, tribunais populares e ocupações de terra) e explica como se dá a escolha do período de ação e da forma de luta; comenta a respeito das articulações e apoio do MST com outros movimentos sociais, partidos e organizações diversas, mencionando alguns casos que exemplificam como essa unidade se realiza; analisa criticamente a política do governo FHC para a questão agrária; faz uma avaliação de como considera que será o tratamento do governo em relação à questão agrária para o ano da entrevista: concederá algumas políticas sociais compensatórias, mas não admitirá movimentos sociais e setores da sociedade que questionarem o modelo agrícola em curso.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): Roldão Arruda

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Jornal do Estado de São Paulo

TÍTULO DA MATÉRIA: “Se Lula não fizer a reforma, ficará desmoralizado”- Stédile espera que presidente cumpra promessa de assentar 410 mil famílias.

DATA: 29 de fevereiro de 2004

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.ste18	03 páginas	Sim.	

DESCRITORES:

Agricultura familiar
Agronegócio
Antônio Palocci (ministro do MF)
Banco Central
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
Especulação imobiliária
Governo Lula (2003-2006)
Inflação
José Dirceu (governo Lula)
Latifúndio
Mercado de terras
Mercado interno
PNRA – Plano Nacional De Reforma Agrária (II, 2003)
Política macroeconômica
Reforma Administrativa
Reforma Agrária

SUMÁRIO:

Inicia comentando sobre o compromisso histórico que o governo Lula tem com a realização da reforma agrária, a mais simples das reformas capitalistas, sob pena de ficar desmoralizado; fala da extensa área cultivável do país, apresenta os números daquilo que é ocupado pelo agronegócio, pela agricultura familiar, e pelo latifúndio especulativo e pela pecuária intensiva; fala da política econômica do ministro Palocci para controle da inflação, como continuidade do que estava sendo feito nos governos anteriores e da persistência dos problemas sociais a despeito da festejada estabilidade macroeconômica; comenta sobre a reforma administrativa pretendida pelo então ministro da Casa Civil, José Dirceu; opina sobre quais deveriam ser as primeiras reformas no âmbito da política econômica; comenta a intenção da grande mídia ao expor o ministro José Dirceu no escândalo que levou à proibição das casas de bingo; fala sobre agronegócio e reforma agrária em relação às políticas de geração de emprego e reflexos no mercado interno; a respeito do estreitamento do governo PT com o PMDB, fala sobre as diferenças que enxerga entre posições de classe e posição de partido, de modo que esta relação PT/PMDB não necessariamente prejudicaria a realização da reforma agrária; elogia as posições do então presidente do BNDES, Carlos Lessa; fala sobre as disputas internas no governo; comenta sobre o que considera ser o papel dos movimentos sociais naquela conjuntura, o período o descenso que vivenciam desde 1989 e a existência de condições objetivas para a mobilização popular.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: João Pedro Stédile é graduado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autónoma do México. É membro da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST, do qual é um dos fundadores. Participa das atividades da luta pela reforma agrária no Brasil, pelo MST e pela Via Campesina.

ENTREVISTADOR (ES): Não consta

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: IHU On-Line

TÍTULO DA MATÉRIA: “Está em curso, no Brasil, uma concentração da propriedade da terra”. Entrevista com João Pedro Stédile”

DATA: 16/05/2014

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.ste19	13 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Abril Vermelho (2014)
Agroecologia
Agronegócio
Black Blocs
Copa do Mundo - 2014
Eleições 2014
Governo Dilma Rousseff (2011-2014)
Governo Lula (2003-2006)
Governo Lula (2007-2010)
Governo João Goulart (1961-1964)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Junho de 2013
Mídia e poder
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neodesenvolvimentismo
PT – Partido dos Trabalhadores
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
Reforma Agrária

SUMÁRIO:

As fracas repercussões do Abril Vermelho na mídia monopolizada brasileira; a posição da burguesia nacional no campo e sua posição pela reforma agrária; o lugar do MST na atual conjuntura da luta de classes no Brasil; significados das manifestações de Junho de 2013 e as greves no período neoliberal; a luta de classes no Brasil; novas formas de mobilização adotadas em 2013 e as formas antigas dos movimentos sociais; rebate às críticas ao MST de terem sido cooptados pelo Governo Lula; posição do MST nas eleições de 2014; recuo programático do PT; problemas estruturais do Brasil; o aumento da concentração de terras no Brasil a partir de 2008; papel histórico da burguesia nacional para bloquear a reforma agrária; proposta de Reforma Agrária por João Goulart; o advento do agronegócio no Brasil; o agronegócio e os novos casos de câncer; agroecologia e agroindústria controlada pelos trabalhadores como forma de superação desse modelo; reforma agrária popular e como ela se insere nas cidades; mobilizações contra a copa do mundo de 2014; tática política conjuntural do MST; sobre fluxos e refluxos da luta de classes; análise política da classe média e da classe trabalhadora no Brasil.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente nacional do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): Mário Augusto Jakobskind

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Site da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

TÍTULO DA MATÉRIA: João Pedro Stédile: “Avanço do capital no campo impede a reforma agrária”

DATA: 06/01/2004

LOCAL: Rio de Janeiro/RJ

OBSERVAÇÕES: Entrevista online disponível em: www.abi.org.br/joao-pedro-stedile-avanco-do-capital-no-campo-impede-a-reforma-agraria/

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.ste20	06 páginas	Sim.	

DESCRITORES:

ABI – Associação Brasileira de Imprensa
Agronegócio
Congresso Nacional do MST (Brasília. VI, 2014)
Eleições presidenciais (2014)
Governo Dilma Vana Rousseff (2011 – 2014)
Kátia Abreu (ruralista/CNA)
Mídia e poder
Rede Globo
Reforma Agrária

SUMÁRIO:

Fala sobre a reforma agrária no governo Dilma; comenta o avanço do capitalismo no campo, favorecido pela estagnação da reforma agrária; fala do avanço do capital financeiro internacional sobre os recursos naturais do país; fala sobre a hegemonia do agronegócio na própria composição de forças do governo Dilma; comenta sobre a propaganda em torno do agronegócio veiculada pela Rede Globo e revista Veja; fala sobre o descenso das ocupações de terra e mobilizações no campo, diante das condições adversas da conjuntura; fala sobre os oligopólios multinacionais que controlam a produção e os preços das commodities, que leva à perda de soberania do Brasil frente à sua política econômica; fala da campanha em torno da reforma política; fala sobre o esgotamento do governo de composição que caracteriza o *lulismo* e a necessidade de reformas estruturais; comenta sobre as projeções para a eleição presidencial de 2014; fala sobre a Associação Brasileira de Imprensa e seu papel no debate da democratização da comunicação tendo em vista o projeto de lei apresentado no Congresso após a Conferência Nacional da Comunicação; comenta algumas das expectativas em torno da realização do VI Congresso Nacional do MST e do novo programa agrário do movimento, a ser lançado ainda naquele ano.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): Íris Walquíria Campos e Roberto Müller Filho

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista Indústria Brasileira

TÍTULO DA MATÉRIA: " O País não muda sem o povo"

DATA: outubro de 2003

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.ste21	07 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Agricultura familiar
Agroindústria
Agronegócio
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
Constituição Federal (1988)
Esalq – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
Função Social da Propriedade Rural
Governo Lula (2003-2006)
Inflação
Mercado interno
Miguel Rosseto (ministro do MDA)
Neoliberalismo
PNRA – Plano Nacional De Reforma Agrária (II, 2003)
Política macroeconômica
Reforma Agrária

SUMÁRIO:

Inicia a entrevista falando sobre a importância da reforma agrária e da agricultura familiar na geração de empregos; fala da composição das forças progressistas em torno da reforma agrária nos moldes do que prevê a Constituição Federal de 1988; fala sobre a relação de parceria e autonomia que o MST deve manter com Lula no governo; fala da importância da autonomia do movimento e de que maneira este vem pressionando o governo; fala sobre a expectativa em relação ao lançamento do Plano Nacional da Reforma Agrária; apresenta os números de famílias que lutam pela reforma agrária e de famílias assentadas nos últimos vinte anos, de acordo com censo feito pela Esalq (USP); fala do baixo custo envolvido na realização da reforma agrária, que não é prioridade para o governo; descreve o tipo de reforma agrária que deve ser feita, os investimentos em pequenas agroindústrias; critica as prioridades de investimentos do BNDES; fala sobre a função social da propriedade rural, expressa na Constituição Federal de 1988, e do direito da população exigir que a lei seja cumprida; fala sobre a necessidade de aprofundar a democracia no Brasil; comenta sobre as ocupações de terra como expressão da reação dos pobres diante das injustiças, e não necessariamente como fruto de uma decisão político ideológica; comenta sobre a relação da reforma agrária com o mercado interno; opina sobre o movimento sem-teto; fala sobre a grave crise social resultante da gestão neoliberal do governo FHC; fala dos ataques das elites ao MST através dos meios de comunicação e da criminalização dos movimentos sociais em geral; comenta os propósitos do MST quando de sua formação; explica por que razão considera incoerente a mentalidade da burguesia industrial do país; fala sobre as áreas improdutivas e apresenta os números dos empregos no campo.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): George Alonso

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Folha de São Paulo

TÍTULO DA MATÉRIA:” Para MST, Graziano é aliado dos sem-terra”

DATA: 26/11/1995

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LST cli.ste22	02 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Francisco Graziano (presidente Incra)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

SUMÁRIO:

O acampamento da Encruzilhada em Natalino (RS) e o surgimento do MST; participação da igreja na fundação do MST; mudanças de visões do MST desde sua fundação; o porquê de novas pessoas se integrarem ao MST; críticas à FHC; críticas às recentes desapropriações no Ceará e Mato Grosso; críticas ao Ministério da Agricultura; sobre o presidente do INCRA, Francisco Graziano; sobre as então recentes e intensas ocupações do MST; sobre limite de propriedade rural; sobre “vocação agrícola”; emancipação de assentamentos; militantes profissionalizados;

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): George Alonso

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Folha de São Paulo

TÍTULO DA MATÉRIA:” Para MST, Graziano é aliado dos sem-terra”

DATA: 26/11/1995

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LST cli.ste22	02 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Francisco Graziano (presidente Incra)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

SUMÁRIO:

O acampamento da Encruzilhada em Natalino (RS) e o surgimento do MST; participação da igreja na fundação do MST; mudanças de visões do MST desde sua fundação; o porquê de novas pessoas se integrarem ao MST; críticas à FHC; críticas às recentes desapropriações no Ceará e Mato Grosso; críticas ao Ministério da Agricultura; sobre o presidente do INCRA, Francisco Graziano; sobre as então recentes e intensas ocupações do MST; sobre limite de propriedade rural; sobre “vocação agrícola”; emancipação de assentamentos; militantes profissionalizados;

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 1953.

ENTREVISTADOR (ES): Léa Maria Aarão Reis

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Carta Maior

TÍTULO DA MATÉRIA: Stédile: “o neodesenvolvimentismo chegou ao seu limite”

DATA: 17 de abril de 2014

LOCAL: Rio de Janeiro

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LN ST.cli.ste24	8 páginas	Sim	Impresso de email no qual se recebeu a entrevista na íntegra.

DESCRITORES:

Agroecologia
Agroindústria
Agronegócio
Bancada Ruralista
Capital financeiro
Cia Vale do Rio Doce
Congresso Nacional do MST (Brasília, VI, 2014)
Créditos de carbono
Financeirização da natureza
Governo Dilma Vana Rousseff (2011 – 2014)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Governo Lula (2003-2006)
Governo Lula (2007-2010)
Junho de 2013
Lei de Patentes (1996)
Massacre de Eldorado dos Carajás (PA)
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma Agrária
Reforma Política
Silvio Tendler (cineasta/documentarista)
Transgênico
Via Campesina

SUMÁRIO:

Começa a entrevista falando sobre as perdas de oportunidades históricas de realização do que chama de reforma agrária clássica; caracteriza o que entende por reforma agrária e explica porque considera que essa oportunidade se perdeu a partir da hegemonia do capital financeiro e das empresas transnacionais no mercado mundial de alimentos; apresenta alguns dados sobre o agronegócio e explica porque este é a alternativa adequada aos interesses do capital financeiro; a partir desta análise fala sobre a tese dos movimentos da Via Campesina de realização de uma reforma agrária popular; define do que se trata a reforma agrária popular, destacando a produção de alimentos, a implantação das agroindústrias e a matriz tecnológica da agroecologia; fala sobre a financeirização da natureza, destacando o papel dos organismos internacionais como FMI, OMC e Banco Mundial na implantação de regimes jurídicos que permitam o avanço da propriedade privada sobre os bens da natureza, citando a Lei de Patentes brasileira e o funcionamento do mercado de crédito de carbono; destaca o montante de dólares aplicados nos recursos naturais do país desde a crise de 2008 e o controle de empresas transnacionais sobre setores chaves da economia nacional; fala da necessidade de alteração de parâmetros na produção de alimentos; fala da atuação da bancada ruralista e do papel dos grandes veículos de comunicação na legitimação do agronegócio; volta a falar no que consiste o projeto popular de reforma agrária, em especial no que diz respeito à aliança com os setores populares urbanos; opina sobre a questão urbana, o avanço da especulação imobiliária, a necessidade de reformas que garantam o direito à cidade, citando Ermínia Maricato; fala sobre o

que representa os governos do PT, enquanto governos de composição de classes e orientados pelo neodesenvolvimentismo; fala do esgotamento da composição de classes e cita as manifestações de junho 2013 como sinal deste processo; critica o financiamento privado de campanhas eleitorais e comenta a necessidade de reforma política; fala do IV Congresso Nacional do MST, realizado naquele ano, e da continuidade da mobilização do MST; fala da importância do dia 17 de abril para o MST, data do Massacre de Eldorado dos Carajás em 1996, no governo FHC, e das ações que o movimento faz anualmente em memória do ocorrido; diante da não solução do caso pelo Judiciário, que até então havia condenado apenas dois comandantes da Polícia Militar do Pará, comenta a necessidade de reforma do Judiciário; fala da celebração mundial no dia 17 de abril pelos movimentos da Via Campesina, declarado como Dia Mundial da Luta Camponesa, e da declaração tímida pelo governo FHC da mesma data enquanto Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): Marival Guedes

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Blog do Pimenta

TÍTULO DA MATÉRIA: “Agronegócio expulsa mão de obra e coloca em seu lugar máquina e veneno”, diz Stédile

DATA: 05/04/2014

LOCAL: Salvador/BA

OBSERVAÇÕES: Impresso da página virtual em que a entrevista foi publicada.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.ste25	4 páginas	Sim.	

DESCRITORES:

Agronegócio
Agrotóxico
Bancada Ruralista
Codevasf – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
Congresso Nacional do MST (Brasília, VI, 2014)
Constituição Federal (1988)
Desenvolvimentismo
DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
Governo Dilma Roussef (2011 – 2014)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002)
Governo Lula (2003-2006)
Governo Lula (2007-2010)
Junho de 2013
Manifestação popular
Massacre de Eldorado dos Carajás (PA)
MST – Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
Plebiscito Popular pela Constituinte Exclusiva e Soberana do Sistema Político (2014)
Política de assentamento rural
Política de desapropriação
Política macroeconômica
Produção agrícola
Reforma Agrária
Reforma Política
Trabalho escravo

SUMÁRIO:

Inicia a entrevista afirmando a inexistência de reforma agrária no Brasil enquanto política de governo; fala da pressão política decorrente do massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, como determinante para a política de assentamentos do governo FHC; opina sobre a reforma agrária do governo Lula como continuidade do governo FHC; afirma a ausência de reforma agrária no governo Dilma, atribuindo os motivos à conjuntura macroeconômica internacional, à política de desenvolvimento do governo e composição do Congresso Nacional; fala da Carta que o MST entregou à presidenta quando do IV Congresso Nacional do MST e comenta as medidas que, na visão do movimento, estavam ao alcance da chefe do executivo nacional; apresenta números de famílias acampadas no estado da Bahia; critica a política do Dnocs e da Codevasf na criação dos perímetros irrigados; apresenta números em relação ao trabalho escravo e critica a falta de coragem para desapropriar as fazendas identificadas; fala sobre o que considera como os três inimigos do campesinato; critica o controle das exportações por empresas multinacionais; fala sobre o uso de veneno pelo agronegócio e a propaganda midiática em torno deste; fala sobre o programa de Reforma Agrária Popular; apresenta os números da produção agrícola e da utilização de veneno no Brasil; fala da alta concentração de terra; comenta sobre a produção do cacau orgânico no sul da Bahia; apresenta alguns números que denunciam a não representatividade de camadas expressivas da população no Congresso Nacional; aponta a necessidade de reforma política e o boicote à

proposta da presidenta após as manifestações de junho de 2013 de convocação de Assembleia Constituinte; fala da realização do Plebiscito Popular e da expectativa em torno do mesmo; fala sobre o que chama de neodesenvolvimentismo, como característico do governo Dilma; fala sobre o controle exercido pela burguesia sobre o Congresso, sobre o poder judiciário e sobre a mídia; faz algumas previsões em relação às eleições presidenciais que então se aproximam e sobre as expectativas em torno da campanha do Plebiscito Popular.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 1953.

ENTREVISTADOR (ES): Marina Amaral

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista Caros Amigos

TÍTULO DA MATÉRIA: A proposta do MST

DATA: */09/2003

LOCAL: não identificado

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.ste26	3 páginas	Sim	

DESCRITORES:

Amazônia Legal
Banco Mundial
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
Burguesia agrária
Celso Furtado (ministro do Planejamento)
Classe dominante
Colonização fundiária
Concentração fundiária
Criminalização dos movimentos sociais
Direito à alimentação
Direito à propriedade
Educação no campo
Golpe civil-militar (1964)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002)
Governo João Goulart (1961-1964)
Governo Lula (2003-2006)
Governo Vargas (1930-1945)
Incrá – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Industrialização
José de Souza Martins (acadêmico)
Latifúndio
Lei de Terras (1850)
Massacre de Eldorado dos Carajás (PA)
Mercado interno
Mídia e poder
Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização
Modernização conservadora
MP 2.027/2000 (impede desapropriação de terras ocupadas)
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Multinacional
Neoliberalismo
Política agrícola
Reforma Agrária
Reforma Agrária de Mercado
Reformas de Base
Transgênico
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fala sobre a perda de oportunidades históricas de realização da reforma agrária no país, sendo a primeira na ocasião da Lei de Terras de 1850; explica do que se trata a Lei de Terras, citando José de Souza Martins e compara com a lei da reforma agrária de 1862 dos EUA; fala da Revolução de 1930 como a segunda oportunidade perdida, pelo modelo de industrialização dependente, com mercado interno restrito, que então se construiu; situa a terceira oportunidade histórica perdida como a primeira crise da indústria nacional na década de 60,

citando Celso Furtado, que na época apontava a reforma agrária como essencial para o desenvolvimento nacional; comenta a intenção de João Goulart quando do golpe de 1964; aprofunda sobre as características da classe dominante no Brasil, apontando a indistinção entre burguesia industrial, burguesia bancária, burguesia comercial e oligarquia rural no país como determinante para a não realização da reforma agrária; fala das características da proposta de reforma agrária de João Goulart, como reforma agrária clássica, e da sua inviabilidade atualmente devido ao desenvolvimento das forças produtivas no campo; aprofunda na proposta do MST, de reforma agrária popular; fala sobre as agroindústrias e as possibilidades de diversificação do trabalho para as famílias do campo; fala da necessidade de democratização da educação também como um dos parâmetros da reforma agrária, citando o Mobral; fala de um quarto parâmetro da reforma agrária como o fomento à técnicas de produção adaptadas ao meio ambiente, criticando o atual parâmetro produtivo, advindo da modernização conservadora e danoso ao meio ambiente e à saúde; citando José Gomes da Silva, comenta a manipulação ideológica a favor dos latifúndios, alertando para o processo de privatização das águas; fala do que representou o governo FHC para o meio rural, o predomínio das multinacionais como efeito direto das políticas neoliberais; apresenta alguns números do Incra que demonstram o aumento da concentração de terras entre 1992-2002 no país; fala da orientação contrária à reforma agrária do governo FHC, que seguiu políticas orientadas pelo Banco Mundial e que inibem a organização dos trabalhadores; comenta os números de famílias assentadas no governo FHC, esclarecendo que trata-se em grande parte de projetos de colonização em terras públicas na Amazônia Legal; comenta a reforma agrária como possibilidade de mudar toda a organização da agricultura, argumentando sobre o modelo do agronegócio como excludente, a partir de dados de pesquisa do professor Carlos Lessa a respeito de investimentos do BNDES na modernização da produção da Nestlé; fala da necessidade de construir outro modelo de desenvolvimento, de voltar a produção para alimentação e fortalecer o mercado interno; fala do direito à alimentação; opina ser a correlação de forças favorável, após eleição de Lula, para desapropriar os latifúndios improdutivos, comentando a resistência de alguns proprietários que se valem dos governos estaduais, dos meios de comunicação e da violência direta para impedir a realização da reforma agrária e criminalizar a luta pela terra; fala da violência no campo, na possibilidade de ocorrer outro massacre como o de Carajás; fala das dificuldades de conquistar a opinião pública quanto à necessidade de alterar a política agrícola, destacando a questão dos transgênicos e o domínio das empresas multinacionais.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): Plínio Fraga

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Folha de São Paulo

TÍTULO DA MATÉRIA: Discurso de Lula não é de esquerda, diz MST

DATA: 16/09/2002

LOCAL:

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.ste27	1 página	Sim	

DESCRITORES:

Alca – Área de Livre Comércio das Américas
Delfim Netto
Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002)
Luiz Inácio Lula da Silva (presidenciável)
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária

SUMÁRIO:

Começa falando da proximidade das propostas sobre reforma agrária adotada pelos candidatos das eleições presidenciais de 2002; pauta as diferenças das forças sociais que cada candidato representa; critica as alianças do PT; fala da relação entre as lutas sociais do MST com governos; fala sobre a reforma agrária no programa eleitoral de Lula; fala sobre o capital estrangeiro especulativo; fala sobre um artigo de Delfim Netto, criticando a política agrária de FHC; fala sobre o não pagamento da dívida pública; fala sobre o plebiscito sobre a Alca; fala sobre a pequena parcela de população negra entre os camponeses; critica a Folha de São Paulo por ter adotado o discurso de propaganda contra o MST do governo FHC.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Pedro Stédile

DADOS BIOGRÁFICOS: Economista e dirigente do MST; graduado pela PUC/RS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México; filho de pequenos agricultores, nasceu em Lagoa Vermelha/RS em 25/12/1953.

ENTREVISTADOR (ES): Cosette Alves

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Folha de São Paulo

TÍTULO DA MATÉRIA: “Saquear mercearias é aberração, diz Stédile”

DATA: 31/05/1998

LOCAL: São Paulo

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.ste28	1 página	Sim	Recorte do original.

DESCRITORES:

Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988)
Capital financeiro
Capitalismo dependente
Concentração de renda
Concentração fundiária
Constituição Federal(1988)
Criminalização dos movimentos sociais
Desenvolvimento econômico
Fome e pobreza
Função Social da Propriedade Rural
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002)
Inflação
Latifúndio
Mercado financeiro
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Política econômica
Ocupação de Terra
Reforma Agrária
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fala da criminalização dos movimentos sociais no governo FHC; rebate críticas em torno de declarações do presidente FHC e afirma a natureza política, e não partidária, do MST; comenta o episódio em que foi alvo de pedido de prisão preventiva, opinando sobre as possíveis consequências políticas caso tivesse sido preso; fala sobre a situação social de pobreza e calamidade, as saídas individuais utilizadas pelos que não estão organizados e o papel do MST neste cenário; afasta a acusação de ter participado em sequestro de caminhões e fala sobre a importância das ações do movimento serem deliberadas pela base; critica os saques feitos à pequenos comerciantes, atentando para o problema da fome, e afasta participação do MST neste tipo de ação; comenta alguns números da violência no campo, concluindo que a organização massiva inibe a violência; fala sobre a natureza dinâmica da elaboração das táticas do movimento de luta pela terra; fala das dificuldades enfrentadas pelo MST em ano eleitoral; descreve brevemente como são os momentos que antecedem as ações de ocupação de terra pelo movimento; fala da proposta do movimento na Constituinte de 87, e da posição contrária à ocupação de terras produtivas; fala da concepção do MST como um movimento social novo; fala de seu voto para o Lula, nas eleições daquele ano, e afirma a continuidade das ocupações de terra no país ainda que Lula venha a ser eleito; comenta sua posição caso fosse presidente; fala de algumas conquistas do MST no então governo de FHC; opina sobre o fim da inflação, e sobre quem foi prejudicado pelas políticas econômicas voltadas à contê-la; fala sobre os pontos que devem ser enfrentados para o desenvolvimento nacional, como a dependência do mercado externo, a crescente financeirização da economia e a concentração de renda e de terra; tece considerações e apresenta números sobre a balança comercial brasileira; fala sobre como funciona a tomada de decisões dentro do MST e o ingresso de militantes; apresenta os números

de acampamentos, de famílias e de militantes do movimento em geral; conta como se aproximou do MST; compara a reforma agrária com campeonato de futebol, afirmando seu uma metáfora didática para o MST; fala sobre como toma decisões individualmente, comenta alguns hábitos pessoais e algumas crenças que possui.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Silva

DADOS BIOGRÁFICOS: Liderança do Assentamento Campo Alegre (RJ). Natural de Porciúncula (RJ).

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1999

LOCAL: Assentamento Campo Alegre, Queimados/Nova Iguaçu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en LNST.k7.js	02 Fitas K7 / 60min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (com ruído).
MP3	MSPP/en LNST.mp3.js	01h30min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en LNST.trans.js	27 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Abastecimento de água
Assentamento Campo Alegre (Nova Iguaçu/Queimados, RJ)
Assentamento rural
Associação de pequenos agricultores
Associação rural
Baixada Fluminense (RJ)
Comunicação social
Cooperativismo
Desapropriação de terra
Dirigente sindical
Educação no campo
Governo Brizola (1983-1987)
Igreja
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Mutirão
Ocupação de terra
Participação popular
Pequena produção agrícola
Política eleitoral
Rio de Janeiro
Saúde no campo
Sindicalismo rural
Transporte coletivo

SUMÁRIO:

Fala sobre sua origem familiar e trabalho; apresenta como se deu sua inserção no mutirão que culminou na ocupação da fazenda Nova Aurora; conta sobre a ocupação de Campo Alegre e dificuldades na área chamada de Mato Grosso; fala do encontro com o governador Brizola e desapropriação de Campo Alegre; analisa a divisão de lote depois da desapropriação e sua produção agrícola; trata do projeto da Secretaria do Estado de criação de animais no assentamento e de suas responsabilidades; avalia a capacitação da Emater para criação de gado e falta de apoio da prefeitura local; relata o apoio de alguns padres; fala das mudanças na direção do Mutirão; discorre sobre a criação das Associações e divisão das regionais e participação nas reuniões; fala do funcionamento das cooperativas e quantidade de associados; apresenta as dificuldades e a falta de assistência no assentamento; discorre sobre a criação do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu, atuação, lideranças e falência do sindicato; fala da relação com o MST; discorre sobre religião e participação na direção das regionais; conta sobre sua entrevista para a televisão; analisa a relação dos políticos com o assentamento em época eleitoral ou não; fala da situação de educação, transporte e saúde no assentamento; aborda a produção agrícola no assentamento e a falta de água; discorre sobre vida pessoal, casamento e filhos; aponta a relação dos municípios de Nova Iguaçu e Queimados com o assentamento.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Jorge Porfírio

DADOS BIOGRÁFICOS: Assentado no Assentamento Capelinha em Conceição de Macabu e Carapebus, RJ e membro dirigente da Associação local.

ENTREVISTADOR (ES): Luciano Nunes Padrão

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa "Assentamentos rurais em perspectiva comparada: uma análise das dimensões econômica, social, histórica e ambiental". Tratou-se de estudo comparativo de projetos de assentamento rurais localizados no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi coordenada pelos pesquisadores Afrânio Raul Garcia Jr., Leonilde Servolo de Medeiros, Mário Grynszpan e Sérgio Pereira Leite.

DATA: 03/10/2001

LOCAL: Conceição de Macabu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/En. LNST.k7.jpo	01 Fita K7 / 60 min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (com ruído e velocidade alterada).
MP3	MSPP/En. LNST.mp3.jpo	01h05m	Sim	Lados A e B reunidos em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Assentamento Capelinha (Conceição de Macabu e Carapebus, RJ)

Assistência técnica

Banco da Terra

Câmara de Vereadores de Carapebus

Conselho Municipal de Agricultura de Carapebus

Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

Licenciamento ambiental

Organização da produção

Prefeitura Municipal de Carapebus (RJ)

ProNatura (Organização Pronatura)

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - Fala sobre a constituição do Conselho Municipal de Agricultura local e a participação dos trabalhadores; avalia a aquisição de crédito e as dificuldades para a produção, bem como a dificuldade burocrática para quitar dívidas no Banco do Brasil; apresenta a relação pessoal, e do assentamento/Associação com o então prefeito de Carapebus; aponta as benesses e promessas da relação da Associação com a prefeitura de Carapebus; apresenta as demandas da Associação e a resposta da prefeitura; fala sobre as eleições da Associação e a possibilidade de produção com incentivo desta.

Fita 1 lado B - discorre sobre um projeto de criação de capivara; fala sobre os seus anseios para organizar a produção no assentamento, principalmente nas áreas comuns; comenta sobre a documentação da Associação; trata da relação com a Secretaria de Ação Social do município e avalia a distribuição de cestas básicas; fala sobre o sonho de ter uma fábrica de roupas/costura no assentamento; volta a comentar a relação com a prefeitura de Carapebus e os conflitos da região; fala sobre os assentados e suas respectivas zonas eleitorais, que são condizentes com a proximidade política com as prefeituras; trata da relação da Câmara Municipal de Vereadores com a Associação; fala sobre corrupção e descaso político; comenta atuação do Incra no assentamento.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): José Batista

DADOS BIOGRÁFICOS: Coordenador do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ENTREVISTADOR (ES): Verena Glass

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Carta Maior*

TÍTULO DA MATÉRIA: “MST acompanha ‘Outra Campanha’ zapatista; em debate, o futuro de duas nações”

DATA: 18/05/2006

LOCAL: São Paulo, SP

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.jb	05 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Movimento Zapatista
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Igreja Católica
CPT – Comissão Pastoral da Terra
México
Poder público
Povos indígenas
Latifúndio
Transgênicos
Transnacionais
Luta por terra
Recurso natural

SUMÁRIO:

A entrevistadora faz uma análise introdutória correlacionando o movimento zapatista e o MST e apresenta o que seria a proposta zapatista intitulada “Outra Campanha”. O entrevistado fala sobre o diálogo entre os dois movimentos; faz um panorama da “Outra Campanha” e como esta vem se organizando; explica o papel do subcomandante Marcos e o estímulo à auto-organização dos trabalhadores; avalia a negação zapatista ao poder público instituído e à luta institucional; fala sobre o ponto de confluência entre os dois movimentos, que seria a análise que o capital internacional incapacita os governos nacionais a implementar mudanças estruturais; compara a autonomia zapatista a do MST; fala sobre a Assembléia Popular, projeto do MST.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): José Brum

DADOS BIOGRÁFICOS: Assentado e vereador de Conceição de Macabu, RJ

ENTREVISTADOR (ES): Paulo Roberto Alentejano e Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 10/12/1997

LOCAL: Conceição de Macabu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: Participação da assentada Sandra

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.jobr	03 fitas Micro K7/ 60 min	Não	Fitas em bom estado físico. Áudio ruim (muito ruído externo e chiado). Há outra entrevista, com diferente entrevistado, na terceira fita.
MP3	MSPP/en. LNST. mp3.jobr	02h09min	Sim	
TRANSCRIÇÃO	MSPP/En. LNST. trans.jobr	26 páginas	Sim	Transcrição digitada incompleta (parte final não transcrita).

DESCRITORES:

Agrotóxico
Assentado rural
Assentamento rural
Associação rural
Capitalização e renda
Cooperativismo
Estado e políticas públicas
Geração de renda
Juventude Rural
Mediação política
Mídia independente
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Organização comunitária
Organização sindical
Participação política
Rádio comunitária
Reforma agrária

SUMÁRIO:

Brum inicia contando um pouco da sua história de vida e a criação do assentamento em Conceição de Macabu (RJ); comenta a relação com os prefeitos da cidade; aponta alguns dos problemas enfrentados pelo assentamento; aborda o perfil dos moradores e como se deu a entrada deles no assentamento; avalia suas contribuições enquanto vereador e explica como chegou a este cargo; acredita que a percepção sobre a reforma agrária é boa na região; detalha as condições de vida e a permanência dos jovens no assentamento; discorre sobre as formas de se levantar dinheiro; comenta o uso de agrotóxicos na produção; expõe a criação e funcionamento da associação, cooperativa e sindicato na região; descreve a ocupação da Cerj (Companhia de Eletricidade do rio de Janeiro) para a instalação de energia elétrica no assentamento; relata seu envolvimento com o MST e a relação do movimento com o assentamento; fala dos tipos de organização existentes no assentamento, como os círculos bíblicos, coletivo de mulheres, o teatro e a biblioteca e das dificuldades financeiras para construí-las e mantê-las; informa como se dá o funcionamento da rádio comunitária e o programa “Gente Rural”; revela para onde vai seu dinheiro enquanto vereador.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Levi de Itaboraí

DADOS BIOGRÁFICOS: Primeiro tesoureiro da APPCG – Associação dos Pequenos Produtores de Cachoeira Grande (Magé, RJ), representante do assentamento Cachoeira Grande (Magé, RJ). Nasceu em 21/09/1956 em Cachoeira Grande.

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa "Assentamentos rurais em perspectiva comparada: uma análise das dimensões econômica, social, histórica e ambiental". Trata-se de estudo comparativo de projetos de assentamento rurais localizados no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi coordenada pelos pesquisadores Afrânio Raul Garcia Jr., Leonilde Servolo de Medeiros, Mário Grynszpan e Sérgio Pereira Leite.

DATA: 04/07/2001

LOCAL: Assentamento Cachoeira Grande, Magé, RJ.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.lev	02 Fitas K7 / 60 min	Não	Fitas em bom estado físico e sonoro. Há outra entrevista, com diferente entrevistado, na segunda fita.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.lev	01h10min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Arrendamento rural
Assentamento Cachoeira Grande (Magé, RJ)
Associativismo
Beneficiamento agrícola
Ceasa/RJ – Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro
Cooperativismo
Companhia América Fabril
Fetag/RJ – Federação dos Trabalhadores da Agricultura (RJ)
Governo Brizola (1983-1987)
Lavrador
Mercado agrícola

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - fala sobre a história da família e menciona que, na época da existência da fábrica, seu pai cortava lenha; revela que a fábrica utilizava parte de uma área verde que, ao longo dos anos, foi sendo anexada às suas terras; menciona que os trabalhadores da fábrica podiam lavrar a terra com a condição de vender seus produtos à cooperativa da própria fábrica; discorre sobre a relação de trabalho e comercial da fábrica com os trabalhadores que moravam em suas terras; diz que começou a trabalhar na fábrica aos 15 anos, com fiação, depois pediu demissão e foi trabalhar na Fábrica Nacional Motores, em Xerém; lembra que a fábrica América Fabril muitas vezes alegava não ter dinheiro e pagava seus funcionários com metade do valor a ser recebido e a outra metade em tecidos, que vendia em Teresópolis; lembra que já trabalhou também na White Martins e que, após isso, retornou à terra; diz que, no mesmo período da desapropriação, entrou para o STR; diz que 1977 e 1978, período de crise da fábrica, foi o momento em que ela começou a criar problemas com os moradores; lembra que foram procurar apoio na Fetag; diz que fundaram uma associação em 1985; discorre sobre a Comissão criada para atuar no STR e levar as questões para a Fetag; avalia que a Comissão foi importante para conseguir a desapropriação; discorre sobre o papel da Associação; considera que atualmente a Associação não cumpre mais seu papel comunitário e que faz “somente política”; discorre sobre o histórico da Associação; fala sobre sua relação com a Associação, e que a dificuldade gera descrença, migração e venda de lotes;

Fita 1 lado B - fala que, com a venda dos lotes, pessoas “de fora” vinham para a área; sublinha que muitos dos que compraram lotes não plantavam; discorre sobre a mudança de concepção e direção da Associação; fala da existência de uma cooperativa, na qual faz parte; avalia que a Cooperativa deve, enquanto uma empresa, visar os interesses estritos dos trabalhadores; vê a necessidade de haver um curso para qualificar o trabalho na Cooperativa; revela que há certa disputa entre a Cooperativa e a Associação; fala que nenhum político tem contribuído com o assentamento, e que eles aparecem somente no período eleitoral; vê a necessidade estratégica de se organizar os assentados a fim de eleger um representante político; diz que faz beneficiamento de farinha, e tem mercado certo para vendê-la; diz que há cinco assentamentos na área; fala que quando a área foi desapropriada o governo do estado deu o galpão à Associação de Moradores; revela que se tinha a intenção de levar o escritório da Emater para

dentro do assentamento; discorre sobre o papel do STR; constata que atualmente viver de lavoura somente é difícil devido à queda de preço dos produtos, e que precisa fazer “biscate”; fala sobre a comercialização dos produtos agrícolas; diz que os nove irmãos não seguiram a profissão de agricultor; descreve e avalia as condições atuais da região, em comparação à época da fábrica; lembra que a América Fabril dava atendimento médico para os trabalhadores e suas famílias; diz que para obter atendimento médico precisa se locomover quilômetros até uma cidade próxima;

Fita 2 lado A - afirma que, na época da demarcação das terras, cada família ficou com a área na qual já estava fixada; fala que quem vendeu seus lotes eram pessoas mais empobrecidas; diz que a América Fabril vendeu as terras para a Agropastoril; revela que a Agropastoril entrou com uma ação de despejo dos trabalhadores na justiça e se utilizou da violência para expulsá-los; diz que, para ajudá-los, buscaram apoio do STR e da Fetag.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Lúcia Marina dos Santos

DADOS BIOGRÁFICOS: Integrante da Coordenação Nacional do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Filha de um pequeno agricultor que perdeu a terra por causa de dívidas com um banco.

ENTREVISTADOR (ES): Marcelo Salles

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Fazendo Média*

TÍTULO DA MATÉRIA: Sem título

DATA: 08/12/2006

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.msa	04 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agronegócio
Crédito agrícola
Educação
Governo FHC (1995-2002)
Governo Lula (2003-2010)
Justiça agrária
Latifúndio
Mídia e poder
Movimento popular
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Neoliberalismo
Ocupação de terra
PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária (2º, 2003)
Política cultural
Política econômica
Reforma agrária
Sistema de comunicação
Transnacionais
Violência no campo

SUMÁRIO:

Acredita que a diferença entre o Governo FHC e o de Lula, em relação ao MST, é que o segundo é mais sensível e aberto ao diálogo e o primeiro tratava as ocupações como caso de polícia; faz uma avaliação do 1º mandato do Governo Lula quanto ao avanço da reforma agrária e diz que ele investiu no agronegócio, que o Plano Nacional de Reforma Agrária não foi cumprido, porém o crédito agrícola foi positivo; sobre o 2º mandato de Lula, diz não ter ilusões, que os movimentos populares precisam ter autonomia e pressionar uma ruptura com a política econômica neoliberal; acha que o principal inimigo do MST é a parceria entre latifúndio, agronegócio e transnacionais; trata da desigualdade entre os casos de violência no campo e como a Justiça se posiciona; denuncia a mídia hegemônica que está do lado dos latifundiários e reforça a ideia da necessidade de uma democratização da comunicação e da mídia alternativa; explica as iniciativas do MST em relação à educação e a cultura.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Lúcia Marina dos Santos

DADOS BIOGRÁFICOS: Integrante da Coordenação Nacional do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, filha de um pequeno agricultor que perdeu a terra por causa de dívidas com um banco.

ENTREVISTADOR (ES): Rodrigo Mendes e Valéria Nader

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *Correio da Cidadania*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Lula não fez reforma agrária”

DATA: 04/09/2009 (data de veiculação)

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.msa2	04 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Agronegócio
Autonomia política
Eleições presidenciais (2010)
Governo Lula (2003-2010)
Justiça agrária
MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terra
Reforma agrária
Ruralistas
Violência no campo

SUMÁRIO:

Apresenta o significado, para o MST, do assassinato do trabalhador rural Elton Brum em uma ação de despejo; faz críticas ao Governo Lula, pois privilegiou o agronegócio e esqueceu a reforma agrária; defende a autonomia do Movimento em relação aos governos; traz um balanço positivo das jornadas de ocupação empreendidas pelo MST nos estados; analisa o aumento da violência dos ruralistas no campo e a postura de criminalização do Movimento pelo Estado; trata do cenário do Movimento em relação à eleição presidencial de 2010.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Lúcia Marina dos Santos

DADOS BIográficos: Integrante da Coordenação Nacional do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Filha de um pequeno agricultor que perdeu a terra por causa de dívidas com um banco.

ENTREVISTADOR(ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa *Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais*, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1998 ou 1999

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: Áudio incompleto.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en.LNST k7.msa3	01 fita k7/60min	Não	
MP3	MSPP/en.LNST mp3.msa3	00h31min	Sim	Fita reunida em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en.LNST res.msa3	04 páginas	Sim	Trata-se de um resumo da entrevista; traz complemento inicial da entrevista que não consta no áudio disponível.

DESCRITORES:

Assentamento rural
Assistência técnica
Campos dos Goytacazes (RJ)
Cana-de-açúcar
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de terra
Produção agrícola
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Rio de Janeiro
Usineiro

SUMÁRIO:

Fita Única, Lado Único – Fala sobre dificuldades no relacionamento com o governo do estado: explica que assentamentos foram feitos no período Brizola e que são vinculados ao governo estadual; diz que assessoria é feita pelo Iterj; explica falta de assistência técnica aos assentamentos; fala sobre atuação do Incra: processo desapropriatório, ausência de corpo técnico; fala sobre elaboração de projeto para desenvolvimento dos assentamentos, envolvendo a produção, comercialização e infraestrutura; cita instituições dispostas a participar do projeto: MST, Incra, Uenf, Prefeitura; UFRRJ; FAO; Emater e Pesagro; comenta conflitos que surgiram no projeto; afirma que Incra não fez nada para o assentamento depois do processo de desapropriação; afirma que o MST vai colocar para frente o projeto de assentamento; explica que precisam definir uma parte da produção para o consumo próprio; cita necessidade de desenvolver uma cooperativa para os assentados; diz que proposta é ter uma produção bem diversificada; explica limitações, devidas à falta de atuação do Incra; fala sobre posicionamento dos assentados sobre produzir a cana-de-açúcar; diz que proposta do MST é trabalhar com a industrialização da cana ao invés de produzir para as usinas; explica que a cana sempre foi um fator de exploração para os trabalhadores, mas que existe pressão dos usineiros para a manutenção da comercialização da cana pelo assentamento; explica que relacionamento do MST com Novo Horizonte é tênue e que eles possuem uma aproximação forte com a prefeitura; diz que projeto Lumiar permitiu que eles soubessem um pouco mais sobre a situação em Novo Horizonte: problemas com crédito, assistência técnica e atuação do Incra; diz que os trabalhadores foram assentados, mas não passaram pelo processo de luta pela terra; cita possibilidades de aproximação com Novo Horizonte para desenvolvimento deste assentamento; opina sobre papel da prefeitura de Campos; explica que prefeitura quis aproximar-se do MST, mas que proposta de assentamento é distinta; comenta sobre relacionamento da prefeitura de Campos com o MST; diz que não possuem ainda atuação em Cachoeiras de Macacu; explica que estão tentando uma reaproximação com os assentamentos da Baixada Fluminense; afirma que possuem certos limites na ação junto aos assentamentos pela presença da Fetag em alguns deles; explica que estão tentando se aproximar dos assentamentos que não participaram da luta, a partir da educação; afirma que MST ainda é pequeno na região.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Luís de Marapicu

DADOS BIOGRÁFICOS: Liderança no processo de ocupação que resultou no Assentamento Campo Alegre (Queimados/Nova Iguaçu, RJ)

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 17/10/1997

LOCAL: Assentamento Campo Alegre, Queimados/Nova Iguaçu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.lm	02 Fitas K7 / 60 min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (com ruído). Há gravação não identificada na parte final da segunda fita.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.lm	02h01min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.trans.lm	23 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Acra - Associazione Di Cooperazione Rurale In Africa e America Latina.
Ceasa/RJ - Centrais de Abastecimento do Estado do Rio De Janeiro
Conceição de Macabu (RJ)
Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Fernando Moura (CPT)
Fetag/RJ - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio de Janeiro
Funrural - Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
Governo Brizola (1983-1987)
João Bastos (liderança)
Laerte Bastos (liderança)
LBA - Legião Brasileiro de Assistência
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Mutirão
PDT- Partido Democrático Trabalhista
PT - Partido Dos Trabalhadores
STR de Nova Iguaçu (RJ)
Uanca – União das Cooperativas de Campo Alegre

SUMÁRIO:

Fala sobre recursos e seu uso na associação e na Uanca; conta sobre a relação com a Acra (ONG italiana) e sobre as tensões entre as lideranças locais de Campo Alegre; fala sobre seu rompimento com a cooperativa e as organizações dos assentados; analisa a relação com o patrimônio da cooperativa e dos assentados; discorre sobre a relação de Campo Alegre com o STR de Nova Iguaçu; menciona os problemas com a comercialização da produção em Campo Alegre; fala sobre a relação de Laerte Bastos com o assentamento Campo Alegre; fala sobre os problemas com o MST e sua “candidatura a vereador pelo MST”, em Nova Iguaçu; aponta algumas questões na relação com o MST, principalmente o debate reforma agrária *versus* revolução; fala sobre a organização do MST no Rio de Janeiro; discorre sobre o Partido dos Trabalhadores e sua relação com o Partido; trata das questões de relação das lideranças com a base; aponta a necessidade de criar “projecinhos” que fortaleçam as lideranças locais do assentamento; trata do papel da CPT e do MST na Baixada Fluminense; fala sobre manobras políticas no trato da Associação com as eleições; avalia a atuação da CPT e seu papel.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Luiz Zarref
DADOS BIOGRÁFICOS: integrante da Via Campesina

ENTREVISTADOR (ES): Vivian Fernandes
VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Brasil de Fato
TÍTULO DA MATÉRIA: “Veto parcial de Dilma ao Código Florestal é uma derrota do latifúndio”
DATA: */05/2012
LOCAL: São Paulo
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Entrevistas
SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.lzr	1 página	Sim	Recorte do impresso original

DESCRITORES:

Bancada Ruralista
Cadastro Ambiental Rural - CAR
Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida
Carcinicultura
CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
Código Florestal (2012)
Conservação ambiental
Degradação ambiental
Direito ambiental
Governo Dilma Rouseff (2011 – 2014)
Movimentos Sociais
Questão alimentar
Questão ambiental
UDR – União Democrática Ruralista

SUMÁRIO:

Fala da consolidação do agronegócio, reafirmada pelo Judiciário, pelo Congresso e pelo Executivo; fala da dificuldade da presidenta Dilma vetar integralmente o texto do Código Florestal; fala do privilégio que o projeto do Código concede a quem desmatou; fala do veto parcial como derrota do latifúndio mais atrasado, representado pela UDR, e vitória para outro setor, destacando a CNA e a figura de Blairo Maggi; fala da distância do Código da produção de alimentos saudáveis e preservação da natureza; explica quais pontos defendidos pelo agronegócio foram vetados pela presidenta, como o anistia integral, a lavoura em pousio como forma de especulação; elogia também a criação do Cadastro Ambiental Rural e impedimento de obtenção de crédito através deste mecanismo; fala dos pontos que os movimentos sociais pressionam para vetar, como fixação do marco temporal de anistia do desmatamento em 1997, e não em 2008 como foi aprovado, e as consequências disso; fala da devastação dos mangues pela carcinicultura; fala da relação das pautas em torno do Código Florestal com a Campanha contra os Agrotóxicos e a Campanha pela homologação das terras indígenas e quilombolas; termina falando da convergência das pautas dos movimentos sociais contra o agronegócio.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Manoel Martins

DADOS BIOGRÁFICOS: presidente da Cooperativa do Chapadão, Assentamento Campo Alegre, Nova Iguaçu, RJ.

ENTREVISTADOR(ES): Leonilde Servolo de Medeiros e Adriane Cristina Benedetti

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 10/03/1998

LOCAL: Assentamento Campo Alegre, regional de Chapadão. Nova Iguaçu/Queimados, RJ

ROTEIRO: () SIM (X) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/En LNST.k7. mama	02 Fitas K7 / 60 min	Não	Fitas em bom estado físico. Áudio regular (com ruído) no início dos lados, melhorando ao longo da gravação.
MP3	MSPP/En LNST.mp3. mama	01h22m	Sim	Fitas reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/En LNST.trans.mama	19 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Acra - *Associazione di Cooperazione Rural in Africa e America Latina*
Assentamento Campo Alegre (Nova Iguaçu/Queimados, RJ)
Associação de Moradores de Queimados (RJ)
Associação de Trabalhadores Rurais do Chapadão
Ceasa/RJ - Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro
Cehab – Companhia Estadual de Habitação
CPT - Comissão Pastoral da Terra
Energia elétrica
Iterj – Instituto de Terras do Estado do Rio de Janeiro
Luciano Gomes (vereador em Queimados)
Maria Auxiliadora (liderança local)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Mutirão
Seaf - Secretaria de Habitação e Trabalho (RJ)
Uanca – União das Cooperativas de Campo Alegre
Unacoop - União das Associações e Cooperativas Usuárias do Pavilhão 30 do Ceasa/RJ
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A – Fala de sua história de vida: oriundo do bairro de Inhaúma, Rio de Janeiro e como chegou ao Chapadão, retornando à roça após se aposentar; relata como se tornou membro da associação local e dirigente; comenta as condições de sua família (filhos e ex-mulher); cita as disputas na Associação e o número de associados; explica a relação da Associação com a cooperativa local e como virou presidente da cooperativa; avalia a relação da comunidade com a Uanca; cita algumas lideranças locais que trabalham na mobilização da comunidade para a assembleia de trabalhadores; conta como é a relação da Associação com os candidatos em período eleitoral; comenta como foi a passagem do Governador do estado no local; narra como se deu a ocupação da Seaf; aponta como a comunidade lida com o possível recebimento de crédito; cita os casos de sítios para fins de semana; explica a organização das regionais de Campo Alegre e a indicação para a Câmara de Vereadores de Queimados; fala como levam as reivindicações da comunidade à prefeitura de Queimados.

Fita 1 lado B – Reafirma a relação com a prefeitura; cita o apoio que receberam da Acra - *Associazione di Cooperazione Rural in Africa e America Latina*, uma ONG italiana; relata como era o funcionamento da cooperativa quando recebiam recursos da ONG; cita as denúncias contra o antigo coordenador da Uanca; relata os tipos de produção que receberam incentivos na comunidade (ovos, maracujá, quiabo etc); avalia como os assentados lidaram com o pagamento do crédito recebido; volta a falar das denúncias de extravio de verbas da Cooperativa; relata como pensa organizar a sua saída da Cooperativa e como pagou as dívidas; avalia a produção local à época da entrevista e no início do assentamento; fala de sua passagem pelo MST e sobre um recurso que a organização lhe deve pelo uso do caminhão da Cooperativa; apresenta seus planos para a cooperativa e as dívidas que ela tem; fala sobre as eleições para a Uanca;

descreve como participou do MST e a relação da organização com o assentamento; comenta a relação com o STR de Nova Iguaçu.

Fita 2 lado A – Fala sobre a criação do STR de Queimados e o que considera como “falcatruas” dos sindicatos; cita a relação da comunidade com as Igrejas Católica, Evangélicas e CPT (padres Geraldo e Alcides); apresenta as condições estruturais da cooperativa para o lazer; cita os casos de venda dos sítios, avalia o porque disso e apresenta as dificuldades de lidar com a terra; avalia as condições de vida e dignidade que o lugar proporciona; fala de casos de expulsão de sítiantes e comenta sobre ações ilegais que acontecem no lugar, como retirada de areia, “terra de bolso”, grama, e “madeira a metro”.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Marcos Terena

DADOS BIOGRÁFICOS: Nasceu no posto indígena de Taunay, município de Aquidauana (Mato Grosso do Sul), é da etnia indígena Xané. Formou-se como aviador pela Força Aérea Brasileira, tornando-se o primeiro piloto comercial indígena. Também estudou Administração. Trabalha como piloto de selva na Funai, órgão no qual já fora chefe de gabinete. Foi assessor de José Aparecido, ministro da Cultura do governo José Sarney. Participou da criação da União das Nações Indígenas (UNI), tendo atuado no contexto da Assembleia Nacional Constituinte para reconhecimento dos direitos indígenas no novo texto constitucional.

ENTREVISTADOR (ES): Cynthia Peter

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista Isto É Senhor

TÍTULO DA MATÉRIA: Cacique bom não treme

DATA: 02 de novembro de 1988

LOCAL: Brasília

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST. cli.mt	3 páginas	Sim.	Recorte do original.

DESCRITORES:

Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988)

Constituição Federal (1988)

CSN – Conselho de Segurança Nacional

Demarcação de Terras Indígenas

Direitos indígenas

Direitos territoriais

Funai – Fundação Nacional do Índio

Governo Sarney (1985-1989)

Nova República

Projeto Calha Norte

Questão indígena

Tancredo Neves (presidente eleito 1985)

Violência no campo

SUMÁRIO:

Indagado sobre ter escondido a identidade indígena por 14 anos, o entrevistado fala sobre auto reconhecimento e discriminação na sociedade brasileira; sobre a participação indígena nos trabalhos da ANC, fala das propostas de setores que apoiam os direitos indígenas, como a Igreja, e da atuação direta dos indígenas neste processo; fala das lideranças indígenas no contexto da ANC; comenta a composição também com alguns deputados de centro e de direita para a garantia dos direitos indígenas no texto da Constituição Federal; comenta sobre as disposições constitucionais direcionadas aos índios em relação aos direitos da sociedade não indígena; fala sobre a importância da demarcação dos territórios indígenas; comenta sobre o caso de dois índios Kaipós que estavam sendo processados por terem se posicionado contra a construção de hidrelétricas na Amazônia; fala sobre a violência nos conflitos com posseiros e grandes proprietários nas terras indígenas; fala sobre as ingerências do antigo Conselho de Segurança Nacional na Funai e em outros órgãos; comenta sobre o Projeto Calha Norte, na Amazônia; comenta a relação da sociedade indígena com a sociedade brasileira, sobre identidade brasileira e a importância dos índios estudarem; fala sobre os candidatos indígenas disputando as eleições municipais; fala da relação com Tancredo Neves e com José Sarney; termina a entrevista falando do potencial de contribuição dos índios para construção de uma sociedade mais harmônica e igualitária.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria Auxiliadora Vieira dos Santos

DADOS BIOGRÁFICOS: Assentada no Assentamento Campo Alegre, Nova Iguaçu/RJ. Presidente da Regional Marapicu em Campo Alegre.

ENTREVISTADOR(ES): Paulo Roberto Alentejano

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa *Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais*, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1998 ou 1999

LOCAL: Assentamento Campo Alegre, Nova Iguaçu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en.LNST k7.maa	02 fitas k7/60min	Não	
MP3	MSPP/en.LNST mp3.maa	01h15min	Sim	Fitas reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en.LNST trans.maa	23 páginas	Sim	Incompleta. Times, 12, esp.simples

DESCRITORES:

Assentamento rural
Cooperação rural
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Mutirão
Nova Iguaçu (RJ)
Ocupação de terra
Procera – Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (Incra)
Produção agrícola
Reforma agrária
Rio de Janeiro
Trabalhador rural

SUMÁRIO:

Fita 1, Lado A – Fala sobre onde morava e com o que trabalhava antes de ir para o assentamento; conta sobre perda do emprego na cidade e sua ida para o assentamento; comenta sobre experiência anterior que possuía com a terra; diz que retorno à terra foi uma boa escolha; explica que ainda não está trabalhando na sua terra; fala sobre cooperativa de criação de galinhas que existiu no assentamento e sobre sua falência e dificuldades que possuem para produzir e comercializar; comenta sobre infraestrutura do assentamento, diz que não há escolas dentro da regional; fala sobre educação disponível para crianças e adolescentes e sobre disponibilidade de serviços de saúde para os assentados; afirma que comunidade está sendo prejudicada com as condições de tratamento médico; diz que não possuem transporte coletivo; explica porque assentados fazem suas compras em Nova Iguaçu; diz que não recebem auxílio alimentação; fala sobre atraso nas obras de infraestrutura em Marapicu; diz que região é área de risco; fala sobre condições da água retirada do solo; comenta sobre projetos para abastecer de água o assentamento; fala sobre condições da rede de energia; cita produtos produzidos na área de Marapicu; explica que estão comercializando na rua, que associação não está funcionando; opina sobre perspectivas do assentamento; afirma que nos períodos eleitorais aparece ajuda; fala sobre existência de reservas florestais na região, qualidade do solo e uso de técnicas de melhoria do solo e de agrotóxicos na produção; diz que não possuem problemas de erosão do solo e que o rio foi drenado durante campanha política de deputado; diz que rio já era poluído na época da ocupação; conta sobre drenagem do rio e explica porque chega poluído até a região do assentamento; afirma que, desde do início, cada regional criou a sua associação; cita cargos existentes na associação; opina que a associação está bem estruturada no papel, mas que na prática não; diz que muitas famílias da regional não são filiadas à associação; explica que alguns pais de família possuem roça no assentamento, mas também saem para trabalhar na cidade; afirma que sindicato de trabalhadores rurais da região está fraco; diz que nem o sindicato, nem o MST tem aparecido na região; diz que mulheres não estão organizadas em Marapicu; afirma que única organização de jovens que existe é religiosa; cita igrejas presentes em Marapicu: Católica, Assembleia de Deus, Batista; diz que maioria dos assentados são evangélicos; diz que não existem rixas, mas que há preconceitos entre os fiéis;

Fita 1, Lado B – Diz que religião está sendo organizada no assentamento; comenta sobre culto ecumênico ocorrido no assentamento; opina sobre divisão religiosa dos assentados; afirma que desestruturação da associação não está relacionada com a questão religiosa; diz que assentamento não tem despertado interesse da mídia; diz que acesso ao Procerá foi durante a ocupação; conta casos de assentados que compraram seus próprios tratores; diz que não possuem contato com sindicatos urbanos; fala sobre contato com sindicato dos feirantes; comenta sobre cooperativa inaugurada com feirantes e artesãos; explica que ainda não possuem produção suficiente para tentar fazer contato com associações de moradores da cidade; diz que estão sem representantes políticos no assentamento; comenta sobre aproximação e apoio de políticos ao assentamento; diz não saber se há assentados afiliados a partidos; explica que não tem urna eleitoral em Marapicu, por isso não sabe dizer se predomina algum partido entre os assentados; reafirma que políticos só aparecem em época de campanha; diz que CPT está desativada no assentamento, que sua participação foi maior na parte religiosa; afirma que apoio político da CPT não foi definido; comenta sobre acesso que possuem à prefeitura e exemplifica apoio recebido desta; diz que problema de Nova Iguaçu é dinheiro; afirma que cidade está falida; opina porque pessoas do início do assentamento saíram de Marapicu; cita exemplos de alguns dessas pessoas; diz não ter problemas de tráfico ou de violência dentro de Marapicu; opina sobre problemas de Marapicu: falta de infraestrutura e abandono do governo; diz que maior apoio veio durante a ocupação, no primeiro governo Brizola; diz que governo de Moreira Franco não fez muita coisa, mas não deixou totalmente abandonado; afirma que não tiveram ajuda nenhuma no segundo governo Brizola; conta que pessoas que saíram do assentamento venderam seus lotes; comenta sobre único caso em que assentado devolveu lote para a associação antes de ir embora; opina sobre perfil das pessoas que compraram os lotes dos antigos assentados; fala sobre assessoria jurídica que estão recebendo da Procuradoria Geral do Estado; opina sobre problema de lotes abandonados;

Fita 2, Lado A – Diz que assentados precisam sair do assentamento para poder estudar; fala que alguns homens saem para trabalhar fora quando a produção está fraca; opina porque alguns assentados não prosperaram; explica porque não podem viver do que produzem; afirma que 70% do que consomem é comprado; diz que maioria da população da cidade nem sabe que eles são assentados; comenta sobre assentado que conseguiu prosperar na terra; diz que brasileiro não valoriza a roça; afirma que mentalidade é a de quem vive na roça é miserável; explica que Marapicu ainda não é vital para abastecer a cidade, mas que pode vir a ser; diz que ainda não possuem estrutura política e nem financeira para abastecer o município; comenta sobre ex-presidentes da Associação; fala sobre filhos dos assentados.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria das Neves dos Santos

DADOS BIOGRÁFICOS: Foi candidata a deputada estadual de Pernambuco em 1986 pelo PSB, sendo conhecida como a candidata “boia-fria”.

ENTREVISTADOR (ES): desconhecido

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Jornal do Comércio

TÍTULO DA MATÉRIA: “Boia-fria” candidata-se a deputada em Pernambuco

DATA: 08/06/1986

LOCAL: desconhecido

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais.

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LN ST.cli.mns	1 página	Sim	

DESCRITORES:

**Barragem do Carpina
Feminismo
PSB – Partido Socialista Brasileiro**

SUMÁRIO:

Fala sobre sua trajetória política; fala sobre sua participação no movimento das mulheres; fala sobre os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, pelo qual ela lutará se eleita; conta sobre sua comunidade que vivem na Barragem do Carpina.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria de Fátima Lima Bandeira, Maria Oneide da Costa Lima, Elizabeth Teixeira, Santina Gracielle e Maria Pinheiro Pereira.

DADOS BIOGRÁFICOS: Maria de Fátima Lima Bandeira (esposa de Benedito Alves Bandeira, perseguido e assassinado), Maria Oneide da Costa Lima (esposa de Raimundo Ferreira Lima, o Gringo, perseguido e assassinado em Conceição do Araguaia), Elizabeth Teixeira (esposa do líder camponês João Pedro Teixeira, perseguido e assassinado, líder da Liga Camponesa de Sapé), Santina Gracielle (integrante da Coordenação Nacional dos Movimentos dos Sem Terra), Maria Pinheiro Pereira (integrante da Comissão Executiva Estadual dos Sem Terra).

ENTREVISTADOR (ES): Jornalistas de O estado de São Paulo, Jornal do Brasil, Folha de Londrina, Correios de Notícias (Paraná), Revista Isto É e Jornal Sem Terra.

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Jornal dos Trabalhadores Sem Terra

TÍTULO DA MATÉRIA: “As mulheres vão à luta”

DATA: Não consta

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES: Reportagem veiculada no Jornal dos Trabalhadores Sem Terra, produzida a partir de um debate realizado com cinco lideranças femininas e a imprensa.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en.LNST cli.mme	01 página	Sim	

DESCRITORES:

Benedito Alves Bandeira (liderança camponesa)
Camponês
Ditadura Militar (1964 – 1985)
Goiás
João Pedro Teixeira (liderança camponesa)
Lavrador
Lideranças femininas
Ligas Camponesas
Luta pela terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Mulheres
Ocupação de terra
Pará
Paraíba
Raimundo Ferreira Lima (liderança camponesa)
Violência no campo

SUMÁRIO:

As entrevistadas falam sobre a luta das mulheres no campo e importância da presença feminina na luta pela terra; comentam assassinatos de seus maridos e contextos da época; relatam suas experiências dentro do Movimento dos Sem Terra.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria da Penha, Eliete, Elisabete de Souza, Bete Almeida do Vale, Querubina, Maria Soares e Dilma.

DADOS BIOGRÁFICOS: Maria da Penha é da executiva da CUT e da Coordenação nacional das Mulheres; Eliete é da Coordenação Estadual do MST do Espírito Santo; Elisabete de Souza é do Movimento das Mulheres da Bahia; Bete Almeida do Vale é da Bahia; Querubina é do Maranhão; Maria Soares e Dilma são de Alagoas.

ENTREVISTADOR(ES): Não consta

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Jornal dos Trabalhadores Sem Terra

TÍTULO DA MATÉRIA: “Organizar-se para conquistar”

DATA: fevereiro de 1988

LOCAL:

OBSERVAÇÕES: A entrevista foi feita no contexto de realização do IV Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no qual as mulheres atingiram a cifra de 20% dos delegados presentes.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e dirigentes de organizações não sindicais de trabalhadores rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.meb	01 página	Sim	

DESCRITORES:

CUT – Central Única dos Trabalhadores
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Mulher
PT – Partido dos Trabalhadores

SUMÁRIO:

As entrevistadas avaliam os significados da pouca presença das mulheres entre os delegados do IV Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; na sequência, indicam possíveis caminhos para ampliar a conquista das mulheres nos espaços de representação política.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria Gorete Sousa

DADOS BIOGRÁFICOS: Coordenadora político-pedagógica da ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes.

ENTREVISTADOR (ES): Flávia Mattar

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: *IbaseNet*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Além de ocupar as terras, precisamos ocupar as letras”

DATA: 06/05/2005 (data de veiculação)

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LNST.cli.mgs	10 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Cuba
Educação
Educação do campo
ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes
Governo Lula (2003-2006)
Igreja
Incrá – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Marcha Nacional pela Reforma Agrária
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Povos indígenas
Pronera – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UNB – Universidade de Brasília
Via Campesina

SUMÁRIO:

A entrevistada discorre sobre sua trajetória no MST; fala que, na época em que militava em comunidades eclesiais de base trabalhava-se para que o MST fosse divulgado nacionalmente; diz que o início do MST tem relação estreita com o trabalho pastoral da Igreja; declara que desde o início o Movimento se declara autônomo a partidos e instituições; examina que o método pedagógico do MST é construído a partir da realidade dos trabalhadores; conta que as escolas prezam a auto-organização e debates sobre as questões coletivas; descreve os objetivos e estratégias dos projetos educacionais e de sociedade; fala sobre a necessidade de uma educação diferenciada para o campo brasileiro; diz que a educação para o campo não deve ser estritamente profissionalizante e técnica, e sim de conhecimentos gerais; discorre sobre a situação atual do debate sobre a educação no campo; lembra que existe no MEC um grupo de estudo sobre a questão; ressalta que há um grande esforço do MST em implementar sua pedagogia em todas suas áreas de reforma agrária; fala que crianças do MST são discriminadas em escolas do estado; sublinha que no MST há um setor que discute a questão de gênero; fala sobre a relação do MST e sua pedagogia com as prefeituras; comenta sobre o ingresso do corpo docente das escolas do Movimento; discorre sobre o processo educativo e de militância; descreve as condições de infraestrutura das escolas e do trabalho dos docentes; fala sobre o processo de avaliação; fala sobre os convênios feitos pelo MST no setor; discorre sobre a Escola Florestan Fernandes; argumenta sobre a importância deste tipo de iniciativa; comenta sobre o apoio financeiro do governo federal; discorre sobre a Marcha Nacional pela Reforma Agrária; analisa a política do governo federal perante o campo brasileiro.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria José França Barbosa

DADOS BIOGRÁFICOS: Na época da entrevista, era tesoureira da cooperativa do assentamento São Domingos (Conceição do Macabu/RJ).

ENTREVISTADOR(ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa *Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais*, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1997 ou 1998

LOCAL: Assentamento São Domingos, Conceição de Macabu, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: Áudio incompleto.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en.LNST k7.masd	02 fitas k7/ 60min	Não	
MP3	MSPP/en.LNST mp3.masd		Sim	Fita reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Assentamento rural
Assentamento São Domingos
Cooperação rural
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Cachoeiras de Macacu (RJ)
Conceição de Macabu
Ocupação de terra
Produção agrícola
Reforma agrária
Rio de Janeiro
Trabalhador rural

SUMÁRIO:

Fita Única, Lado A – Apresenta-se: nome, idade e diz que não queria sair de Itaguaí, onde morava; conta como souberam da ocupação, trabalho que ela e o marido exerciam anteriormente e período em que ele ficou acampado; fala sobre ida para o assentamento, alternadas com idas a Itaguaí; comenta dificuldades e reação inicial da população urbana; comenta sua atuação dentro do assentamento (tesoureira da cooperativa) e o período em que participou da direção da associação; diz que na cidade não participava muito de associações da comunidade; opina sobre pessoas que vendem seu lote; explica quem mora e quem toca a terra no seu lote; conta que, às vezes, seu marido ainda pega trabalho de pedreiro; explica relacionamento conflituoso com profissionais da Emater e que assistência técnica é ruim; elogia trabalho realizado por uma extensionista e que mulheres do assentamento não souberam aproveitá-la; explica porque muitos lotes estão em nome de mulheres; comenta sobre participação destas na diretoria da associação e diretoria de saúde.

Fita Única, Lado B – Comenta sobre agentes de saúde e sobre médico que trabalhava no assentamento; critica ausência de apoio do prefeito Leopoldo César da Silva, antigo agente de saúde no assentamento; comenta sobre vereadores candidatos pelo assentamento; fala sobre apoio de assentados a campanhas políticas e envolvimento das Igrejas nas eleições; diz que dentro da cooperativa há muitos evangélicos; comenta atuação de diferentes padres e agentes de pastoral e sua atuação dentro do assentamento; fala sobre ajuda de padre e freiras da CPT durante ocupação da Capelinha; fala sobre Romaria da Terra; diz que CPT já atuou no assentamento mas que não formou ninguém que pudesse dar continuidade ao trabalho; explica projeto da “Casa de Costura” que tentaram desenvolver com apoio da CPT; cita material adquirido para o projeto; fala sobre projeto da “Cozinha Industrial”; diz que escola ocupa local onde seria desenvolvido o projeto; explica os cursos realizados no assentamento: quem participa, seleção; diz que quando existe demanda por algo buscam em diferentes instituições e órgãos públicos; opina sobre relação entre a Câmara e o assentamento; fala sobre dificuldade que tiveram em conseguir o Procerá; diz que nunca tiveram apoio político para conquistar o que necessitavam; fala sobre relação entre o assentamento e a prefeitura; comenta sobre fechamento da escola e necessidade de buscar outro local de estudo para as crianças.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Maria Lúcia da Cruz Pessanha

DADOS BIOGRÁFICOS: Liderança do Assentamento Novo Horizonte, Campos de Goytacazes, RJ

ENTREVISTADOR(ES): Leonilde Servolo de Medeiros e outro entrevistador não identificado

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para pesquisa “Impactos regionais dos assentamentos rurais. Dimensões econômicas, políticas e sociais”, financiada pela Finep – Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal, coordenada por Leonilde Medeiros e Sérgio Leite.

DATA: 1998

LOCAL: Imbé, Assentamento Novo Horizonte, Campos de Goytacazes, RJ

ROTEIRO: () SIM (X) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/En. LNST.k7.lunh	2 Fitas K7/ 60 min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (com chiado).
MP3	MSPP/En. LNST.mp3.lunh	01h49min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/En. LNST.Trans.lunh	29 páginas	Sim	Digitada

DESCRITORES:

Alfabetização de jovens e adultos
Anthony Garotinho (prefeito de Campos dos Goytacazes, RJ)
Anthony Garotinho (radialista)
Associação rural
Campos dos Goytacazes (RJ)
Cana de açúcar
Comercialização agrícola
Conceição de Imbé (Campos dos Goytacazes, RJ)
Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
Cooperativismo
Cortadores de cana
Educação rural
Eletrificação rural
Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Energia elétrica
Estado e políticas públicas
Feira da roça (Campos dos Goytacazes, RJ)
Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
Incrá - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Participação política
Procera - Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (Incrá)
Produção agrícola
Projeto Lumiar (Incrá)
Reforma Agrária
Representação política
Saúde no campo
Sindicalismo rural
Usina Novo Horizonte (RJ)

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - Fala sobre sua origem e as condições de vida em família; conta como saiu de Novo Horizonte para trabalhar como doméstica em Campos aos nove anos de idade e de seu retorno a região; relata que atuou como professora ao longo dos anos e a luta para garantir uma escola na área da usina; fala da falência da Usina, a chegada do Incra e de reforma agrária; comenta sobre a orientação do sindicato a época da desapropriação; fala sobre o início das roças no local e sobre o processo de loteamento feito pelo Incra; relata como se deu a criação da Associação de Produtores do local, recursos recebidos pelo Procera e a relação com a Emater.

Fita 1 lado B - fala da compra de um trator com os recursos do Procera; comenta as relações pessoais e políticas na área; conta sua relação com o STR de Campos e como se deu a

organização das associações da região; fala sobre a instalação de energia elétrica no assentamento; comenta sobre uma dívida que o assentamento tem com o Procera e que ninguém encontrou os responsáveis pelo recebimento do recurso; relata a organização de um projeto para a produção agrícola que teve apoio da Emater; faz avaliações sobre o uso dos recursos de Procera e de fomento no assentamento; conta sobre a criação da Feira da Roça em Campos e a estruturação do assentamento.

Fita 2 lado A – Fala sobre os recursos do Procera recebido em 1993 e como foram usados; trata da relação com a prefeitura de Campos dos Goytacazes, em especial com o prefeito Anthony Garotinho; comenta a importância da Feira da Roça; trata da relação com a prefeitura e com os vereadores; relata como se dão as solicitações da Associação ao prefeito; comenta sobre sua candidatura e de outros assentados à Câmara de Vereadores; volta a falar sobre a instalação da energia elétrica no assentamento.

Fita 2 lado B - Fala sobre a importância de receberem energia elétrica na área; avalia a relação com o STR; trata da organização local das associações; relata a necessidade de assistência técnica na área; fala sobre os planos da comunidade e as conversas com o prefeito; volta a falar das necessidades da comunidade; fala sobre a construção de alianças com o MST na região; termina falando da possibilidade de criarem uma cooperativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Moisés

DADOS BIOGRÁFICOS: Foi membro da Associação dos Lavradores e fundador da Cooperativa de Capivari (Duque de Caxias, RJ). Acompanhou as lutas dos trabalhadores rurais pela terra na região da Baixada Fluminense. Desde a década de 1940, participou do processo de ocupação e desapropriação da fazenda Capivari (Duque de Caxias, RJ).

ENTREVISTADOR (ES): Joaquim Paulo da Silva Filho

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista desenvolvida para a pesquisa “Sindicalismo Rural no Estado do Rio de Janeiro”.

DATA: 1982

LOCAL: Duque de Caxias, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.mo	02 Fitas K7 / 60 min	Não	Fitas em bom estado físico. Áudio regular (com ruído).
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.mo	02h02min	Sim	Fitas 1 e 2 reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LNST.res.mo	04 páginas	Sim	Resumo digitado desenvolvido a partir do áudio.

DESCRITORES:

Associação de Lavradores de Capivari (Duque de Caxias, RJ)
Adolfo Nunes (sindicalista)
Chico Silva (liderança)
Cooperativa de Capivari (Duque de Caxias, RJ)
Desapropriação de terra
Duque de Caxias (RJ)
Fazenda Morro Grande (Miguel Pereira, RJ)
Fazenda São Lourenço (Duque de Caxias, RJ)
Guaraciaba Matias Prata (liderança)
Governo Figueiredo (1979-1985)
Luta pela terra
NAF – Núcleo Agrícola Fluminense
Padre Aníbal (liderança)
Parque Capivari (Duque de Caxias, RJ)
PST – Partido Social Trabalhista
Paulo Amaral (advogado)
Piranema (Itaguaí, RJ)
STR de Duque de Caxias
Tenório Cavalcanti (PST)
Transporte Ferroviário

SUMÁRIO:

Fita 1 – Inicia a entrevista falando dos problemas das terras de Caxias: posseiros, invasões, grileiros, desapropriações etc; cita casos específicos, como da Fazenda Santo Antônio e São Lourenço, que estavam em seu terceiro processo de desapropriação; comenta sobre um ramal de trem que havia em Xerém, fundamental para o escoamento da produção, e que foi desativado; cita que a área, na década de 1940, não era foco de interesses, em razão da epidemia de febre amarela; diz que na década de 1940 algumas empresas entraram na área para fazer o saneamento da Baixada e é neste momento que começam as lutas na região; cita Guaraciaba Matias Prata, Chico Silva, os “Capacetes Verdes” como participantes ativos nestas lutas; fala sobre seu envolvimento nas lutas; faz um histórico sobre as lutas e os problemas de Capivari, citando, dentre outras questões, a presença de Padre Aníbal que, segundo o entrevistado, surgiu apenas para tumultuar o movimento na região; fala sobre o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Caxias e seu presidente – Adolfo Nunes – que estaria mancomunado com grileiros e a Polícia; esclarece que buscou apoio em Nova Iguaçu, através do advogado Paulo Amaral; faz críticas quanto à atuação do Incra na região, que dificilmente atua a favor do trabalhador; fala sobre tentativas de despejo e o papel da Associação de Lavradores na defesa dos trabalhadores rurais; explica que a Associação de Lavradores não promovia invasões, mas orientava e apoiava as realizadas; cita casos de invasão, como Piranema e São Lourenço; fala sobre o caso Capivari e o não apoio dado pela Fetag e pelo STR de Caxias; retoma críticas à atuação negativa do Padre Aníbal em Capivari, assim como critica o Plano Piloto de Ação Agrária; fala sobre a extração de lenha na região – ilegal – promovida inclusive com intermediação de Tenório Cavalcanti.

Fita 2 – Conta que na década de 1970 acusou o presidente da Cooperativa de Capivari de desvio de dinheiro; diz que os posseiros de Capivari ainda não têm seus títulos de posse por desinteresse tanto da cooperativa, quanto de Chico Silva, a quem tece inúmeras críticas; fala sobre o NAF (Núcleo Agrícola Fluminense) do qual foi fundador; explica a “invasão” da Fazenda Morro Grande, que era defendida pelo Dr. Paulo Amaral; culpa Adolfo Nunes pela ameaça de despejo aos posseiros de Morro Grande; comenta ter sido presidente da Cooperativa de Capivari, mas não se recorda em que ano; cita locais aonde ainda há muito debate, como as fazendas Penha e Caixão; faz críticas à advogada Consuelo e sua atuação prejudicial tanto em Capivari, quanto em Penha e Caixão; conclui criticando o NAF, sindicato e cooperativa por nenhum dos três terem espírito coletivo.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Pedro Renaux Duarte

DADOS BIOGRÁFICOS: Militante do Partido Comunista Brasileiro. Ingressou, por concurso, como servente na Empresa de Correios e Telégrafos em 1936 e foi promovido a carteiro em 1944. Em 1946 participou como liderança na fundação da Liga Camponesa de Iputinga (PE). Elegeu-se vereador também em 1946. No ano de 1950 teve seu mandato e direitos políticos cassados, também foi preso e torturado inúmeras vezes, enquadrado sob a Lei de Segurança Nacional. Nasceu em Recife (PE).

ENTREVISTADOR (ES): Leonilde Servolo de Medeiros

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: A entrevista foi feita quando a entrevistadora soube que ele estava no Rio de Janeiro e procurou-o pela importância que ele teve na fundação das primeiras organizações de trabalhadores.

DATA: Década de 1980

LOCAL: Curicica, Rio de Janeiro, RJ

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes de Organizações Não Sindicais de Trabalhadores Rurais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE / TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LNST.k7.pr	01 Fita Micro K7/ 60min	Não	Fita em bom estado físico. Áudio regular (desequalizado). Há outra entrevista, com diferente entrevistado, gravada.
MP3	MSPP/en. LNST.mp3.pr	00h21min	Sim	Trecho correspondente à entrevista convertido em formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

Canavieiro
Cooperativismo
Estado Novo
Governo Agamenon Magalhães (1937-1945)
Governo Cordeiro de Farias (1955-1958)
Governo Demerval Peixoto (1946-1947)
Governo Vargas (1930-1945)
Greve
Iputinga (PE)
Ligas Camponesas
Lyndolpho Silva (membro do PCB)
PCB – Partido Comunista Brasileiro
Recife (PE)
Violência no campo

SUMÁRIO:

Fala sobre a organização dos trabalhadores durante o Estado Novo; afirma que uma forte reorganização fez-se possível a partir do governo estadual de Agamenon Magalhães (1937-1945); fala sobre a cooperativa dos agricultores no governo de Demerval Peixoto (1946-1947, Pernambuco) e afirma que neste período as terras foram, pela primeira vez, registradas pelo Estado; conta que a origem camponesa vem dos avós; fala sobre sua filiação ao PCB – Partido Comunista Brasileiro em 1945 e porque se voltou em especial para a questão rural; conta como os camponeses se organizaram para vender sua produção; fala sobre a atuação política da Associação e narra as perseguições aos camponeses durante o governo estadual de Cordeiro de Farias (1955-1958); fala sobre as greves canavieiras da década de 1950; descreve sua relação com Lyndolpho Silva.